

Domingas Monteiro de Sousa

Linguagem, compreensão leitora e qualidade de vida dos académicos da Universidade da Maturidade



Porto, 2022

Domingas Monteiro de Sousa

Linguagem, compreensão leitora e qualidade de vida dos académicos da Universidade da Maturidade



Porto, 2022

© 2022

Domingas Monteiro de Sousa

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Domingas Monteiro de Sousa

Linguagem, compreensão leitora e qualidade de vida dos acadêmicos da Universidade da Maturidade

Atesto a originalidade do meu trabalho

Tese apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutoramento em Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem, sob a orientação da orientadora Professora Doutora Ana Rodrigues da Costa.

RESUMO

DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA: Linguagem, Compreensão Leitora e Qualidade de Vida dos Acadêmicos da Universidade da Maturidade (Sob orientação da Professora Doutora Ana Rodrigues da Costa)

Esta pesquisa busca investigar a contribuição da compreensão leitora e da linguagem para a qualidade de vida de alunos que participam da Universidade da Maturidade, considerando o sexo, a idade, a profissão e a escolaridade. Como objetivos específicos temos: entender as expectativas dos alunos para a matrícula na UMA; conhecer a percepção dos alunos quanto à linguagem, relação com familiares e compreensão do mundo através da oralidade e da leitura, antes e depois da frequência da mesma; conhecer a avaliação dos alunos quanto à satisfação com a frequência da UMA; saber a avaliação que os alunos fazem sobre a preparação e conhecimento especializado da equipa de gestão da UMA; conhecer a importância da frequência da UMA representada para a vida dos participantes; constatar quais as atividades preferidas dos alunos que compõem a grade curricular; verificar se existe relação entre a escolaridade, anos frequência da UMA e percepção das capacidades linguísticas (percepção de melhoria da oralidade, na leitura dos textos, compreensão leitora e do mundo através da oralidade); avaliar a compreensão leitora atual e a percepção sobre a mesma antes e depois da frequência na UMA; compreender a relação entre os resultados do teste cloze e a escolaridade, profissão, sexo, estado civil e idade; saber se existe relação entre gostar de ler e a escolaridade, o sexo, a profissão, o estado civil, a idade e os anos de frequência na UMA; avaliar a qualidade de vida dos alunos após o ingresso na UMA. Seguirá uma abordagem quanti-qualitativa a forma estudo de caso. As informações foram coletadas por meio do questionário “EU e a UMA”, carta de intenções, o WHOQOL-Bref e o teste *Cloze*. Os participantes foram acadêmicos da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins, com idades de 45 acima, de ambos os sexos, casados, viúvos ou divorciados. A maioria com ensino médio completo e fundamental incompleto. Os resultados evidenciaram melhoria nas capacidades linguísticas, na compreensão leitora, e indicaram melhoria significativa na qualidade de vida dos alunos. Sugere-se realizar estudos com amostras populacionais maiores, a fim de encontrar relevante estatística dos dados junto às necessidades provenientes do envelhecimento humano.

Palavras-chave: Adultos. Compreensão leitora. Linguagem. Velhice.

ABSTRACT

DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA: Language, Reading Comprehension and Quality of Life of the Academics of the Universidade da Maturidade (Under the orientation of professor Ana Rodrigues da Costa, PhD)

This research seeks to investigate the contribution of reading comprehension and language to the quality of life of students who participate in the Universidade da Maturidade, considering gender, age and socioeconomic level. As specific objectives we have: to understand students' expectations for enrollment at UMA; to know the students' perception of language, relationship with family members and understanding of the world through orality and reading, before and after attending; to know the students' assessment of satisfaction with attending the UMA; to know the assessment that students make about the preparation and specialized knowledge of the UMA management team; to know the importance of the attendance of the represented UMA for the participants' lives; to verify which are the preferred activities of the students that make up the curriculum; to verify if there is a relationship between schooling, years of attendance at UMA and perception of language skills (perception of improvement in orality, in reading texts, reading comprehension and the world through orality); assess current reading comprehension and perception of it before and after attending UMA; understand the relationship between cloze test results and education, occupation, sex, marital status and age; whether there is a relationship between liking to read and education, sex, profession, marital status, age and years of attendance at UMA; assess the quality of life of students after joining UMA. The case study form will follow a quantitative-qualitative approach. Information was collected through the "EU e a UMA" questionnaire, letter of intents, the WHOQOL-Bref and the Cloze test. Participants were academics from the Universidade da Maturidade, Universidade Federal do Tocantins, aged 45 and over, of both genders, married, widowed or divorced. Most have completed secondary school and incomplete elementary school. The results showed improvement in language skills, in reading comprehension, and indicated a significant improvement in the students' quality of life. It is suggested to carry out studies with larger population samples, in order to find relevant statistics of the data together with the needs arising from human aging.

Keywords: Adults. Reading comprehension. Language. Old age.

RÉSUMÉ

DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA: Linguistique, Compréhension Lecteur et Qualité de Vie des Académiques de l'université de Maturidade (sous l'orientation de l'enseignante Doutora Ana Rodrigues da Costa)

Cette recherche vise à étudier la contribution de la compréhension lecteur et du langage pour la qualité de vie des élèves qui fréquentent l'Université de Maturidade considérant le sexe, l'âge et le niveau socio-économique. Comme objectifs spécifiques nous avons: comprendre les attentes des étudiants pour l'inscription à l'UMA; connaître la perception des élèves quant au langage, lien de parenté et compréhension du monde à travers l'oralité et la lecture, avant et après la fréquence de celle-ci; connaître l'évaluation des élèves quant à la satisfaction de la fréquence à l'UMA; Connaître l'évaluation que les élèves font sur la préparation et la connaissance spécialisée de l'équipe de gestion de l'UMA; connaître l'importance de la fréquence de l'UMA représenté pour la vie des participants; constater quelles sont leurs activités préférées qui composent le programme scolaire; Vérifier s'il existe une relation entre la scolarisation, les années de fréquence de l'UMA et la perception des capacités linguistiques (perception de l'amélioration de l'oralité, de la lecture des textes, compréhension lecteur et du monde à travers l'oralité); évaluer la compréhension lecteur actuelle et la perception de celle-ci avant et après la fréquence à l'UMA; comprendre la relation entre les résultats du teste closure, la scolarisation, la profession, le sexe, l'état civil, et l'âge; savoir s'il existe une relation entre aimer lire et la scolarisation, le sexe, la profession, l'état civil, l'âge et les années de fréquence à l'UMA; évaluer la qualité de vie des élèves après l'admission à l'UMA. Il suivra une approche quantitative-qualificative sous forme d'étude de cas. Les informations ont été recueillies à travers le questionnaire "Eu e a UMA" lettre d'attention, le WHOQOL-Bref et le teste Cloze. Les participants étaient académiques de l'Université de Maturidade Federal du Tocantins, à l'âge de 45 ans ou plus, des deux sexes, mariés, veufs ou divorcés. La plupart ont fini le lycée et l'école primaire incomplète. Les résultats ont montré une amélioration des compétences linguistiques, de la compréhension lecteur et ont indiqué une amélioration significative de la qualité de vie des élèves. Il est suggéré de mener des études avec des échantillons de populations plus larges, afin de trouver des statistiques pertinentes des données ainsi que les besoins provenant du vieillissement humain.

Mots-clés: Adultes. Compréhension lecteur. Langage. Vieillesse.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a Deus e aos meus pais, Francisco Monteiro de Sousa e Maria Vieira de Sousa (in memoriam), pela base familiar que a mim outorgaste e pelo amor e dedicação aos filhos. Pela luta cotidiana na perspectiva de oferecer àqueles um futuro promissor. A eles que tudo fizeram pela formação pessoal e educacional da prole.

Sou resultado do processo missionário e visionário de Francisco e Maria. Estes, que não conseguiram esperar para caminhar comigo nessa marcha, contudo, seus ensinamentos me fazem traçar novos rumos e me reconhecer nos “encontros”, que ainda sou e sempre serei “aprendiz”, porque pensar nas suas lutas e nos esforços para trazer ao meu mundo, a força do conhecimento e a magia da persistência, traz à compreensão que olhando a memória de vocês, sempre encontro motivos para não desistir.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus pela força da sua grandeza nessa caminhada. Sem Ele eu não teria chegado a este fim. Com Ele, no caminho encontrei seres iluminados que depositaram em mim o apoio necessário para o prosseguir.

Durante essa escrita, algumas vezes parei, olhei para trás, mas resolvi persistir. Viver os meus sonhos antes sonhados por Deus, na crença de que os sonhos de Deus sempre serão maiores que os meus.

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Rodrigues da Costa, pela disponibilidade e exímia dedicação. Seus predicados afetivos, congregados a competência e profissionalismo ancoram-se no símbolo do girassol. Registra-se aqui, meu eterno reconhecimento e gratidão. Pois na qualidade de orientadora, tornou-se fonte de inspiração e aprendizado para minha vida. Muito obrigada!

Aos professores do curso do doutoramento, pela habilidade em compartilhar conhecimentos.

Aos alunos da Universidade da Maturidade de Araguaína, pela participação voluntária nesse processo, pelas atitudes colaborativas e credibilidade ao meu trabalho.

À minha família, em especial a minha irmã Teresinha, pela força que me apoiou no caminhar até aqui. Aos meus amados genitores (in memoria) a todos os meus irmãos, irmãs e sobrinho (as) por acreditarem em mim desde sempre. A presença de vocês, ainda que muitas vezes oculta pelas circunstâncias laborais ou longitudinais, foi a base para não me sentir sozinha, por saber que sempre estarão em mim.

Às amigas Francisca Costa e Aleksandra Maffei pelo apoio e cooperação, confirmados nos momentos mais precisos, o meu carinho. Muito obrigada!

À professora Doutora Mara Cleusa Peixoto Assis, pela emblemática contribuição e apoio de sempre e, sobretudo àqueles que mantiveram a lealdade, competência e honradez na amizade sincera e confiabilidade.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I - A linguagem e a compreensão leitora na adultez e na velhice.....	29
Introdução	29
1.1 A linguagem	29
1.2 A linguagem na construção do “ser”	34
1.3 Filosofia da Linguagem e velhice nas vozes de Bakhtin.....	39
1.4 Linguagem e envelhecimento	45
1.5 A compreensão leitora e suas funcionalidades	50
1.6 A compreensão leitora e a Técnica de <i>Cloze</i> : breves considerações.....	60
1.7 Adultez e velhice é o que é: questões terminológicas	65
1.8 Velhice: sob o olhar dos atos oficiais	68
Síntese.....	74
CAPÍTULO II - Qualidade de vida	77
Introdução	77
2.1 Qualidade de vida: alguns conceitos	78
2.2 Qualidade de vida do velho e na velhice	84
Síntese.....	95
CAPÍTULO III - Estudo empírico	97
Introdução	97
3.1 A instituição onde a pesquisa foi realizada	98
3.2 Objetivos geral e específicos	106
3.3 Método.....	108
3.1.1 <i>Participantes</i>	110
3.1.2 <i>Materiais</i>	111
3.1.2.1 Questionário “Eu e a UMA”	112
3.1.2.2 Teste Cloze	112
3.1.2.3 Whoqol- Bref.....	113
3.1.2.4 Cartas de Intenções “O meu passaporte”	116
3.1.3 <i>Procedimentos</i>	118

Análise de Conteúdo.....	120
Abordagem quanti-qualitativa	123
3.4 Apresentação de resultados	125
Objetivo 1: Entender as expectativas dos alunos para a matrícula na UMA.....	125
Objetivo 2: Conhecer a percepção dos alunos quanto à linguagem, relação com familiares e compreensão do mundo através da oralidade e da leitura, antes e depois da frequência da mesma.	131
Objetivo 3: Conhecer a avaliação dos alunos quanto à satisfação com a frequência da UMA.....	135
Objetivo 4: Saber a avaliação que os alunos fazem sobre a preparação e conhecimento especializado da equipa de gestão da UMA.	135
Objetivo 5: Conhecer a importância da frequência da UMA representa para a vida dos participantes.....	136
Objetivo 6: Constatar quais as atividades preferidas dos alunos que compõem a grade curricular.....	137
Objetivo 7: Verificar se existe relação entre as variáveis escolaridade, anos frequência da UMA e percepção das capacidades linguísticas (percepção de melhoria da oralidade, melhoria na leitura dos textos, compreensão leitora e compreensão do mundo através da oralidade);.....	139
Objetivo 8: Avaliar a compreensão leitora atual e a percepção sobre a mesma antes e depois da frequência na UMA	139
Objetivo 9: Compreender a relação entre os resultados do teste cloze e a escolaridade, profissão, sexo, estado civil e idade.	141
Objetivo 10: Saber se existe relação entre gostar de ler e a escolaridade, o sexo, a profissão, o estado civil, a idade e os anos de frequência na UMA.	141
Objetivo 11: Avaliar a qualidade de vida dos alunos após o ingresso na UMA	141
3.5 Discussão de resultados	146
3.6 Síntese.....	164
CONCLUSÃO.....	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	172

ANEXOS

Anexo A: Questionário “Eu e UMA”

Anexo B: Teste Cloze. Texto “Posso viver melhor”

Anexo C: Questionário Whoqol-Bref

Anexo D: Parecer da Plataforma Brasil

Anexo E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Anexo F: Validação Teste Cloze

Anexo G: Autorização - Coordenação da UMA

Anexo H: Autorização - Diretor do Campus Universitário

Anexo I: Autorização - Reitor da UFT

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 *Cidades polos da Universidade da Maturidade no Estado do Tocantins* 102

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 <i>Demonstrativo dos temas, áreas e autores</i>	26
Quadro 2 <i>Demonstrativo da metodologia da pesquisa e autores</i>	27
Quadro 3 <i>Demonstrativo da metodologia proposta</i>	98
Quadro 4 <i>Texto para o Teste Cloze Posso viver melhor</i>	113
Quadro 5 <i>Domínios e facetas do “Whoqol-Bref”</i>	115
Quadro 6 <i>A equipe de gestão da Universidade da Maturidade apresenta preparação e conhecimento especializado para o trabalho e atendimento?</i>	136
Quadro 7 <i>O que a Universidade da Maturidade representa para você?</i>	137
Quadro 8 <i>Categorização das atividades internas e externas de preferência na UMA</i>	138
Quadro 9 <i>Caracterização das categorias sobre a avaliação da qualidade de vida antes e após o ingresso na UMA</i>	146

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 <i>População brasileira - IBGE - Censo 2010</i>	89
Tabela 2 <i>Caracterização demográficas dos participantes da pesquisa tendo em atenção o sexo, a idade, a escolaridade, estado civil e a profissão Idade</i>	111
Tabela 3 <i>Como conheceu a UMA tendo em atenção o sexo</i>	126
Tabela 4 <i>Expectativas dos alunos quanto a matrícula na UMA</i>	128
Tabela 5 <i>Classificação das categorias sobre a frequência à UMA quanto à linguagem oral, relação com familiares e compreensão do mundo através da oralidade</i>	132
Tabela 6 <i>Resultados do Teste Cloze segundo o critério literal</i>	140
Tabela 7 <i>Caracterização da qualidade de vida e respectivos valores em atenção ao sexo e idade</i>	142
Tabela 8 <i>Classificação dos domínios da Qualidade de Vida</i>	142

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AC – Análise de Conteúdo
- BPC – Benefício de Prestação Continuada
- CANTAB – Bateria de testes neuropsicológicos automatizados de Cambridge
- CRFB – Constituição da República Federativa do Brasil
- CEP – Comitê de Ética em Pesquisa.
- CMDI – Conselho Municipal dos Direitos dos Idosos.
- COMDIPI – Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa.
- CNDI – Conselho Nacional dos Direitos do Idoso
- CNPJ – Cadastro Geral de Pessoa Jurídica
- DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
- EPI – Estatuto da Pessoa Idosa.
- HIIT – Treino Intervalo de Alta Intensidade
- HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana
- AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
- HRQL – Health Related Quality of Life
- IBGE – Instituto Brasileiro de Estatísticas e Geografia.
- IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
- IES – Instituição de Ensino Superior.
- INAF – Indicador de Analfabetismo Funcional
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
- LEX – Exercitadores ao longo da vida pareados pela idade
- LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social
- MEC – Ministério da Educação e Cultura
- MEEM – Mini Exame do Estado Mental
- MMSE – Mini Mental State Examination
- MP – Ministério Público
- MS – Ministério da Saúde
- NSE – Profissão e escolaridade
- OEA – Organização dos Estados Americanos

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas.

PNI – Política Nacional do Idoso.

PPP – Projeto Político Pedagógico.

QV – Qualidade de Vida

QVS – Qualidade de Vida e da Saúde

SED – Sedentários

SF-12 – Short-Form Health Related Survey

SF-36 – Medical Outcomes Study 36 – Item Short – Form Health Survey

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

WHOQOL – World Health Organization Quality of Life

UFT – Universidade Federal do Tocantins.

UMA – Universidade da Maturidade

UNATI – Universidades Abertas à Terceira Idade

TI – Terceira Idade

INTRODUÇÃO

Considerando os avanços da densidade demográfica e sua incidência no segmento etário da população idosa, o contexto vai requerer mudanças nos modos de pensar e conceber as implicações oriundas desse processo. O envelhecimento populacional requer novas orientações em termos de uma perspectiva para o desempenho de papéis que o idoso exerce atualmente na sociedade. Esta realidade motiva estudiosos a empreender buscas de respostas de ordem endógenas e exógenas sobre esse novo componente nos segmentos da Geriatria e da Gerontologia,

No Brasil, considera-se que a pessoa é idosa a partir dos 60 anos de idade. Porém, a definição de idade para estabelecer o início do envelhecimento é intuitiva e controversa. O processo de envelhecimento é individual e assume particularidades distintas e, associá-lo à somente idade cronológica configura apenas uma percepção grosseira desse processo, além de retirar do envelhecimento suas feições sociais e seus aspectos históricos (Wong & Moreira, 2000).

O envelhecimento populacional é fato que exige o desenvolvimento de programas e ações capazes de contemplar a promoção da saúde na velhice, visando um envelhecimento ativo, participativo e saudável conforme as recomendações da Organização Mundial de Saúde [OMS] (2005). É preciso que a sociedade, de forma geral, repense com urgência as atitudes em relação ao idoso com o fito de evitar que a velhice se torne mais um problema social, uma vez que está caracterizada como uma fase de declínio do domínio de capacidades, portanto, de dependência, incapacidade, isolamento e doença (OMS, 2005).

O Envelhecer se constitui de uma experiência única e singular, visto que acontece de maneira heterogênea, tanto entre sujeitos, quanto em diferentes grupos sociais, acatando que a definição de velhice perpassa por questões sociais e culturais. Isso indica que as pesquisas sobre o envelhecer necessitam contemplar, além da preocupação com doenças relacionadas à idade deve ter também, um olhar direcionado para o bem-estar do idoso. Dessa forma é imprescindível que os aspectos biológicos sejam considerados nesse processo, sem, contudo, esquecer a relevância dos aspectos históricos, sociais e culturais.

Um dos elementos que destacam atenção no processo de envelhecimento e têm sido objeto de investigação por parte de estudiosos são os aspectos que chamam a atenção para a qualidade de vida dos idosos.

No cenário em que a qualidade de vida das pessoas idosas vem sofrendo modificações, nas condições favoráveis para uma vida socioeconômica satisfatória, pode-se estabelecer uma apresentação dos idosos sobre os mecanismos de qualidade de vida e as interferências das condições que comungam em respeito ao processo de envelhecimento considerando a singularidade, condição de vida, os valores da sociedade, e as expectativas dos indivíduos, que podem ser mutáveis com o passar do tempo. Paschoal (2006), também avalia que alguns determinantes são imutáveis como raça, sexo, ambiente social e familiar, mas, hábitos e estilos de vida, maneira de encarar a vida e o meio ambiente, assistência ao idoso e políticas públicas vistas como qualidade de vida dos idosos, são amplamente alteráveis.

Segundo Souza et al. (2018), com o passar dos anos, a qualidade de vida é atingida por transformações ocorridas no percurso do processo de envelhecimento e, não obstante, o avanço da população idosa e da expectativa de vida evidenciada no Brasil, e no mundo, tem sido denominada Revolução da Longevidade (Pinto et al., 2016). Nessa perspectiva, o próprio aumento da expectativa de vida se rotula um fenômeno de interesse, tendo em vista o seu impacto na qualidade de vida relacionado a essa etapa do envelhecer (Tavares et al., 2016).

A partir da estrutura teórica das representações sociais é importante e claro que os significados atribuídos socialmente a esses fenômenos, estão presentes na forma de interação social (Soares et al., 2014). Nesse caráter, abordar o estudo do envelhecimento e da qualidade de vida na velhice, por meio das representações sociais permitem a compreensão de uma forma inerente de conhecimento do mundo, em que são construídos e compartilhados pelos grupos, um conjunto de conhecimentos, conceitos e esclarecimentos acerca de determinado tema ao longo das conversações interpessoais estabelecidas no cotidiano (Brito et al., 2018).

Por conseguinte, a linguagem chama a atenção por ser um elemento de comunicação entre os sujeitos e tem sido olhada a partir de manifestações de processos patológicos (Arantes, 2006; Wong & Moreira, 2000).

Partindo do entendimento de que todo sujeito está inserido em uma intrincada rede dialógica, a linguagem torna sumamente importante para a manutenção da saúde e da qualidade de vida no processo de envelhecimento, visto que o uso da linguagem perpassa os diversos segmentos da atividade humana. Assim, por meio da linguagem o sujeito se constitui em todo o período de sua existência. Desse modo a linguagem está vinculada à singularidade do homem, e em todos os momentos da vida necessita da sua interação para estar no mundo em diversos contextos sociais (Gamburgo & Monteiro, 2009).

No que concerne à linguagem oral, estudos indicam que os idosos mostram dificuldades para encontrar palavras referentes à fluência verbal, inferências e pressuposições. Tendo, pois, um discurso caracterizado por alongamento, passividade nas palavras, além da desorganização sintática oriunda da vasta quantidade de segmentos interrompidos, no que incide as repetições. Mostra ainda, a presença de um processamento mais lento das informações, gerando dificuldade na compreensão (Silva et al., 2011).

As análises em torno da linguagem das pessoas idosas não podem ficar meramente pautadas em uma categoria com atenção apenas para a idade cronológica. Assim como as manifestações da linguagem dessas pessoas, não podem decorrer unicamente do envelhecimento orgânico. Sendo necessário considerar a relevância das práticas sociais para as discussões a respeito da linguagem oral e escrita e sobre a constituição da subjetividade do indivíduo no processo do envelhecer.

Estudos apontam que um considerável número de pessoas idosas afirma não ler e não escrever, por não gostarem ou não saberem fazer uso dessas atividades (Massi et al., 2008). Desse modo, considerando o crescimento acelerado da população e, ao mesmo tempo, a importância de que o exercício pleno da cidadania, carecem da participação ativa e de ações mediadas pela linguagem, justifica-se a pesquisa em questão, cujo objetivo foi investigar a contribuição da compreensão leitora e da linguagem para a qualidade de vida dos alunos participantes da Universidade da Maturidade - UMA considerando o sexo, a idade e o nível socioeconômico (NSE).

A linguagem nos conecta ao mundo da aprendizagem nas mais diferentes formas, seja na ciência, na arte, na tecnologia, e assim essas fazem parte do meio educacional nos tempos hodiernos, a exemplo, as linguagens visuais, audiovisuais, artísticas, midiáticas, dentre outras. Por meio da linguagem pode-se transformar a aprendizagem numa linha de dinamismo e multiculturalismo quando utilizados os meios diferentes da linguagem verbal para ensinar, enquanto a exploração dos novos meios se torna fundamental para uma melhor aprendizagem.

Na concepção de Vygotsky (2008), o sujeito é ativo e interativo, pois constrói conhecimento e constitui-se por meio de relações interpessoais. Para o autor, é na troca com outros sujeitos e consigo mesmo que seus conhecimentos, papéis e funções sociais vão sendo internalizados, possibilitando a construção de novos conhecimentos e o desenvolvimento da personalidade e da consciência.

O processo de aquisição da linguagem é uma construção pessoal, contudo, é necessária a intervenção de um educador. A longo prazo, pode-se dizer que este processo tem por base três pilares que representam um papel ativo nesta ação interativa, constituído pelo Professor, Aluno e Conteúdo (Morais, Azevedo, Pena & Sant'Anna, 2014).

Ao nível universitário, a compreensão leitora é considerada como uma habilidade essencial na simbiose ensino-aprendizagem, visto ser ela a maior responsável pela existência de acessibilidade a conteúdo de diversas disciplinas. (Santos, Shuerio & Oliveira, 2004).

Assim, afere-se que além do conhecimento linguístico, para se alcançar a compreensão, é indispensável um repertório de informações externas ao texto. Pois para chegar ao seu entendimento, movimentar vários sistemas de conhecimento linguístico, enciclopédico, e interacional, o leitor precisa preencher as lacunas existentes com atribuição para a construção do sentido e significação, além de constituir relações e se posicionar sobre o que decodificou, o que o diferencia da interpretação, que se apoia mais nos fatores externos ao texto (Koch, 2014, 2015).

No prefácio do livro *Compreendendo a leitura*, Smith (1991), destaca que a leitura só pode ser compreendida quando levados em conta os fatores preceptivos,

cognitivos, linguísticos e sociais, tanto da leitura, quanto do pensamento e do aprendizado em geral. Pela sua complexidade, não se limita à análise simplista nem reducionista.

Smith (1991) nos leva a refletir sobre a finalidade que teria a leitura sem a compreensão, pois considera que o que permite extrair sentido de algo que lemos é o conhecimento existente em nossas mentes, que são os conhecimentos prévios. O autor ainda informa que compreensão vai além do entendimento sobre a realidade, porque tem a ver com o modo como aprendemos e, que entendimento ou compreensão é a base da leitura e do aprendizado dela.

Destaca também a relevância do conhecimento da linguagem e a inclusão da compreensão sobre os modos convencionais, nos quais a linguagem ou outros sinais de comunicação são empregados cotidianamente. Entende que “todo conhecimento verbal anterior pode tornar-se disponível para nós” (Smith, 1991, p. 29), visto portarmos essas representações às nossas relações cognitivas, em forma de categorias que abarcam sentimentos e sensações, como o som, a visão, os cheiros, e o paladar.

Para Vygotsky (2008) a cultura mediada pela linguagem possibilita a mudança do homem de ser biológico em ser social, substituindo suas funções naturais e possibilitando-lhe a utilização de instrumentos e técnicas culturais à frente dos limites da natureza

Vygotsky (2005, 2008) e Bakhtin (2011) consideram a compreensão do homem como um sujeito sócio-histórico e proclamam a importância do discurso do outro na construção do sujeito, estrutura que fundamenta o meio social. Ou seja, o indivíduo internaliza ou apropria-se do discurso do outro a partir de uma interação, resultado posterior de desenvolvimento e educação. Face a isso acredita-se que os velhos necessitam de maior suporte na aprendizagem, melhorar as competências na comunicação e conquistar espaços ainda negados por valores etários.

Para Freire (2011) o mundo por si só já é um grande livro sem texto, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (p. 19), ela sempre envolve compreensão, apropriação e transformação de significados gerando experiências para o sujeito. Também para o autor, o conceito de leitura está para além da decodificação de sinais;

primeiro, leitura do mundo, em seguida a leitura da palavra, isso parte da realidade do leitor, considerando a ligação dinâmica da linguagem com a realidade.

Nesse sentido, considera-se imprescindível que os profissionais envolvidos com a temática do envelhecimento, saibam fazer a leitura de como se dá o seu processamento, que mecanismos e processos estão imbricados na busca das pistas e informações implícitas e quais estratégias cognitivas levam adultos e velhos à compreensão daquilo que lê.

Entende-se que esse conhecimento possibilitará ao docente da Universidade da Maturidade - UMA planejar situações de leitura, sendo esta condição para o acesso ao saber e à cultura instruída, considerando que o domínio e uso das estratégias de leitura dá autonomia ao indivíduo para tomada de decisões, de forma lógica, racional e crítica. A leitura compreendida também mostra a capacidade verbal do indivíduo e isso sinaliza a insuficiência de apenas decifrar palavras ou identificar comunicações expressas no texto, pois é necessário compreender.

De acordo com Osório (2006) a UMA se referencia no Brasil, por oferecer aos velhos, vez e voz, com autonomia e respeito diante da sociedade. Reforça ser um espaço de convívio social para a obtenção de novos conhecimentos com foco no envelhecer sadio e digno, sobretudo no despertar da consciência sobre a valorização e a participação do velho na sociedade como protagonista da sua história.

Com base na experiência profissional e pela aspiração de buscar um embasamento mais sólido no estudo do tema do envelhecer com qualidade de vida, sendo os acadêmicos da UMA/familiares, objeto do estudo realizado na Universidade da Maturidade. A escolha pelo tema, na área do envelhecimento parte de experiências pessoais e profissionais, e o privilégio de acompanhar meus pais na velhice, tornou meu interesse ainda mais eminente. Isso me permite pensar que o envelhecer, mais do que a ascensão de uma identidade nova atribuída socialmente, pode corresponder a uma formação que estima a continuidade do curso individual e coletivo, o que fundamenta essa pesquisa.

De acordo com o pensamento de Beauvoir (1990, p. 333), por considerar que “para se defender de uma inércia em todos os sentidos nefasta, é necessário que o velho

consERVE atividades, seja qual for a natureza dessas atividades, elas trazem uma melhoria ao conjunto de suas funções”. Dada a relevância dos pilares, ensino, pesquisa e extensão, o estudo sobre a linguagem me proporcionará como profissional do Serviço Social, conhecimento e habilidades no trato à comunicação, informação e estabelecimento de relações sociais, diante das demandas emergentes dos usuários da UFT e sociedade, na direção ao atendimento e compreensão leitora da realidade estudantil para obtenção de melhores resultados na intervenção ocupacional. O que também justifica esse estudo.

Após a introdução ao tema intentou-se enfatizar alguns aspectos da idade adulta e da velhice, e da sua identidade frente aos desafios da contemporaneidade. No Capítulo I, procuramos situar o leitor no universo da linguagem e da compreensão leitora na adultez e na velhice com aporte no Círculo de Mikhail Bakhtin. Acena sobre a criação do Estatuto e da Política Nacional do Idoso - PNI, ainda em relação à linguagem e à compreensão leitora. Faz-se uma abordagem do método *Cloze* proposto por Taylor (1953), enfatizando definições e características do referido método, a fim de saber o que a literatura diz sobre a aplicação do teste *Cloze* em diferentes faixas etárias com a estreia nos acima de 45 anos, a exemplo, os acadêmicos da Universidade da Maturidade.

Dessa forma, as preferências metodológicas estiveram intrinsecamente vinculadas às considerações teóricas, com vistas a analisar os principais discursos científicos sobre a linguagem e compreensão leitora na adultez e na velhice, e o envelhecimento humano, no contexto da qualidade de vida.

Quanto a constituição do segundo Capítulo está desenvolvida sobre o debate da qualidade de vida, perpassando pelas bases conceituais e os fundamentos teórico-práticos de suas principais medidas, com apoio na conceituação da Organização Mundial da Saúde - OMS. Apresenta a singularidade do idoso e considera o aumento da expectativa de vida e do que seja envelhecer com qualidade de vida, um acontecimento humanitário, de caráter subjetivo, complexo e com múltiplos aspectos.

Dentro dessa perspectiva, esta tese está estruturada em 3 capítulos que passamos a descrever:

O Primeiro Capítulo está destinado a tratar da linguagem e a compreensão leitora na Adulter e na Velhice. Apresenta uma Introdução e subdivide-se nos itens: A linguagem e a compreensão leitora na Adulter e na Velhice; A linguagem na construção do “ser”; Filosofia da Linguagem e velhice nas vozes de Bakhtin; Linguagem e envelhecimento; A compreensão leitora e suas funcionalidades; A compreensão leitora e a Técnica de Cloze: breves considerações; Adulter e velhice é o que é: questões terminológicas e, Velhice: sob o olhar dos atos oficiais.

O Capítulo II faz uma abordagem sobre a Qualidade de Vida, contém uma Introdução e subdivide-se nos itens: Qualidade de vida: possíveis conceitos; Qualidade de vida do velho e na velhice; Síntese.

Quadro 1

Demonstrativo dos temas, áreas e autores

Tema	Área	Autores
Linguagem	Linguística	Santos, Shuerio & Oliveira (2004); Smith (1991); Vygotsky (2005, 2008); Bakhtin (2009, 2011, 2014, 2017); Massi (2007, 2008, 2011)
Compreensão leitora	Linguística	Oliveira, Boruchovitch & Santos (2007); Santos, Boruchovitch, Oliveira (2009); Oliveira (2011); Oliveira et al. (2009); Suehiro (2013); Suehiro & Santos (2009).
Qualidade de vida	Envelhecimento	The Whoqol Group (1995, 1998); Minayo et al. (2000); Fleck et al. (2000, 2008); Trentini, Xavier & Fleck (2006); Moragas (2010).

Nota. Fonte: dados da pesquisa (2022).

No Capítulo III apresentamos o Estudo Empírico.

O Quadro 2 apresenta os autores que embasaram a construção da metodologia.

Quadro 2*Demonstrativo da metodologia da pesquisa e autores*

Metodologia da pesquisa	Autores
Abordagem quanti-qualitativa Estudo de caso Coleta de dados e informações Interpretação de informações Análise de Conteúdo	Triviños (2012); Minayo (2002); Markoni e Lakatos (2011); Lakatos (2011); Bardin (2011, 2016).

Nota. Fonte: dados da pesquisa (2022).

Assim, em congruência com as formulações e reflexões a partir do tema foco desse estudo que se apoia na linguagem, compreensão leitora e qualidade de vida, apresentamos a pergunta de partida desta pesquisa: como é que a linguagem e a compreensão leitora contribuem para a qualidade de vida dos acadêmicos da Universidade da Maturidade? A trilha para a resposta a essa questão encaminha a pesquisa para o estudo e compreensão do objetivo geral dessa tese: Investigar a contribuição da compreensão leitora e da linguagem para a qualidade de vida dos alunos que frequentam a Universidade da Maturidade, considerando o sexo, a idade, a profissão e a escolaridade. Seguido dos objetivos específicos que visam: entender as expectativas dos alunos para a matrícula na UMA; conhecer a percepção dos alunos quanto à linguagem, relação com familiares e compreensão do mundo através da oralidade e da leitura, antes e depois da frequência da mesma; conhecer a avaliação dos alunos quanto à satisfação com a frequência da UMA; saber a avaliação que os alunos fazem sobre a preparação e conhecimento especializado da equipa de gestão da UMA; conhecer a importância da frequência da UMA representa para a vida dos participantes; constatar quais as atividades preferidas dos alunos que compõem a grade curricular; verificar se existe relação entre a escolaridade, anos frequência da UMA e percepção das capacidades linguísticas (percepção de melhoria da oralidade, melhoria na leitura dos textos, compreensão leitora e compreensão do mundo através da oralidade); avaliar a compreensão leitora atual e a percepção sobre a mesma antes e depois da frequência na UMA; compreender a relação entre os resultados do teste cloze e a escolaridade, profissão, sexo, estado civil e idade; saber se existe relação entre gostar de ler e a escolaridade, o sexo, a profissão, o estado civil, a idade e os anos de frequência na UMA; avaliar a qualidade de vida dos alunos após o ingresso na UMA.

Materiais e Procedimentos pormenorizados da investigação, incluindo pedidos de autorizações. Resultados (apresentação dos resultados segundo os objetivos específicos). Discussão de resultados e Síntese. Também um breve resumo com os resultados mais pertinentes; segue a Conclusão geral com conceitos e resultados mais importantes, e com pistas para investigações futuras, debilidades do trabalho, aplicação prática do mesmo, contribuição para o avanço da investigação no tema abordado.

Apresentamos também as conclusões finais destacando as limitações iminentes a uma investigação desta natureza. Encerra-se a tese, com todas as referências bibliográficas consultadas e os anexos que constituíram o *corpus* esta pesquisa.

CAPÍTULO I - A linguagem e a compreensão leitora na adultez e na velhice

Introdução

A literatura científica possibilita um rico cenário de conceituações sobre o desenvolvimento humano ao longo da vida. A linguagem, portanto, transpõe esses universos fascinantes do ser psíquico, do biológico e social, reforçando à máxima de que a grandeza humana está inserida na sua complexidade. Ademais são introduzidos alguns aspectos da idade adulta e da velhice, e da sua identidade frente aos impulsos da contemporaneidade.

Este capítulo, portanto, situará o leitor no cenário da linguagem e da compreensão leitora na adultez e na velhice norteada pela perspectiva de linguagem como trabalho social e histórico, como prática interpessoal na qual contorna um eu e um outro, como atividade constitutiva do sujeito e da própria linguagem, com aporte no Círculo de Mikhail Bakhtin, uma vez que nos constituímos no outro a partir da linguagem (Bakhtin, 2011).

Apresentamos um breve histórico a fim de localizar a velhice na realidade social e histórica vivida na contemporaneidade. Abordamos ainda a relevância da criação do Estatuto e da Política Nacional do Idoso, sobretudo numa perspectiva desenvolvimentista da linguagem e da compreensão leitora na adultez e na velhice, levando a pensar nas situações quanto a um reequacionamento do que é modernamente ser adulto ou ser velho.

1.1 A linguagem

A posição adotada nessa pesquisa parte do pressuposto da perspectiva de Bakhtin, que a linguagem como trabalho social e histórico, como prática interpessoal que circunda um eu e um outro, enquanto atividade constitutiva do sujeito e da própria

linguagem, dado que, no cenário da dialogia os sentidos são constituídos na interação com o outro, trazendo sempre a perspectiva de outra voz (Bakhtin, 2011).

Para Massi et al. (2008), a interação social e o acesso à educação, necessariamente, dependem de processos interlocutivos efetivados no espaço de produção da linguagem e que esta promove a (re) organização contínua da história de cada sujeito, tornando-os autores da vida peculiar que está em permanente constituição.

Como forma de atendimento às demandas da população que envelhece, defende-se nesse aspecto o exercício de práticas orais, sendo essa promotora de inclusão social, capaz de possibilitar a vivência da cidadania e oportunizar um envelhecimento autônomo e criativo, considerando que a linguagem está inserida em todo o universo social (Lourenço & Massi, 2011).

Assim, consiste em envelhecimento uma construção social, cultural e histórica da humanidade, enfoca-se a linguagem quanto ao toque à subjetividade do velho possibilitando-lhe conferir novos sentidos ao seu desenvolvimento e reinventá-lo para além das invenções atuais do discurso social sobre a velhice (Lourenço & Massi, 2011).

Massi (2007) alerta para a necessidade de se superar o reducionismo com base no qual concebe o homem a um ideal abstrato, separado das relações estabelecidas com a sociedade e, aponta para o resgate nas ciências humanas, da função da linguagem como atividade que constitui o sujeito e sua própria realidade.

Congruente com os conceitos de Bakhtin (2011) que compreende linguagem numa dimensão discursiva, histórica e social, trilha-se pelas interações dos adultos e velhos na UMA, no sentido de perceber a oralidade nas suas trajetórias de vida antes e depois da sua inserção no curso, tomando a linguagem como componente primordial para a inserção social e para a qualidade de vida dos participantes. Acreditamos nesse estudo, na concepção da linguagem como trabalho constitutivo no processo do envelhecimento.

Entende-se que quando criança, necessita-se da convivência com os outros sujeitos falantes, e que através de um canal comunicativo pode estabelecer um vínculo afetivo, além de poder praticar a fala. Igualmente, podem desenvolver a escuta e habilidades de comunicação em diferentes contextos, e gradativamente alargar seu

formato de expressão e conhecimento de mundo. Nessa perspectiva, pode-se aferir que a oralidade é a capacidade de transformação de pensamento em palavras, atribuindo sentido às ideias, sentimentos e aspirações, uma vez que não há descoberta da linguagem sem o pensamento (Vygotsky, 2008).

Mesmo com a possibilidade genética de falar inata ao ser humano, a oralidade só se desenvolverá pelas interações com outros sujeitos falantes. Vygotsky (2008), assinala que não é pela simples memorização de palavras repetidas insistentemente para as crianças que ocorre o processo de aquisição da oralidade, pois esta se efetiva nas interações com adultos e nas conversações com outras crianças, que têm também oportunidade de presenciar diálogos entre esses sujeitos em um ambiente rico em possibilidades.

Desde o nascimento o bebê tem a capacidade de ouvir e emitir sons, e o significado dos gestos emitidos pelos bebês é interpretado pelos sujeitos falantes em seu entorno. O choro, por exemplo, é utilizado para mostrar um desconforto, fome ou até mesmo uma atenção e carinho. Assim, quando um bebê emite o som de “pa - pa”, o pai pode interpretar como um fato intencional e imitar o gesto do bebê. É por interferência da relação com outros sujeitos falantes que a criança ascende um canal de comunicação através de olhares, sorrisos e sons que se afina a relação (Vygotsky, 2008).

Segundo a perspectiva Vygotskiana, o pensamento e a oralidade apresentam momentos distintos de evolução e podem ser caracterizados conforme as etapas como: a pré-oralidade do pensamento que é quando há predominância de uma inteligência prática, desprovida de oralidade, ou seja, se um bebê deseja alcançar um objeto sobre a mesa, ele puxará a toalha que está sob o objeto para perto de si e resolve o problema pela ação prática, sem planejamento, sem linguagem. A etapa Paralela, pré-intelectual da oralidade, apresenta o predomínio da linguagem emocional e usa a oralidade pré-intelectual antes de adquirir a língua utilizada pelos sujeitos de seu convívio social, e através das interações sociais, os signos e os significados culturais progressivamente se distanciam do mundo externo, sendo internalizados e transformados pela criança (Vygotsky, 2008).

Aproximadamente aos dois anos de idade temos a oralidade intelectual e o pensamento verbal, de forma que ao começarem pensar com palavra, as crianças

representam o mundo através de conceitos. E inicia a verbalização dos seus pensamentos, a nomeação de objetos, animais e pessoas, sendo a função do adulto fundamental para a reprodução de pergunta, interpretação e reorganização da fala da criança que ocorre por intermédio de jogos, brincadeiras e diálogos (Vygotsky, 2008).

Ainda segundo Vygotsky (2008) é na interação com o outro que a criança desenvolve sua capacidade cognitiva, seu pensamento e sua oralidade. Partindo da premissa de que a ação comunicativa tem uma meta, um conteúdo, uma forma, um contexto e um interlocutor, sendo necessário acompanhar o desenvolvimento da oralidade nas crianças nas diferentes situações vivenciadas, para repensar as práticas pedagógicas desenvolvidas e proporcionar novos desafios e aprendizagens, considerar as especificidades de cada criança e do grupo. Seguida a ideia de que a formação social da criança é concebida por meio da relação com outras crianças ou adultos, pois o convívio social emana da socialização.

Contudo, o foco desse trabalho está voltado para adultos e velhos que frequentam a Universidade da Maturidade, interagem com outros sujeitos com idades iguais ou similares, e que oriundos de espaços e vivências diferentes, possam desenvolver sua oralidade com participação ativa desse processo.

No universo da UMA os sujeitos se relacionam e comungam experiências entre si e, esse intenso relacionamento pode além de favorecer a oralidade, aproximá-los na construção de um vínculo de confiança e respeito, assim como promover uma maior compreensão da linguagem e qualidade de vida.

Para Vygotsky (2005) quando há inclusão de novos conhecimentos, valores e habilidades que são próprias da cultura e da sociedade ocorre a aprendizagem. E esta não deve se subordinar ao desenvolvimento. Segundo ele, para que haja desenvolvimento é imperativo que se produza uma série de aprendizagens antecedentes, pois a aprendizagem na interação com outras pessoas possibilita o avanço do desenvolvimento psicológico.

Conforme o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, formado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em Madrid, uma sociedade para todas as idades possui metas para dar aos idosos a oportunidade de continuar contribuindo com a

sociedade. E para atuar neste sentido é indispensável extrair tudo que contra eles, representa exclusão e discriminação (ONU, 2002).

Nesse sentido, a Assembleia Geral das Nações Unidas realizada em agosto de 2020, elege os fundamentos da Década do Envelhecimento Saudável 2021- 2030, da OMS e aponta as ações mais importantes a serem desenvolvidas para garantir o envelhecimento saudável. Que direcionado pelo artigo 230 da Constituição Federal e o artigo 3º do Estatuto do Idoso, alerta sobre o enfretamento do preconceito etário e o combate à discriminação por idade (idadismo/ageism), com vistas a uma sociedade para todas as idades (ONU, 2020).

Contudo, apesar das proposições da ONU em alterar a forma de pensar o envelhecimento humano e orientar os países sobre a facilidade de capacitação, participação e contribuição das pessoas idosas, junto as suas comunidades e sociedades, e mesmo considerando os avanços expressivos da medicina e da saúde da população em geral, assim como a inquietação da humanidade do século XXI para extensão da vida humana que intenciona melhorar a vida dos idosos, suas famílias e comunidades, entendemos que o mundo ainda não está suficientemente aparelhado para responder aos direitos e necessidades dos idosos.

Difícilmente se conseguirá dirimir e/ou excluir as representações de discriminação em uma sociedade. Contudo, acredita-se que para amenizar essa exclusão e dar oportunidade aos adultos e velhos contribuir com a coletividade e encontrar seu espaço, pode-se atribuir os direitos e agregar os valores assegurados na Constituição de 1988 no seu Artigo 230, “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”. Institui-se o Estatuto do Idoso, a Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003, destinado a regular os direitos garantidos às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos.

Firmado nisso, os programas da terceira idade têm transportado os velhos de uma imagem estigmatizada e preconceituosa, de inatividade e exclusão da sociedade “ativa” ou “moderna” a um espaço de participação e valor. A exemplo, um projeto de extensão criado para, segundo Osório (2006), dá vez e voz aos cidadãos que envelhecem. Atualmente, o curso de aperfeiçoamento da Universidade da Maturidade -

UMA vem superando as expectativas e, nos 15 anos de sua implantação, rotula-se portador de motivação à pesquisa acadêmica em diversos níveis.

A partir de reflexões feitas no curso de Aperfeiçoamento da Universidade da Maturidade”, que consiste na possibilidade de exercer a participação social de pessoas com 45 anos para mais no Estado do Tocantins, especificamente nas cidades de Palmas, Dianópolis, Porto Nacional e Araguaína, que tem ações elencadas na aprendizagem ao longo da vida para uma melhor qualidade de vida. Inicialmente, intentamos atender as necessidades demandadas por uma população emergente (adultos e velhos) nesse último século, com vistas à possibilidade de promover ao acadêmico, condições para que ele possa pensar, problematizar e discutir questões relacionadas a linguagem e a compreensão leitora na velhice.

Importa ainda verificar se as atividades do curso mencionado acima, coadunam ou não com os princípios teóricos e metodológicos previsto para promoção da comunicação por meio da interação social/oral. Buscamos, portanto, perceber a linguagem e a compreensão leitora dos alunos da UMA, para além de contribuir com os estudos de linguagem de adultos e velhos no âmbito da subjetividade e da interação social.

Assim, entendemos que o estudo da linguagem humana não é exclusividade de alguma área científica, e muitas disciplinas com suas diferentes perspectivas têm buscado compreender e explicar a sua relevância para o desenvolvimento do homem. Isso ocorre com os estudos da linguagem do velho, que buscaram primitivamente, identificar transformações e detectar as causas de possíveis mutações decorridas no processo de envelhecimento.

1.2 A linguagem na construção do “ser”

Uma vez que uma das pistas desse trabalho é investigar a contribuição da compreensão leitora e da linguagem para a qualidade de vida dos alunos que frequentam a Universidade da Maturidade, buscamos aqui perceber os atributos da linguagem na constituição socioverbal e da subjetividade dos adultos e velhos, nas relações

estabelecidas a partir da convivência social, considerando a alteridade, a heterogeneidade, e a singularidade dos sujeitos como propostas para dotar a velhice de sentido.

Segundo Bahktin (2014) a constituição dos sujeitos ocorre à medida que interagem uns com os outros, e sua consciência e seu conhecimento de mundo derivam desse processo. Para o autor, o trabalho linguístico é contínuo se realizando por diferentes sujeitos, em diferentes momentos históricos e em diferentes formações sociais. Sendo, pois, a língua resultado do trabalho dos falantes.

Na concepção de Bahktin (2014), a língua não está pronta, mas que o próprio processo interlocutivo na atividade da linguagem a faz (re) construir os sujeitos que a constituem, à medida que interagem uns com os outros. Assim, focar a linguagem a partir do processo de interação e, com esse olhar, pensar o processo educacional enquanto produção da linguagem e dos sujeitos, é admitir que a sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto” desse mesmo processo, e que também não há um sujeito pronto que embarca na interação, mas o sujeito se construindo e se aperfeiçoando nas suas falas, bem como interações não ocorrem fora de um contexto social e histórico mais extenso (Geraldi, 2003).

A interação com o outro é que estabelece a constituição do sujeito, o que legitima afirmar que a linguagem perpassa por ideologias e se constitui em um trabalho social, histórico, de cunho político e econômico. Bakhtin (2014) afiança que quanto mais fora das possibilidades da linguagem, mais distante estamos da subjetividade humana, visto que a linguagem socializa e que não existe homem sem linguagem.

Para tanto, Faraco (2003) garante que para Bakhtin cada palavra é como que o resultado de uma relação de força entre o eu e o outro. Para o autor, nossas palavras não são exclusivamente nossas, porque elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, mas nascem, vivem e expiram na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio.

O papel do outro assume grande relevância na relação dialógica, em que todo enunciado espera uma resposta, ou uma reação do outro. A compreensão, é um processo ativo, visto que quem compreende participa do diálogo e interfere na enunciação a partir

de suas significações, sendo que para os quais a palavra é conduzida, tornam-se participantes ativos no curso da comunicação verbal viva e real, e não apenas expectadores, assim a linguagem permite captar o som de diferentes discursos constituídos dialogicamente (Massi, 2007).

Para Brait (2005) o dialogismo é o permanente diálogo entre diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem e, segundo a autora, diz respeito às relações estabelecidas entre o eu e o outro nos processos discursivos promovidos historicamente pelos sujeitos que se constituem e são constituídos por esses discursos.

Faraco (2017) diz que nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes. Se encontra envolto de um agitado balaio de vozes, e seu interior é uma arena povoada de vozes sociais. E auxilia na compreensão do conceito de dialogismo em Bakhtin (2017), ou seja, a Dialógica é toda cosmovisão de Bakhtin: a ele parecem interessar todas as vozes, quer ouvi-las com atenção e quer com elas interagir não num diálogo ingênuo e esquemático que se exaure na substituição sucessiva de locutores, sobretudo, numa interação em que o intento não é nem a imposição dogmática de uma só voz, nem o relativismo numa coexistência acrítica de todas as vozes, visto ser o discurso verbal um evento social, portanto, uma síntese dialética de vozes contrárias (Faraco, 2009).

Nessa compreensão de Bakhtin (2017) percebe-se que a linguagem possibilita a transmissão de valores e ideologias, que é heterogênea, de múltiplos e diferentes sentidos e interpretações. Que não há neutralidade e nem descomprometimento nas palavras, visto serem impregnadas de valores e ideologias que são transmitidas pelo outro.

À luz disso, apoia-se no entendimento das múltiplas vozes e discursos que perpassam e constituem a subjetividade do “ser” velho, influenciando a maneira como concebem a própria velhice e, conseqüentemente os sentidos que atribuem à interação verbal com o outro.

Massi (2007) se apoia no conceito bakhtiniano de linguagem como atividade dialógica, e na compreensão de linguagem baseada na interação verbal, como atividade dialógica. Esta nunca se esgota, uma vez que o enunciado não apenas transporta historicamente a réplica daqueles já produzidos antes, como também determina os outros que a sucederão. Para o autor, todo e qualquer discurso é polifonicamente tecido num jogo de várias vozes que concorrem, se cruzam, se completam, se contestam. De modo que uma relação dialógica, à medida que forem confrontadas em função de um sentido a ser estabelecido exibe a consciência individual como fruto dessa interação e dessa atividade dialógica consolidada como signo ideológico.

Tomando a linguagem como um processo de subjetivação do sujeito que envelhece, parte-se do pressuposto de que na sociedade contemporânea o sujeito em qualquer idade deve apropriar-se da linguagem verbal e/ou escrita para o fim de não perder a oportunidade de se (re) inventar, dar sentido à sua existência e não cristalizar o espaço de idoso imposto pelo discurso social vigente, mas de certa forma, garantir um olhar de sentidos, fundamentados pela construção de uma história (Gamburgo, 2006).

Sabe-se que as práticas discursivas na velhice contribuem para a produção de subjetividade, assim como para o exercício da cidadania (Lopes, 2000). Contudo, vive-se hoje em uma sociedade que para além de ser alfabetizado é necessário o uso da leitura e da escrita nas mais diversas práticas sociais. Mas muitos dos idosos tiveram um acesso restrito às práticas de leitura e escrita (Soares, 2002).

Gamburgo (2006) considera a linguagem um elemento indispensável para a manutenção da saúde e de uma vida com qualidade, na medida em que todas as esferas de atividades humanas implicam um contexto social e o uso da linguagem. Por meio desta o sujeito se estabelece como tal, num processo que se desenvolve ao longo de toda a sua vida. De modo que compartilhar suas histórias com os sujeitos idosos, fortemente marcadas pelas experiências vividas, concede a oportunidade de conhecer sujeitos social e historicamente situados, e ainda, que a linguagem e a comunicação dialógica promovem a saúde integral e um envelhecimento saudável, permitindo ao indivíduo significar a si e ao mundo, processo ininterrupto com a chegada da velhice, por esta continuar até o término da vida.

Souza (2002) aponta em sua pesquisa, como idosos analfabetos conseguem viver seu cotidiano na sociedade e como eles avaliam a questão da alfabetização. Questiona como vivem na sociedade contemporânea sem leitura do que está escrito nos ônibus, nas placas, sem conseguir ler uma receita de bolo, realizar retirada ou fazer depósito de dinheiro no banco, ou executar outras atividades as quais exigem diversos níveis de letramento. A autora parte da proposição de que ler e escrever são atividades essenciais à vida contemporânea e garantem direitos aos cidadãos por considerar que as pessoas idosas analfabetas vivem excluídos dos espaços sociais, os quais são intermediados pela escrita.

Soares (2002) define letramento justamente como o estado ou condição que adquire um sujeito como consequência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Ou seja, seria o uso frequente e competente da leitura e da escrita em diversas situações, logo, um sujeito à margem da linguagem oral/escrita em uma sociedade letrada, acha-se tolhido nas suas possibilidades de constituição subjetiva de autonomia, de manifestações críticas e posicionamento no mundo.

Importa pautar na perspectiva do letramento não apenas ao genuíno uso da letra, no sentido de o sujeito ser alfabetizado ou não, mas na alfabetização definida como a probabilidade de conhecer letras e decodificá-las separadamente ou em conjunto. Para além de uma linguagem perpassada pelos fatores sociais, políticos e ideológicos, tomada apenas como instrumento de comunicação, em que os destaques eram os erros ortográficos e não a relevância daquela na constituição do sujeito e na instauração da subjetividade (Lourenço & Massi, 2011).

Arrisca-se mencionar que de forma geral, a formação escolar de gerações pretéritas e presentes não têm dado à linguagem o estatuto dos sentidos atribuídos à existência do “ser” e às diversas atividades desenvolvidas ao longo dela, pois a condição de leitor ou escritor é concebida na trajetória da história de vida do sujeito (Kramer & Souza, 2003).

Já Massi (2007) esclarece a linguagem como atividade constituída e elástica, e diz que as demarcações impostas pela linguagem nos formatos de percepção e compreensão do mundo podem ser superadas pelo sujeito à medida que este sujeito tem possibilidade de agir com e sobre a linguagem. Além disto, a relação entre sujeito e

linguagem é constituída e modificada de contínuo, e indica que cada sujeito tem sua história de relação com a linguagem

O enunciado indica a função da linguagem na flexibilização do sujeito, que por sua vez, também a flexibiliza. Indica que a linguagem pode ser simbolicamente retificada a partir de novos usos, isto é, práticas significativas de uso da linguagem oportunizam a criação de inusitados sentidos para ela. A saber, dessa retificação simbólica, que os acadêmicos da UMA possam após o ingresso e participação, assegurar seus direitos sociais, promover integração e participação ativa na sociedade, bem como vislumbrar a possibilidade de um envelhecimento ativo.

Assim, possam deixar suas vivências recheadas com significações linguísticas, como passaporte para alcançar futuras gerações, respaldados na afirmação de que é na e pela linguagem que o sujeito se constitui no decorrer da vida.

1.3 Filosofia da Linguagem e velhice nas vozes de Bakhtin

Com um olhar sobre a Linguagem na velhice, pretende-se ainda, apresentar sucintamente a Filosofia de Linguagem de Bakhtin (2017) e do seu círculo, com foco nos conceitos de Dialógica e Alteridade.

A ênfase para averiguação neste estudo se ancora no fato de que por meio de interações dialógicas os adultos e velhos na UMA, vivenciam alterações em suas maneiras de se reconhecerem “seres envelhecetes” e de suas relações com a linguagem, isto é, mutações nas suas interações com a subjetividade e, sobretudo, com suas vidas.

Na concepção de Fiorin (2020) Bakhtin é um dos pensadores mais fecundos do século XX, pois além de sua Filosofia de Linguagem lançar luzes acerca do engendramento da subjetividade na e pela linguagem, influenciou também a Arte, a Literatura, a Filosofia, a Psicologia, a Psicanálise, a Linguística, a Fonoaudiologia, além de outros campos de produção do conhecimento.

Bakhtin transcende tanto os aspectos subjetivos como os objetivos e positivistas vigentes em sua época, ao conceber o homem como um ser pensante, crítico e cuja

subjetividade ultrapassa teorias. Para o autor, o sujeito é pensado pelo outro da cultura e apenas assim se torna pensante (Bakhtin, 2017). Depreende-se, portanto, que atribui sentidos aos atos humanos vinculados à vida e não sedimentados em teorias separadas do mundo prático. Assegura que o agir responsável, se dá em trocas interlocutoras junto ao outro para a arquitetura da existência.

Ao perpassar pela Filosofia de Bakhtin, Gamburgo (2006) salienta o papel da interação verbal junto a idosos que vivem em instituições de longa permanência. Nesse viés, junta-se a Bakhtin (2011) e consideram que o homem imerge no caldo da cultura e no oceano da vida, em direção ao centro de sua própria história e discurso, que por meio da linguagem marcam esta como possibilidade do Homem se subjetivar e se relacionar com o outro.

Dessa forma marca a percepção de que a linguagem se encontra atrelada às condições materiais da existência humana feita por aquela, que transpira por ideologias, que se ancoram, veiculam e se disseminam na linguagem. Esta se apresenta como materialidade dos sistemas de referência, construídos historicamente, e tem a possibilidade de transformar as condições materiais de vida dos sujeitos.

Nesse aspecto, os velhos podem alterar materialmente suas relações com o envelhecimento pela e na linguagem, quando na ação sobre ela e na criação de novos sistemas de referências e ideologias acerca das formas de vida na velhice. Também desmistificar ideologias do “ser” velho na cultura em que semioticamente estão envolvidos.

Nota-se por intermédio das vozes que soam nas atividades dialógicas na UMA, que os participantes revelam externalizar em outros espaços de relações estabelecidas fora do âmbito universitário, seja público, privado ou no meio familiar. Com base nesse trabalho polifônico e olhares, urge a capacidade de reivindicar tomadas de decisões sociais e políticas para um envelhecimento digno. Fazendo-se ouvir e serem respeitados pelo outro a começar pelas ações valorativas do processo do envelhecer.

Examina-se sobre o objeto da Filosofia da Linguagem em que incide qual é a sua natureza concreta e que metodologia adotar para estudá-lo. Enfatiza a natureza ideológica do signo linguístico e a relação entre linguagem e ideologia, pois para

Bakhtin, a natureza semiótica e ideológica da linguagem enquanto sistema ideológico é o objeto real da Filosofia da Linguagem.

Pautado no desejo de entender o seu objeto de pesquisa, a linguagem na qual são constituídos os humanos, Bakhtin (2009) se lança a uma análise geral das duas linhas mestras do pensamento filosófico e linguístico de seu tempo, e as denomina de “subjetivismo idealista” e de “objetivismo abstrato”.

Para tanto, na perspectiva de Bakhtin (2009) o subjetivismo idealista tem interesse pelo ato da fala, da criação individual como fundamento da língua e tende pelo psiquismo individual. Nessa orientação as leis da criação linguística são as da Psicologia individual e devem ser estudadas para que a linguagem seja apreendida. Esse filósofo da linguagem procura explicar as posições principais do subjetivismo idealista quanto à língua em quatro proposições:

A saber: 1) A língua como uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção materializada sob a forma de atos individuais de fala; 2) as leis da criação linguística fundamentalmente às leis da Psicologia individual; 3) a criação linguística é uma criação significativa, análoga à invenção artística; 4) a língua, enquanto produto acabado e sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inativo, tal como uma lava fria da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser utilizado.

Quanto ao subjetivismo idealista, Bakhtin (2009) aponta que as ideias humboldtianas constituem a expressão mais forte e profunda das tendências essenciais do subjetivismo individualista, que Wilhelm Humboldt foi quem estabeleceu os seus fundamentos, e que o seu pensamento influenciou toda a linguística, por ser ele um dos mais notados representantes dessa intenção do pensamento filosófico linguístico.

A segunda orientação do pensamento filosófico linguístico tem como seu maior representante Ferdinand de Saussure, da escola de Genebra, e suas percepções de linguagem fundamentaram a Linguística moderna. Conforme Bakhtin (2009) Saussure distingue os elementos da linguagem em *La langue* e *La parole*. A primeira refere-se ao sistema de formas, à própria língua, e a segunda, ao ato da enunciação individual da

fala. Para o pai da Linguística moderna a língua é concebida como absolutamente social e se opõe à fala como o social ao individual.

As palavras de Amorim (2004) e Bakhtin (2009) criticam Saussure e a oposição língua/fala definida como uma oposição entre o social e o individual, e esclarece que esse é o próton pseudos de Saussure e de toda a tendência do objetivismo abstrato, que atrela suas ideias ao espírito racionalista que define a história como um domínio irracional capaz de corromper a pureza lógica do sistema linguístico.

Referente à segunda orientação do pensamento filosófico-linguístico, o que faz da língua o objeto de uma ciência bem definida situa-se no sistema linguístico, no sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. Assim, Bakhtin (2009) distingue as duas orientações: não importa para a segunda orientação do pensamento a condição real e concreta de interação verbal em que a palavra é enunciada, o sentido a ela atribuído pelo sujeito dentre o acúmulo de vozes sociais disponíveis na cultura, sendo nessa orientação, o sistema linguístico independente do ato da criação individual e da sua intenção. Como característica desta segunda orientação do pensamento filosófico linguístico, Bakhtin (2009) abaliza que o sujeito tem que tomar o sistema linguístico e assimilá-lo tal como ele é, *ipsis litteris*, pois em seu bojo não há lugar para ideologias. Nesse sentido, pronuncia-se que na verdade, existe apenas um critério linguístico que é está certo ou errado, ademais, por correção linguística deve-se entender apenas a conformidade a uma dada norma do sistema normativo da língua.

Bakhtin (2009) salienta ainda, que não se deve confundir o processo de compreensão com o de identificação, pois são processos fortemente distintos. O signo necessita de interpretação para receber sentido, e só o sinal é identificado. Sendo este uma entidade de conteúdo imutável, não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui-se apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto, ou este ou aquele acontecimento. Para o autor, o sinal faz parte do mundo dos objetos técnicos e dos instrumentos de produção, mas não pertence ao domínio da ideologia

Esse autor, explica que no seu uso prático, a língua é inseparável de seu conteúdo vivencial e ideológico. Portanto, a separação da língua de seu conteúdo ideológico constitui um dos erros mais grotescos do objetivismo abstrato, uma vez que a língua, não se apresenta como um sistema de formas normativas para a consciência dos

indivíduos que a falam. Sobretudo, assume que a essência verdadeira da língua não se estabelece por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, menos ainda pelo ato psicofisiológico, mas pelo fenômeno social da interação verbal, alcançada através da enunciação ou das enunciações (Bakhtin, 2009).

Ainda acompanhando as ideias do filósofo russo da linguagem, este se questiona se seriam os princípios fundamentais do subjetivismo individualista os corretos, os que conseguiriam tocar de perto a verdadeira natureza da linguagem, ou se a verdade estaria no meio-termo, entre as teses do subjetivismo individualista e as antíteses do objetivismo abstrato, constituindo um compromisso entre as duas orientações, mas recusa tanto a tese como a antítese, ao conceber que a verdade se encontra além do meio-termo e mais distante, em uma síntese dialética.

O autor ainda postula que a verdade se localiza mais distante de um meio-termo entre as teses do subjetivismo individualista e as antíteses do objetivismo abstrato. Ele recusa tanto a tese como a antítese, ao idealizar que a verdade se encontra além e mais distante, em uma síntese dialética.

Remata seus questionamentos a respeito da real natureza da linguagem, em que ela consiste e qual é a sua natureza concreta, e assinala que tal natureza não foi explicada pelo objetivismo abstrato e tampouco pelo subjetivismo idealista unilateralmente, mas a partir do existir, evento único, singular, intransponível, irrepetível, responsável e responsável do ser no contexto emotivo volitivo da cultura.

Ainda, de acordo com o filósofo, a natureza real da linguagem acontece na relação e na dialogicidade, e a maior inovação alegada por ele é que a realidade da linguagem é estabelecida na interação verbal, no diálogo ininterrupto com o outro em eventos únicos e individuais. Assinala que ao mesmo tempo em que a língua penetra na vida, a vida também penetra na língua, e são ininterruptamente modificadas.

Bakhtin (2009) postula que a enunciação é de natureza social, pois não pode ser explicada a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. Sua conclusão sobre a natureza da linguagem é de que ela é de natureza social e ideológica, e o seu lugar privilegiado de existência é o diálogo. Assim, a interação verbal constitui a

realidade fundamental da língua, mas o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui senão uma das formas mais importantes da interação verbal.

Assim, o diálogo em Bakhtin (2009) é entendido como toda comunicação verbal, de qualquer tipo e, na sua Filosofia de Linguagem, o diálogo é condição *sine qua nom* da existência humana e de relações intersubjetivas, conceituada como dialogismo. A dialogia de Bakhtin põe em discussão a monologia apresentada em qualquer forma.

Sobral (2012) esclarece que a proposta do Círculo de Bakhtin de não considerar os sujeitos apenas como seres biológicos, nem apenas como seres empíricos, implica ter sempre em vista a situação social e histórica concreta do sujeito, que os situa em relações dialógicas.

Os eventos únicos de interação dialógica em que os humanos se encontram continuamente, como arquitetura do ato e da alteridade, constituídas para Bakhtin, em espaços de luta entre as vozes sociais em agitados balaios e arenas discursivas, com o outro imposto como lugares de contradição. Assim, consiste a arejada e complexa arquitetura bakhtiniana, que desloca o ponto de referência da visão e da construção do mundo focada no eu para o horizonte do outro (Brait, 2005; Ponzio, 2011).

Para Ponzio (2012) o diálogo na obra de Bakhtin é descrito como uma responsabilidade em responder ao outro, assegurando que desse ato responsável e responsivo o sujeito não tem como escapar, visto que o mundo ao seu entorno está impregnado de ideologias e, com elas tem que dialogar, e negociar em uma multiplicidade de sentidos que conflita e contrita o sujeito ao convocá-lo ao ato.

Diante do pensamento de Ponzio (2010) no que se refere à condição inacabada do ser dividido e conflitado pela linguagem, inserido em um mundo heterogêneo e multifacetado, remetido à necessidade de relacionar-se dialogicamente com o outro, o autor considera que a natureza constitutiva como seres de linguagem se dá com o outro eu, e com o outro de cada um há que cultivar relações ininterruptas com eles. Isto é, estar fora de interações verbais e dialógicas é estar subjetivamente morto, e não se ouvir a partir do outro e não o escutar, legitima uma morte simbólica.

Considerando a constituição humana na e pela linguagem, e que emana do outro, necessário se faz que esteja em interações dialógicas por toda a sua vida, sob o

fito de não empobrecer os sentidos e valores subjetivos, visto que o estar junto ao outro, enfraquece a condição miserável de abandono a que o homem é habituado e, para isso, situações de encontro entre humanos devem ser propiciadas.

Encerramos este ponto, parafraseando Augusto Ponzio, linguista italiano que propaga entusiasticamente a Filosofia de Bakhtin, com ênfase na interdependência entre o eu e o outro. “Onde encontram palavras, encontram-se vozes de sujeitos em relações singulares. Na comunicação, tudo está em movimento “[...] Linguagem não é só comunicação, mas é também modelagem. Terminamos um texto escrito porque sentimos as vozes do outro, já que escrever é também dialogar” (Ponzio, 2012, p. 72).

1.4 Linguagem e envelhecimento

Estudos e pesquisas com foco para o envelhecimento têm alcançado notoriedade científica nos meios de comunicação, pois o crescimento do envelhecimento populacional e a criação do Estatuto do Idoso tem provocado a busca pelo melhor conhecimento dos aspectos relacionados ao tema.

Percebemos que o processo do envelhecimento tem sido abordado por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento e tornou-se algo comumente discutido nos últimos anos, e que a crescente demanda por estudos e publicações a respeito do envelhecimento é impulsionada pelo aumento da expectativa de vida, um aumento significativo do grupo etário pós 60 anos em nível mundial.

O envelhecimento senil envolve um declínio gradual de algumas funções cognitivas que se alteram com a idade e dependem de processos neurológicos, dentre elas, a atenção, linguagem, função executiva, memória, habilidades visoespaciais entre outras, sendo a memória uma das mais afetadas, e que as deficiências de memória, principalmente as que refletem dificuldade para recordar nomes, números de telefones e objetos guardados, são as mais relatadas atualmente (Canineu et al., 2006)).

Segundo Parente et al. (2006) o envelhecimento e as outras fases da vida passa por um processo de transformação do organismo que se reflete nas suas estruturas físicas, nas manifestações da cognição, assim como é na percepção dessas modificações, que com o avanço da idade surge certo declínio em algumas capacidades cognitivas.

Argumenta que além do desempenho daquelas, o nível de escolaridade dos idosos se mostra interagir com sua capacidade de compreensão leitora.

Quintas et al. (2017) e Abdo et al. (2020) marcam a educação formal e a alfabetização como fatores escalados no decorrer da vida com proposições para relações entre aprendizagem, neuroplasticidade e envelhecimento para a manutenção da qualidade de vida na velhice. De modo que os construtos neurológicos envolvidos entre aprendizagem e envelhecimento, apontam as estruturas cerebrais como responsáveis pelas funções superiores de abstração de informações formais e não formais envolvidas na aprendizagem com mudanças neurológicas normativas ocasionadas pelo avanço da idade.

Vasconcelos (2007) traz que em torno da terceira década de vida, acontece o auge da habilidade de pensamento, mas que sutilmente diminui com o acréscimo da idade. Porém, a habilidade de pensamento também possui características específicas em cada fase do desenvolvimento englobando a combinação de fatores sociais, individuais e estruturais.

Bastos et al. (2017) aponta a neuroplasticidade como a possibilidade de adaptação e modificação do cérebro com referência a capacidade de alterar o perfil químico e estrutural do encéfalo. De forma que este conceito possui interferências genéticas e ambientais incluindo condições sociodemográficas como ocupação profissional, educação formal, dentre outras. Sustenta a influência dos fatores ambientais quanto aos aspectos genéticos e vice-versa, ou seja, o estilo de vida interfere diretamente à neuroplasticidade com intervenção na reabilitação neurológica (Rocha; Araújo, 2021).

Cobalchini et al. (2020) retrata estimulação cognitiva, atividade social, aprendizagem, e a presença de projetos de vida como a base para o envelhecimento saudável. Expressam que a aprendizagem para os idosos com o uso da tecnologia amplia os conhecimentos e estimula o processo cognitivo, e que por meio da realização de tarefas diárias, o uso de aplicativos de serviços, a comunicação e o acesso à informação, empregam-se funções intelectuais como a leitura, escrita e aprendizagem de novas linguagens.

Há estudo que sugere que a educação formal no início da vida seja incluída na agenda preventiva de saúde pública. Sobretudo, que a Bateria de Teste Neuropsicológico Automatizado de Cambridge (CANTAB) para testar a hipótese de que as influências da escolaridade e da idade interagem e agravam o declínio cognitivo relacionado à idade, possam ser úteis para detectar alterações cognitivas sutis no envelhecimento saudável. Salienta que menos educação no início da vida é um fator de risco para o declínio cognitivo relacionado à idade, com maior influência que a própria idade (Grivol et al., 2011).

Contudo, pode-se apreender que o processo de envelhecimento ocorre como consequência da capitalização dos efeitos ambientais que interagem com o organismo, e se relaciona com os processos geneticamente programados das mudanças causadas pelo efeito do tempo. Para além disso, aspectos culturais, escolaridade, hábitos diários e convivência social, dentre outros, influenciam como uma pessoa chega à velhice.

Hoffman (2002) afirma que não existe uniformidade no processo de envelhecer, pois a mudança produzida pelo efeito do tempo varia de pessoa, e que embora seja uma fase previsível da vida, o processo de envelhecimento não é geneticamente programado, não existindo genes determinantes do como e quando envelhecer. Porém, existem genes variantes que favorecem a longevidade ou reduzem a duração da vida.

Com base no exposto e considerando que os fatores ambientais e estilo de vida influenciam no envelhecimento, nos leva a pensar que não há um tempo pré-determinado e fixado para o declínio de habilidades, e a maneira como o indivíduo se comporta no decorrer da vida adulta pode refletir diretamente no desempenho de suas habilidades ao envelhecer.

Tendo em vista a perspectiva sócio-histórica da linguagem precedida por uma interação social, pressuposta pelo papel constitutivo do sujeito por meio das relações dialógicas estabelecidas com o outro, vê-se que a criança se insere no mundo da linguagem desde pequena, percebe-se e interage com o outro, na construção de significados e valores sobre o mundo que a cerca (Bakhtin, 2011).

A perspectiva sócio-histórica citada antes, argumenta também que as condições de mundo partem da prática discursiva entre as ideologias sociais existentes, afirmando

que a consciência dos indivíduos adquire forma e existência a partir de signos e significações criados por um grupo organizado em função das histórias de suas práticas sociais, e essa interação de significados é, justamente, o que constitui a verdadeira linguagem. Haja vista ser a consciência individual um fato socioideológico, e todo signo ideológico por natureza (Bakhtin, 2011).

Ainda segundo Bakhtin (2011) o ato da fala e os discursos produzidos são socialmente carregados de conteúdo ou sentidos ideológicos e vivenciais. De modo que uma linguagem viva, um processo incessante se constrói no cotidiano da vida social, e cada época e cada grupo social na forma de discurso na comunicação socioideológica, têm seus respectivos repertórios através de suas significações constitutivas dos sujeitos.

Na concepção de Faraco (2003) para que haja relações dialógicas, é imprescindível que a entrada de qualquer material linguístico na esfera do discurso, tenha se transformado num enunciado e fixado a posição de um sujeito social, ou seja, a criação ideológica, para a perspectiva sócio-histórica da linguagem, não pode ser reduzida em sua superfície empírica, nem se limitar a uma consciência individual, somente pelo viés sócio-histórico.

Destarte, diferentes visões são encontradas na coletividade acerca do idoso que de forma dialógica, terminam se juntando no cotidiano e formando estereótipos da velhice na prática social. Dentre as vozes sociais a respeito do envelhecimento, estão este e as funções biológicas, o envelhecimento e a ausência do papel social do idoso, assim como a responsabilidade deste frente à velhice. Ambos sucintamente apresentados a seguir.

Segundo Netto (2007) o envelhecimento biológico é definido como um processo, e a velhice como uma fase da vida. Para o autor, as manifestações somáticas da velhice são caracterizadas por redução da capacidade funcional, calvície, redução da capacidade de trabalho e da resistência, entre outras. Associam-se a perda dos papéis sociais, solidão e perdas psicológicas, motoras e afetivas. Com base nesse conceito, pode-se traduzir como o finalizar do caminho biológico. Nesta ótica, a velhice se constitui de tristeza e de debilidades físicas, emocionais e psicológicas.

Segundo Meassi (2008) a velhice ainda é normalmente associada a um completo declínio das capacidades físicas, intelectual e mental, o que favorece as áreas voltadas às prevenções de doenças, quando se fala em velhice.

Quanto ao envelhecimento e a ausência do papel social do idoso, por meio de suas recordações e história de vida vê-se a pessoa idosa como um construtor social, mas que ainda permanece à margem de suas representações coletivas, quase sempre, suprimidas no cotidiano. Ou seja, sem acesso ao mundo social que poderia conceder oportunidade às suas narrativas pretéritas e presentes (Bosi, 2012). Mas a sociedade mascara a visão apontada para a inutilidade dos velhos com atividades exclusivamente lúdicas, desprezando a sua experiência e seus conhecimentos acumulados, reforçando a noção de que o velho não pode contribuir para a vida social. Importante, porém, que os programas destinados aos idosos não devem se limitar apenas as atividades de entretenimento, embora também sejam relevantes.

Contudo, com o advento da industrialização e da urbanização que privilegia a força produtiva, caracterizado pela ausência de papel social isolou-se os velhos da engrenagem social. Debert (1999) fundamenta que idosos não ativos socialmente em uma sociedade capitalista, na qual os modos econômicos de produção exigem força física para a produção industrial em massa, formata um novo estereótipo a respeito da velhice, de um idoso passivo e excluído socialmente.

Nessa visão, situações econômicas, culturais e psicológicas são vivenciadas por essa parcela da população que não encontra “voz” em uma coletividade despreparada para lidar e conceber a velhice. Netto (2007, p. 11) afirma que o resultado dessa situação “é a marginalização do velho e a perda de sua condição social, às quais se associam aos poucos rendimentos recebidos, fruto de aposentadorias irrisórias”.

Em suma, a perda de algumas referências que o idoso teve presente em toda sua vida, e que evidenciavam a sua posição social, como perder a voz ativa e/ou deixar de ser consultado nas decisões familiares. Além de abafar a fala do velho nos ambientes sociais, e extrair dele a referência, a autonomia, o que se agrava quando a família e a sociedade deixam de atribuir o papel social ativo considerando-o inútil, um peso social.

A partir de 1990, com o discurso modificado na sociedade, em relação aos idosos, emerge o envelhecimento e a responsabilidade do idoso frente à velhice, e devido ao aumento mundial dessa população, novos discursos sociais estão em construção. Nessa direção, o velho é incluído, inclusive em discursos políticos. Debert (1999) questiona as razões para essas mudanças discursivas e sobre a responsabilidade individual imposta pela sociedade a cada sujeito frente a sua possibilidade de envelhecer de forma saudável.

Para a autora, os manuais de autoajuda, as receitas de especialistas e a publicidade se empenham em revelar que as imperfeições corporais não são naturais, nem imutáveis e, que as rugas e a flacidez se transformam em indícios de lassitude moral, devendo ser tratadas com o auxílio das ginásticas, dos cosméticos e das vitaminas da indústria do lazer, e que com esforço e um trabalho corporal disciplinado, pode-se alcançar a aparência desejada (Debert, 1999).

Percebemos, portanto, que as visões a respeito do envelhecimento, discutidas anteriormente, estão metodologicamente separadas, mas na prática social se entrelaçam. As vertentes se interagem e se sobressaem de acordo com cada sujeito social.

1.5 A compreensão leitora e suas funcionalidades

A temática sobre a linguagem e a compreensão leitora na adultez e na velhice ainda apresenta pouca exploração por pesquisadores e professores da linguística e áreas afins. Muitas pessoas e estudiosos também veem esse público como incapaz de instruir-se ou de adquirir conhecimentos novos, e os estereótipos se ampliam quando se trata de aprendizagem, porém, esquecem do seu conhecimento de mundo.

No estudo de Steen-Baker et al. (2017) os autores coletivamente sugerem que leitores idosos (independentemente da habilidade de leitura) são mais sensíveis ao contexto para processos de integração de significado; leitores adultos menos qualificados (independentemente de idade) dependem mais de uma representação semântica restrita para compreensão; e que a capacidade de participação na

alfabetização permite o desenvolvimento contínuo de processamento lexical eficiente no desenvolvimento da leitura de adultos.

A facilidade ao processamento de texto pelo contexto da frase refletida na interação, pouco se sabe sobre como esse efeito varia ao longo da vida adulta em função da habilidade de leitura. Em termos absolutos, os leitores se apresentaram sensíveis à previsibilidade, independentemente da idade ou da alfabetização, tanto nas mensurações iniciais quanto nas posteriores. Para tanto, os leitores mais velhos mostraram sensibilidade contextual diferentes nos padrões de regressão, efeitos não moderados pela habilidade de alfabetização (Steen-Baker et al., (2017).

Para Campos (2003) a atividade de leitura de um texto é compreendida por uma variada série de processos cognitivos, definidas como a análise visual e a codificação das letras em unidades linguísticas mais extensas, a ativação de reproduções lexicais, a extração do significado das frases, a comparação deste significado com informações notadas anteriormente no texto, assim como a elaboração de raciocínios e evocação de imagens mentais.

No entendimento de Costa (2004) a compreensão detém dois conceitos associados na leitura que são: a descodificação e a compreensão. Para ele, o ato da leitura baseia-se na descodificação da linguagem que se manifesta por meio de sinais gráficos, e extrai deles uma significação, ou seja, ler e compreender, sendo que a descodificação é vista como uma condição necessária, mas não suficiente à compreensão, e que a finalidade da leitura e da sua aprendizagem é compreender e não descodificar. Por outro lado, a compreensão é entendida como um meio de alcançar a descodificação. Esta relação explica o fato de algumas crianças serem capazes de ler adequadamente, ou seja, descodificarem, mas não serem capazes de extrair os significados do texto.

Assim, a compreensão é avaliada em duas variantes, a compreensão como produto e como processo. Quando a primeira é vista como um produto ou resultado da interação entre o leitor e o texto. Isto é, o produto fica retido na memória e pode verificar se o indivíduo expressa fragmentos valiosos da informação armazenada. Para a autora, a “compreensão é o processo e o produto da interação entre o texto e o leitor,

entre as condições de recepção, o que leva a concluir que a análise da compreensão leitora tem de ser encarada nesta dupla perspectiva” (Brito, 2002, p. 76).

Na compreensão leitora, portanto, existe a premência de se produzir um espelho mental do texto lido. O leitor concebe diversas informações entre as frases e as ideias contidas naquele, a fim de construir uma representação integrada do que foi lido (Cain & Oakhill, 2003). Dessa maneira, as informações devem ser mantidas na memória enquanto o leitor segue realizando a leitura. Por outro lado, o leitor não precisa preocupar-se em manter na memória de trabalho as palavras não lidas com precisão, mas necessariamente com as principais mensagens dos grupos de palavras, armazenando-as sob forma das proposições.

Os enunciados revelam que os diferentes níveis de processamento do texto durante a leitura e a compreensão leitora estão associados à integração de múltiplas habilidades linguístico-cognitivas, algumas relacionadas ao significado e reconhecimento da palavra.

Estudos também mostram que a leitura é necessária, mas não suficiente para o desenvolvimento da compreensão textual. Porque a leitura envolve além da interpretação da mensagem contida no texto, a integração dessa mensagem com aquelas relacionadas ao conhecimento de mundo do leitor (Colomer & Camps, 2002). Nessa definição, o vocabulário e a precisão de leitura, tanto se somam na contribuição que fazem ao desenvolvimento da habilidade de leitura, como interagem.

Por outro lado, na leitura de um texto o leitor ao se deparar com a forma escrita de uma palavra, normalmente já possui um significado prévio relacionado àquela grafia. Igualmente, o nível de vocabulário do leitor pode assessorar a construção do léxico ortográfico. Por conseguinte, um vocabulário limitado reduz a possibilidade de o leitor utilizar o contexto para ler palavras para as quais encontra dificuldade em ler com exatidão (Dockrell & Lindsay, 2004). Uma das grandes dificuldades dos leitores menos habilitados diz respeito à sua habilidade de usar o contexto como recurso que auxilia a precisão na leitura das palavras. Na opinião de Sánchez (2002) o desconhecimento de alguns vocábulos do texto, particularmente se estes forem elementos fundamentais para a construção da representação mental do texto pelo leitor, pode dificultar ou comprometer o processo de compreensão leitora.

No Brasil, apesar de se esperar que os alunos, ao concluírem a primeira etapa formal de escolarização sejam leitores hábeis e empreguem diferentes formas de linguagem para se comunicarem, outros fatores são observados (Miotto, 2014). Contudo, desempenhos aquém do esperado têm sido frequentes, a exemplo, escolares da quarta (atual quinto ano) e oitava séries (atual nono ano), do Ensino Fundamental e do terceiro ano do Ensino Médio, sejam de escolas públicas ou particulares (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP], 2007).

Algumas pesquisas como de Oliveira (2011) e Santos e Silva (2013) realizadas com universitários mostram também que grande parcela deles lê pouco e tem dificuldade para compreender textos. Isso permite mensurar que o problema da compreensão leitora se estende desde as séries iniciais do Ensino Fundamental e persiste ao longo percurso da escolarização. Ademais, avaliações educacionais nacionais quantificam sistematicamente a diferença entre o que seria o desempenho desejável e o alcançado por estudantes concluintes do Ensino Fundamental e Médio (INEP, 2007, 2012; Instituto Paulo Montenegro, 2013).

Importa referir que o desacerto entre as habilidades reais dos estudantes brasileiros e o que seria esperado, contrai ainda mais relevância quando se considera que um dos indicadores de desenvolvimento de um país é justamente o índice de analfabetismo. Cirilo Jr. (2013), demonstra que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE indicou a existência de 13,2 milhões de brasileiros com menos de 4 anos de escolaridade ou analfabetos funcionais, o que representa 8,7% da população de 15 anos ou mais.

Comparável a isso, pesquisas realizadas de 2001 a 2012, com uma amostra de 2.000 pessoas entre 15 a 64 anos, pelo Instituto Paulo Montenegro e a Organização Não Governamental Ação Educativa, que trabalham com o Indicador de Analfabetismo Funcional - INAF, mostraram que apesar de que nas últimas décadas, tenha ocorrido uma redução do analfabetismo absoluto e da alfabetização rudimentar, como um incremento do nível básico de habilidades de leitura escrita e matemática, apenas 25% deles dominam plenamente as habilidades de leitura e escrita, e 6% confirmaram um nível de habilidade muito baixo, situando-se no nível rudimentar de alfabetismo,

significa que possuem apenas a capacidade de localizar informações simples em enunciados de uma frase (Instituto Paulo Montenegro, 2013).

O analfabetismo é uma realidade existente no Brasil, e em todo o país em 2021, havia quase 5,6 milhões de idosos não alfabetizados, dos quais cerca de 2,5 milhões (44,6%) se encontravam na faixa de 60 a 70 anos. No Tocantins os idosos representam 14,6% da população do estado Tocantins, chegando ao número de 228 mil pessoas, já o número de pessoas analfabetas de idade entre 15 anos ou mais chegou no ano de 2000, a 6,30% e 3,8% no ano de 2010 segundo o (Censo, 2010). Na distribuição do número absoluto constata-se, de 2012- 2021 um total de 28.896 de não alfabetizados com idade de 15 anos ou mais. Importa lembrar que os idosos analfabetos e alfabetizados são contemplados apenas no contexto de políticas públicas de jovens e adultos, por não haver políticas específicas para idosos não escolarizados (IBGE, 2021).

Para Oliveira et al. (2007) os sérios problemas na habilidade de leitura apresentadas por muitos alunos do ensino Fundamental, podem ser explicadas pelo fato de que os estudantes concluintes desse estágio da educação formal, mesmo adquirindo habilidade da leitura, não comprovam a capacidade de abstrair as ideias mais relevantes do texto. Frequentemente, é possível observar que esses escolares apenas realizam decodificações simples, o que denota o desenvolvimento de processos cognitivos de maior complexidade comprometendo a compreensão do que foi lido.

A capacidade dos idosos de perceber, compreender e produzir linguagem, tem sido uma área de interesse dos pesquisadores nos últimos anos e, uma das principais abordagens no estudo de Abrams et al. (2010) foi perceber se o envelhecimento afeta o processamento da linguagem universalmente ou somente de modos específicos, remete à emergência de um padrão assimétrico em que os idosos experimentam maiores dificuldades ao produzir a linguagem em comparação com a sua compreensão. Para tanto, marca os problemas de recuperação de palavras como algumas das dificuldades linguísticas mais visíveis e frustrantes relatadas por pessoas mais velhas.

Em vista do aumento crescente de expectativa de vida, os trabalhos sobre cognição do idoso que envolvem a linguagem, encaminham-se, também, à promoção de uma melhor qualidade de vida nesse estágio significativo.

Sobre a influência dos baixos níveis de escolaridade no declínio cognitivo, pertinente à idade em países com intensas desigualdades sociais e econômicas, como no Brasil, Bento-Torres et al. (2017) utilizando testes cognitivos imparciais com testes a hipótese de que os efeitos da idade e da escolaridade interagem e agravam a linguagem, apuraram até que ponto a idade e a educação influenciam a velocidade de processamento, a memória episódica visual e a memória de trabalho em uma população idosa brasileira.

Por meio de uma avaliação neuropsicológica automatizada e imparcial para minimizar a possível influência do pesquisador, associada aos testes tradicionais de lápis e papel, a bateria de testes neuropsicológicos automatizados de Cambridge (CANTAB) – que é uma bateria de estímulo visuoespacial e emprega tecnologia touchscreen para obter respostas não verbais dos participantes, usando estímulos visualmente atraentes. Os referidos testes permitem acrescentar e reduzir a dificuldade de uma determinada tarefa, adaptando o teste a uma ampla variedade de desempenhos cognitivos e mantendo o interesse do usuário durante os testes (Bento-Torres et al., 2017).

Para tanto, confirmou-se a hipótese de que a memória fonológica se amplia com a idade, mas declina na terceira idade, e que os adultos jovens tiveram melhor desempenho em relação às crianças e aos idosos, estes, porém, tiveram pior desempenho na repetição de não-palavras, tanto em relação aos adultos quanto às crianças. Confirma a hipótese de que habilidades de memória de trabalho fonológica sofrem influência da idade, de forma que quanto maior a idade, melhor o desempenho, mas a memória apresenta declínio na terceira idade e revela-se superior à de crianças apenas na prova de repetição de dígitos (Givol & Hage, 2011). Fato é, que tanto a memória, como outras habilidades cognitivas, evolui no decorrer dos anos e declina na terceira idade e, que quanto maior a quantidade de sílabas, maior a dificuldade em armazenar o material verbal na memória, sem definição da faixa etária (Grivol et al., 2011).

Segundo Rodrigues et al. (2008) a prova de fluência verbal oferece informações a respeito da capacidade de armazenamento do sistema de memória semântica, da habilidade de recuperar a informação arquivada na memória e do processamento das

funções executivas, principalmente, as da capacidade de organizar o pensamento e as estratégias utilizadas para a busca de palavras. Certifica os autores, que a aprendizagem verbal ocorreu com maior frequência nos adultos do que nos idosos nas provas semântica e fonológica, mas notou-se decréscimo na produção de palavras com o aumento da idade e com a diminuição do nível de escolaridade. Na comparação entre os sexos, o melhor desempenho dos homens foi na prova semântica, mas não foram notadas diferenças na prova fonológica.

Na concepção de Cecatto et al. (2006) a linguagem se apresenta como um sistema dinâmico e complexo de símbolos convencionais utilizado de formas diferentes tanto para a comunicação como para o pensamento. Para o autor, a linguagem é uma função cerebral complexa que compreende diversos processos linguísticos, de maneira que os vários componentes funcionais da linguagem interagem para constituir a função final da comunicação verbal.

Apontada como uma variável sociodemográfica, a escolaridade é concebida como relevante no processamento neuropsicológico, e o aumento da escolaridade pode contribuir também para o número de sinapses ou a vascularização cerebral, ter influência na estrutura cerebral e, de forma significativa influenciar na evolução do quadro demencial do paciente após obtenção de lesão cerebral. Pode ainda aceitar que o nível de escolaridade seja resultante da totalidade de anos estudados, sem considerar os anos de repetência escolar, pela evidência de que a variável escolaridade, vai muito além da quantificação de anos de exposição à aprendizagem escolar formal (Parente et al., 2009).

Sendo assim, o nível de escolaridade mostra ser o fator mais inquirido em pesquisas cujo foco seja a normatização, análise e a comparação entre grupos de populações neurologicamente saudáveis. Nesse aspecto, um alto nível de escolaridade pode, inclusive, associar-se a maior qualidade cognitiva no envelhecimento (Parente et al., 2006).

As variações observadas nos resultados em testes que aferem o desempenho dos indivíduos, principalmente de baixa escolaridade, em tarefas linguísticas podem estar relacionadas aos hábitos de leitura e escrita adquiridos na vida adulta, devido os testes que avaliam os processos linguísticos serem compostos por estímulos que podem ser

processados com dificuldade pela população de baixo letramento (Parente et al., 2006, 2009, 2012).

Os estudos de Mansur et al. (2006) e Miotto et al. (2010) ao aferirem o desempenho de indivíduos da população brasileira em teste específico de linguagem, apontaram que a idade e a escolaridade têm influência no desempenho dos sujeitos. Parente et al. (2012) e Moraes et al. (2013) contribuem pontuando que além da idade e da escolaridade, o desenvolvimento de hábitos de leitura e escrita na vida adulta pode influenciar positivamente o desempenho dos indivíduos em tarefas cognitivas, e expõem que estes fatores podem interferir principalmente na performance dos sujeitos com baixo nível educacional.

A leitura é entendida como toda manifestação linguística executada por uma pessoa com a finalidade de recobrar um pensamento formulado por outra e posto em forma de escrita, como também a compreensão de que a leitura, além de permitir a fruição de ideias e sentimentos, constitui-se como um dos principais meios de que o indivíduo dispõe para se apropriar de conhecimentos, crenças e da cultura de seu povo e de seus antepassados, representando um modo de crescimento como ser individual e coletivo (Cagliari, 2007; Scherer et al., 2008).

Não obstante a leitura se mostre automática e instantânea, estabelece a coordenação de habilidades perceptuais, cognitivas, linguísticas e de memória, beneficiando ao leitor, além de reconhecer as letras ou palavras, possa identificar o significado das palavras, examinar a aceitabilidade sintática das frases e, ainda, extrair a essência da mensagem (Stuart-Hamilton, 2002).

Pode-se dizer então, que várias situações diárias demandam o uso da habilidade de leitura, uma vez que a leitura é uma necessidade social. Lê-se, por exemplo, a posologia de uma bula de remédio, o modo de fazer uma receita, dentre outras. No que concerne à função da leitura no estilo de vida das pessoas mais velhas, não se pode afirmar que os idosos dedicam mais tempo à atividade leitora se comparados a adultos jovens, porque os adultos idosos podem até passar mais tempo lendo, mas leem jornais e revistas, leituras avaliadas fáceis, capazes de provocar um declínio nas habilidades leitoras. Enquanto as capacidades linguísticas mais específicas, piora no

reconhecimento das palavras, no processamento sintático e dificuldade em recordar as histórias (Flôres, 2008; Stuart-Hamilton, 2002).

Moraes et al. (2010) atribuem uma velhice bem-sucedida a uma vida bem-sucedida, e garantem que o processo de envelhecimento é categoricamente individual, variável, estabelecido desde a infância. Para os autores, o organismo humano passa por modificações nas formas e funções, além de alterações bioquímicas e psicológicas que caracterizam o envelhecimento, mas de modo natural e ao longo da vida.

Stuart-Hamilton (2002) defende que a habilidade intelectual depende de fatores como o estado emocional, a profissão e escolaridade e o nível de instrução. Enquanto Moraes et al. (2010) negam a limitação cognitivamente do idoso, embora possa, eventualmente, requerer adaptação de estímulos ambientais para possuir funcionalidade compatível à de adultos jovens, a memória diminui na velhice e, ainda que algumas áreas são preservadas relativamente, a perspectiva é de declínio, e aponta para o fato de alguns fatores serem mais relevantes que outros na predição das alterações de memória decorrentes da idade, como os níveis educacional, socioeconômico e também o estado emocional (Argimon, 2006).

Na referência de Yassuda (2006) o declínio da memória como parte do envelhecimento saudável é representado habitualmente por dificuldades de memorização e lembrança de determinadas informações, afetando a capacidade de evocar nomes ou de produzir palavras. Argimon (2006) destaca a necessidade de serem realizados estudos com idosos que estejam bem do ponto de vista biopsicossocial, com a finalidade de estabelecer limite entre o normal e o patológico, esperado na velhice. Entende-se como esperada, a ocorrência de decorrência do envelhecimento normal e alterações nas capacidades cognitivas do indivíduo.

Smith (2003) adverte sobre um paradoxo interessante a respeito do papel da memória na leitura, quando diz que quanto mais tentamos memorizar, menos tendemos a recordar e compreender, mas quanto mais compreendemos, mais a memória cuidará de si mesma. Para o autor, a capacidade de ler com compreensão, proporciona a lembrança todo o tempo, e quando se retém uma sequência significativa de palavras na memória, tanto de curto como de longo prazo, além de armazenamos as palavras, lhes atribuímos significado.

De acordo com os estudos apresentados, pode-se perceber que o envelhecer causa adulterações na celeridade de processamento dos dados, com uma proporção maior de tempo para a conferência de informações, enquanto o envelhecimento saudável se relaciona inteiramente a muitos fatores psicossociais, como família, educação, cuidados com a própria saúde, além da motivação e iniciativa da própria pessoa (Argimon et al., 2005).

Por outro lado, o fato de o idoso estar inserido em um ambiente onde ele realiza atividades de vida diária, como exercícios físicos, atividades culturais e religiosas, manter contato com familiares e amigos pode estar contribuindo como um fator de proteção de suas condições cognitivas. Contudo, o processo de envelhecimento ocorre de forma diferenciada para cada indivíduo, e a idade cronológica é só mais um dos fatores que pode interferir ou não no seu bem-estar (Argimon et al., 2005; Ramos, 2003).

Nesse aspecto, pode-se inferir que há influências relevantes a serem consideradas quanto às temáticas pesquisadas relativamente à linguagem e compreensão leitora de adultos e velhos. Que estas devem ser pauta de investigação científica para a qualidade de vida, uma vez que a partir delas pode se desenhar uma trajetória de interação dos sujeitos que envelhecem com acesso efetivo na sociedade e promoção de leitura à dignidade humana, com possibilidades de realizar leitura verbal e escrita, mas também de mundo, com impacto positivo na qualidade de vida.

A seguir serão apresentadas algumas informações a respeito do Teste *Cloze* criado por Taylor em 1953 como uma técnica utilizada para avaliar intuitivamente a compreensão leitora dos alunos, que já faz parte do cotidiano de muitos docentes da Língua Portuguesa, e desde 2007, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) intensificou a exigência da mensuração do desempenho dessa capacidade em larga escala por meio da Prova Brasil, realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2007).

Aventa-se, portanto, a relevância da compreensão de leitura, uma vez que a efetiva aprendizagem dessa competência modifica a realidade escolar e alavanca de fato, os índices das alterações na forma de trabalho aplicadas pelo Índice de

Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, a respeito da leitura em sala de aula, de modo que as metas individuais previstas possam ser obtidas.

Nessa perspectiva, entende-se necessária a aplicação do teste *Cloze* a fim de avaliar e mensurar a compreensão leitora dos participantes do Curso de Educador Político Social do Envelhecimento Humano da Universidade Federal do Tocantins, com idade de 45 anos para mais. A seguir, algumas considerações sobre o teste *Cloze* são brevemente tecidas.

1.6 A compreensão leitora e a Técnica de *Cloze*: breves considerações

Para além das indispensáveis pontes construídas pela interação professor/aluno, pode também utilizar-se de instrumentos capaz de dá pistas de avaliação da compreensão leitora, sendo esse um processo intrínseco, por isso bastante complexo que acontece à medida que o leitor entra em contato com o texto e atribui-lhe sentido.

Conforme Bortoni-Ricardo (2012) o fato de a escola ainda não ter alcançado um trabalho eficiente de leitura não deve ser visto de maneira negativa, mas é necessário continuar investigando sobre o conceito e finalidades, em prol do aperfeiçoamento de algo que é tão essencial para o desenvolvimento do cidadão aluno. Para o autor, a leitura é essencial para o aluno construir seu próprio conhecimento e exercer sua função social no contexto da cidadania, por entender que a capacidade leitora amplia o entendimento de mundo, propicia o acesso à informação, facilita a autonomia, estimula a fantasia e a imaginação e permite uma reflexão crítica ao debate e à troca de conceito.

O autor ainda sintetiza a importância do desenvolvimento do aluno como leitor e os benefícios que terão ao conseguir utilizar efetivamente a leitura, incide, porém, a mediação de um profissional, que de forma experiente faça a ponte entre os pares e seja dotado de pleno conhecimento sobre processos interativos e a percepção da necessidade de realizar a mediação.

O Teste *Cloze* é um instrumento capaz de dá pistas da compreensão leitora em sala de aula. É bastante usado e difundido em pesquisas nacionais e internacionais, e sua

eficácia confirmada em diversos contextos. O teste já foi aplicado em diferentes séries, no ensino fundamental, básico e superior (Santos, Boruchovitch & Oliveira, 2009, p. 68), afirma que: “Várias são as vantagens em se utilizar o *Cloze*. Dentre elas, que se trata de um instrumento de fácil construção, manipulação e interpretação”. Contudo não foi percebido ainda nenhum estudo científico validado do *Cloze* para a população de alunos idosos. O que estimula a valorar a utilização do teste nessa pesquisa.

Inicialmente o procedimento *cloze* foi apresentado por Taylor em 1953, como uma forma mais eficaz de determinar a leiturabilidade, porém, apontada por Abreu et al. (2017) tem sido utilizadas diversas formas metodológicas de aplicação do teste Cloze em razão de se poder elaborá-lo conforme o objetivo que se pretende alcançar.

O procedimento *cloze* consiste na eliminação aleatória ou sistemática de 20% das palavras de um texto para que o aluno tente a recuperação das mesmas enquanto lê e apoia-se no contexto das palavras restantes. Nesse viés, o *cloze* tem sido considerado um aferidor efetivo de diferenças específicas na compreensão dos leitores, assim como no aprendizado, na inteligência geral e do conhecimento técnico especializado. Tem sido também realizado grandes avanços na metodologia da técnica com atenção primordial à sua precisão e conveniência (Suehiro, 2013).

Criado por Taylor em 1953, o Teste *Cloze* consiste em lacunar o texto amparado na ideia de que o leitor pode perceber a sentença mesmo ela estando lacunada, e preenchê-la de modo a estabelecer significado durante todo o texto, ou seja, para a execução do teste *cloze* são omitidas palavras em um texto e inseridas lacunas para que sejam preenchidas. Logo, o “*cloze*” não é uma fórmula de leiturabilidade e nem uma forma de completar sentenças, pois utiliza uma série de lacunas contextualmente inter-relacionadas, e não isoladamente. Assim, o teste pode ser organizado de várias maneiras, a depender do nível de dificuldade que se pretende atingir, bem como do objeto que se busca alcançar (Abreu, et al., 2017; Lima, 2015).

Cloze vem de *closure* que a psicologia gestáltica define como tendência de completar um padrão familiar não completo. A técnica consiste em completar um espaço vazio com a palavra eliminada que deve ser acertada. Seu objetivo inicialmente, era mensurar a inteligibilidade dos textos, sendo necessário para o seu preenchimento,

recorrer aos conhecimentos prévios, bem como à decodificação dos aspectos gerais do texto (Lima, 2015).

Segundo Taylor (1953) os fundamentos psicológicos e linguísticos do teste *cloze*, são estruturados nas teorias da Gestalt e da Informação. A primeira refere-se à tendência do leitor em completar um padrão familiar que esteja parcialmente incompleto. Ou seja, o leitor, ao perceber uma estrutura linguística incompleta, tende a completá-la com o elemento sintático e semanticamente adequado. Enquanto a teoria da informação trata da redundância existente no sistema da língua, isto é, quanto mais redundante for o elemento, mais previsível ele será.

Dessa forma considera-se a leitura, uma atividade na qual os leitores predizem e antecipam significados, formulam hipótese e as confirmam ou não à medida que leem o texto; dando ao *cloze* uma visão de um procedimento que reforça e enfatiza o papel da predição da leitura. Assim, o texto constitui-se como uma ferramenta de controle da compreensão. Nesse tipo de avaliação, deve-se considerar não somente a precisão, mas, também, a coerência da resposta que revela uma boa compreensão (Solé, 2015).

O teste *cloze* também se assemelha a uma situação natural de uso da linguagem, quando o leitor utiliza seus conhecimentos de mundo e linguístico. É de fácil elaboração, aplicação e correção. Pode ser usado como instrumento de testagem e de aprendizagem e, materiais não padronizados podem ser também utilizados. Para a execução, o leitor é orientado no sentido de ler o texto *cloze* inteiro para depois voltar preenchendo, mas pode regredir sempre que julgar necessário. Segundo Kleiman (2011) o leitor experiente torna a leitura uma atividade consciente e busca estratégias de antecipação e inferência com que ele joga durante o processamento da leitura.

Importante notar que o *cloze* e a leitura são atividades de natureza diferente, mas possuem alguns procedimentos comuns. Neles, o leitor precisa inferir de acordo com o contexto oferecido, utilizar índices textuais para predizer e realizar exemplos de circulação ocular semelhantes.

Para tanto, a técnica ou teste de *Cloze* tem sido utilizado como instrumento na avaliação da compreensão em leitura, e baseia-se na natureza interativa do processo de compreensão com ênfase na relevância das pistas gramaticais e semânticas, bem como

dos padrões de linguagem e do conhecimento prévio a respeito do tema, de modo que a compreensão do material lido se torne possível (Suehiro, & Boruchovitch, 2016).

Várias publicações a respeito das possibilidades da aplicação do teste e pelas diversas evidências de validade do instrumento veem demonstrando a utilidade e os benefícios do teste *cloze* (Oliveira et al., 2007; Santos, 2005; Suehiro, 2013).

Assim, a técnica ou teste de *Cloze* encontra-se entre os primeiros procedimentos sistemáticos utilizados na avaliação da habilidade de leitura e é norteado por caráter avaliativo, diagnóstico e interventivo. Consiste em um texto com omissão de todo quinto vocábulo, que é substituído por um traço de tamanho equivalente ao da palavra omitida. No qual o respondente deve preencher as lacunas com a palavra que julgar mais adequada para completar o sentido (Oliveira, 2011; Oliveira et al., 2009; Suehiro, 2013; Suehiro & Santos, 2009).

Segundo Bormuth (1968) e Santos (2004) os parâmetros mais frequentes na omissão sistemática das palavras incidem na remoção de todo quinto, sétimo ou décimo vocábulo, na supressão de uma categoria gramatical (adjetivos, substantivos, verbos, entre outros) ou ainda na eliminação eventual de 20% dos vocábulos do texto.

No que se refere as formas, Santos (2004) revela que o texto de *Cloze* é geralmente apresentado por escrito, e a palavra omitida substituída por um traço de tamanho sempre igual, tal qual propõe Taylor (1953), ou proporcional ao tamanho do vocábulo omitido, como sugerido por Bormuth (1968). Para este, os resultados obtidos com a utilização do traço proporcional apresentam um índice mais alto de correlação com outras medidas da compreensão de leitura.

Ainda sobre a estruturação do texto, Suehiro (2013) cita algumas das diversificações sofridas em relação à forma tradicional proposta por Taylor. Dentre elas, os *Cloze* lexical, o gramatical, o de múltipla escolha e o *Cloze* cumulativo. No *cloze* lexical, apenas os itens lexicais do texto são omitidos, enquanto no gramatical se omitem todos os itens relacionais como palavras sem significado próprio e utilizadas para conectar outras palavras que estruturam o texto sintaticamente, como preposições, conjunções, dentre outros. No *cloze* de múltipla escolha, são oferecidas múltiplas alternativas para o preenchimento da lacuna. Enquanto no *Cloze* cumulativo, há a

omissão sistemática de uma única palavra, sendo esta substituída por outra sem sentido. Nessa variação, portanto, atribui-se ao leitor identificar a palavra sem sentido cada vez que ela aparecer no texto.

Assim, ao comparar as diferentes variações da técnica, em Suehiro (2013) há evidências de que o teste de *Cloze* convencional e o de atividades tradicionais se correlacionam quando os textos empregados exigiam o uso da capacidade interpretativa do leitor, além da capacidade de compreensão, indicam ainda, que o *Cloze* convencional identifica o grau de maturidade do leitor com maior consistência.

Sobre a correção do teste *Cloze*, podem ser apresentadas nas formas literal ou sinônima. Sendo que a primeira considera como acerto unicamente o preenchimento correto da palavra exata que foi omitida, respeitando a sua grafia e acentuação. Já a sinônima, aceita um sinônimo da palavra omitida também como correto, e para se utilizar um critério para o emprego dos sinônimos, deve-se apoiar em um dicionário conceituado de língua portuguesa. Por evitar a subjetividade e facilitar sua correção, tradicionalmente, a forma literal é recomendada para efeitos de diagnóstico e de pesquisa (Cunha & Santos, 2014; Mota & Santos, 2014).

No entanto, independentemente do critério adotado, vários autores ressaltam a versatilidade do teste *cloze* que por ser considerado seu fácil manuseio, o baixo custo, simplicidade e confiabilidade na avaliação do nível de compreensão de leitura, tem sido utilizado desde o Ensino Fundamental até o Superior (Oliveira, 2011; Santos, Boruchovitch & Oliveira, 2009; Suehiro, 2013).

Nessa pesquisa, portanto, optou-se pela utilização do *Cloze* convencional ou tradicional, que é a omissão de todo quinto vocábulo independentemente de sua classe gramatical ou significado, obtêm-se uma maior precisão da compreensão em leitura dos estudantes e, por considerar o mais adequado para a população estudada.

A atividade de correção, seguiu o tipo literal, sinônima e ponderada, quando o primeiro critério considera as palavras do texto original, e o segundo critério garante a congruência com o conteúdo do texto conforme Santos et al. (2007) e, ainda o critério de ponderação, mencionado por Oliveira et al. (2009) que considera corretas as palavras

que não denotam relevância na correção ortográfica ou gramatical, mas se aproximam dos ideais ao preenchimento.

1.7 Adulter e velhice é o que é: questões terminológicas

A perspectiva etimológica da palavra adulto, de origem latina *adultus*, definida por “aquele que terminou de crescer”, o conceito normativo e tradicional do adulto padrão assenta na ideia de que é possível atingir uma maturidade e realização definitivas. Este foi um conceito preponderante, produto de um quadro tradicional de exigências imposto e não questionado, desde os meados do século XIX até ao final da Segunda Grande Guerra (Boutinet, 2000; Silva, 2003).

A imagem da adulter enquanto fase de aquisição de estabilidade, idade de utilidade social e produtiva, de concretização de ambições e projetos familiares e profissionais foi até há cerca de trinta anos, algo inquestionável que remetia o adulto para um pedestal em relação às outras fases da vida (Sousa, 2008).

Quanto ao que é ser adulto, na literatura consultada, Erikson (1982) é considerado o primeiro autor a indicar fases na idade adulta, distinguindo períodos distintos, da idade adulta e da idade adulta jovem, e especificamente ao indicar apenas estas duas fases, não pretende referir-se a todas as subfases do período entre a adolescência e a maturidade.

De acordo com Rossato, et al., (2021) nos termos do art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/1990, considera-se criança a pessoa com até 12 anos incompletos, e adolescente aquela com idade entre 12 e 18 anos, sendo, pois, a idade o fator determinante para a fixação de quem é criança, adolescente ou adulto. É adotado um critério cronológico absoluto, sem nenhuma menção à condição biológica ou psíquica. De forma que o aniversário de 12 anos torna a criança adolescente e os 18 anos torna o adolescente adulto.

Para Souza (2007) com o avanço da expectativa de vida, a fase de vida adulta passou a ocupar cerca de 50% do total da vivência de cada indivíduo. Fato que torna

urgente a investigação acerca deste novo adulto que tem pela frente vários caminhos a percorrer, muitas decisões a tomar e experiências para viver diversas situações, designando tanto a população envelhecida, quanto a pertencente às classes médias, com o cuidado de garantir um tom mais respeitoso ao se referir a pessoa que envelhece. Enquanto o termo “velho” reforça a ideia de decadência, de incapacidade e de inutilidade para o trabalho, excluindo, socialmente a pessoa com idade avançada e de classe baixa.

Sobre a aprendizagem na adultez, a principal motivação dos que frequentam cursos de formação ou prolongam a escolaridade é o aumento de empregabilidade. Mais uma vez, o valor instrumental do trabalho sobrepõe-se aos valores expressivos e não-materialistas. Por outro lado, existe a percepção da importância da formação ao longo da vida, mas não há uma prática efetiva da mesma. A separação entre o domínio do trabalho e da educação é notória, vincula-se a aprendizagem aos adolescentes e aos jovens e espera-se que estes terminem os estudos e comecem a trabalhar para se tornarem adultos (Sousa, 2008).

Vimos que várias são as denominações para se referir a adultos que chegaram a velhice, como terceira idade, melhor idade, idoso, velho, dentre outras. Estas que além da semântica de valores, tendem-se a redução das palavras ao embelezamento da linguagem, mascarando a verdade concreta, quanto ao evento do envelhecer.

Ademais, diversas atividades direcionadas a esse segmento no Brasil, utilizam a nomenclatura Terceira Idade, como as Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATI), dos cursos voltados para essa faixa etária, dentre outros, porém, a Universidade da Maturidade (objeto desse estudo), na sua classificação diverge do reforço à ideia do termo “velho” apresentada por Farias (2008) que assevera haver uma distinção entre os termos “velho” e “idoso”, consonante à posição social ocupada pelo indivíduo. Para ele, a última expressão é dedicada às pessoas de mais idade em diferentes realidades, designando tanto a população envelhecida, quanto a pertencente às classes médias, ao garantir um tom mais respeitoso ao se falar da pessoa que envelhece. Enquanto o termo “velho” reforça a ideia de decadência, de incapacidade e de inutilidade para o trabalho, excluindo, socialmente a pessoa com idade avançada e de classe baixa.

Essas diversas designações, desde o eufemismo “melhor idade” até nomações como: terceira idade - TI, aduetez avançada, feliz idade, maior idade, idade madura, velho, velhote, geronte, gerontino, ancião, são termos que, em sua maioria, apenas suavizam no discurso a estigmatização que os idosos vivem no cotidiano (Goldman, 2000).

Correspetivo, Laranja (2004) postula que não devemos temer a recuperar do valor afetivo do vocábulo velho. De fato, essa definição do termo TI é muito tênue para uma fase da vida que varia de pessoa para pessoa, segundo várias circunstâncias. Sua demarcação, no Brasil, independente dos critérios, e é preconizada por leis oficiais, órgãos ligados à saúde e demografia da população. Por causa das diferenças socioeconômicas e culturais, é delicado delimitar o início dessa fase, pois tem-se que considerar as particularidades e peculiaridades em cada caso, uma vez que ela não ocorre da mesma maneira para todas as pessoas.

Aplica-se, em Almeida & Lourenço (2019) que à medida que se enfoca o envelhecimento em diferentes proporções das várias capacidades dos indivíduos, a idade pode ser biológica, psicológica ou sociológica, lembrando ainda, que o envelhecimento não trata apenas de um instante, um estado e, sim, de um constante e sempre inacabado processo de subjetivação desde o nascimento. Fenômeno extremamente complexo e pouco conhecido na vida do indivíduo, cujas implicações estão tanto para quem o vivencia como para a sociedade que lhe assiste.

Segundo Haddad & Di Pierro (2000) há algumas décadas, a educação para adultos na Terceira Idade se limitava a aulas de alfabetização, considerando que grande parte desse público não era alfabetizada e que o censo de 1920, realizado 30 anos após o estabelecimento da República no país, indicou que da população acima de cinco anos, 72% eram ainda de analfabetos.

A exclusão da imagem da velhice do espaço público acaba por enfraquecer a percepção dela como problema coletivo e, conseqüentemente, reduzir a responsabilidade social no seu acolhimento, já a visibilidade alcançada pelas imagens positivas constituintes da terceira idade resulta na obscuração da velhice como decadência fisiológica e cognitiva, e como experiência de dependência e solidão.

Com o processo de reprivatização da velhice, caracterizado pela ideia de terceira idade, suprime o tema envelhecimento da lista de preocupações sociais, restringindo a responsabilidade de sua gerência à competência e habilidades individuais e, deste modo, surge uma espécie de negação da identidade da velhice. Nesta interpretação, aparece uma relação de negação e de omissão entre as identidades da terceira idade e da velhice.

Reunidos os principais questionamentos e assuntos encontrados na literatura especializada, não parece suficientemente clara a relação entre as identidades da adultez e da velhice ou da “terceira idade”, e a qualificação da relação entre as referidas identidades permanece indefinida e oscilante entre a ocultação, a negação e a exclusão, sem descartar ainda a hipótese de coexistência entre elas.

Nesta tese, portanto, utilizou-se a nomenclatura “velho” apoiada por Sousa (2013) que apresenta o vocábulo como sendo a expressão e raiz dos termos envelhecimento, envelhecer e velhice, e pensar que estes não suprimem em nenhum sentido, o respeito e a valorização humano enquanto ser que envelhece.

1.8 Velhice: sob o olhar dos atos oficiais

No que concerne aos atos oficiais, a (OMS) por meio do Relatório do Grupo de Especialistas sobre Epidemiologia e Envelhecimento, estabelece o limite de corte válido para a definição da população idosa aos 65 anos nos países desenvolvidos, e relativo aos países em desenvolvimento a partir dos 60 anos. A OEA - Organização dos Estados Americanos, por sua vez, celebrou em Washington, em junho de 2015, a Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos, cujo Decreto (PDC 863/2017, tramita pela Câmara dos Deputados, aguardando manifestação do seu Plenário. Também no ano de 2018, instituiu-se via Lei nº 13.146/2018, o Ano de Valorização e Defesa dos Direitos Humanos da Pessoa Idosa, referida pelo processo de ratificação pelo Brasil, da Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos, que ainda tramita pelo Congresso Nacional (Rodrigues, 2022).

No Brasil, a definição legal da demarcação da faixa etária do idoso está prescrita na Lei 8.842/94, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso no seu artigo 2º, que

menciona considerar idoso, para todos os efeitos da lei, a pessoa maior de 60 anos de idade (Brasil, 1994); a Política Nacional de Saúde do Idoso, sancionada pelo Ministério da Saúde (MS), publicada no Diário Oficial em 13 de dezembro de 1999, define a faixa etária do idoso com idade igual ou superior aos 60 anos. Semelhante definição e demarcação para o termo idoso também pode ser constatada no Estatuto do Idoso, publicado em 2003 (Brasil, 2021).

Com base no art. 1º da Lei Federal nº 10.741/2003, que institui o Estatuto do Idoso com registro aos direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, e no que confere ao limite de idade, a Constituição Federal de 1988, em nenhuma feita apresentou condições que considerasse a pessoa integrada na etapa idosa da sua existência. Nota-se somente o estabelecido no art. 230, § 2º que dá garantia às pessoas com idade de 65 anos, a gratuidade nos transportes coletivos urbanos (Rodrigues, 2022).

Essa alternativa também se deve à observação da preferência pela utilização de terminologias mais eufêmicas de alguns gerontologistas e estudiosos da Educação para evidenciar essa etapa da vida, e ainda às ressalvas de referência à consciência de que a divisão de pessoas por faixa etária deve ser analisada com maior atenção no ambiente social (Pizzolatto, 2008).

Contudo, Rodrigues (2022) considera o critério etário como o mais prudente, adequado e equânime, pois para o autor, qualquer pessoa que alcançar a etapa idosa poderá usufruir de todos os efeitos legais de uma pessoa idosa, sem discriminação para as suas condições econômicas, pessoais ou de qualquer natureza.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em suas projeções, indica, que em 2030, aproximadamente 42 milhões de brasileiros terão mais de 60 anos. Nessa faixa etária, pessoas por vezes são discriminadas e reconhecidas como incapazes de realizar determinadas atividades, como estudar e aprender conteúdos novos. O Art. 3º do Estatuto do Idoso destaca a relevância de iniciativas educacionais para os mais velhos como sendo obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 2021).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96 - sustenta que o compromisso por excelência da escola brasileira é com a construção da "cidadania" (Brasil, 1997a), com ênfase na preparação do jovem para a vida adulta. Contudo, "envelhecer com cidadania" numa sociedade em que o fator cronológico ainda sobrepõe a experiência e a essência do "SER" desperta incertezas e revela a velhice como uma etapa da vida ainda fortemente temida.

Por conseguinte, a Lei 8.842 de 04 de janeiro de 1994, que versa sobre a Política Nacional do Idoso sugere como uma das ações governamentais, inserir nos currículos mínimos, nos diferentes níveis de ensino formal, conteúdos voltados para o processo do envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre este tema, e ainda a importância de incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores (Brasil, 1994).

Do mesmo modo, o Capítulo V do Estatuto do Idoso, diz respeito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer, e garante no art. 21, que o Poder Público deverá criar oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados (Brasil, 2021).

Normalmente, os direitos são legitimados por legislações específicas com o atendimento de políticas que venham suprir as necessidades dos idosos como a promulgação da Política Nacional do Idoso, pela Lei 8.842/1994 e a Lei 10.741/2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e outras providências, decretada como a garantia legal da atenção especial aos idosos em relação à saúde, assistência, transporte, lazer, dignidade, dentre outros benefícios.

No entanto, as evidências é que raras são as contribuições para sua efetivação, embora seja fruto de um trabalho conjunto de parlamentares, especialistas e profissionais das áreas de Saúde, Assistência Social, Direito, entidades e organizações não governamentais voltadas para a defesa dos direitos e proteção às pessoas idosas.

Em suas disposições preliminares, o Estatuto do Idoso Brasil (2021) salienta que as pessoas de 60 anos acima, continuam a fruir todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana. E como um documento legal assegura-lhes todas as

oportunidades e facilidades com caráter de estimular as responsabilidades da família, comunidade, sociedade e Poder Público, com medidas que priorizem seu atendimento.

O Estatuto do Idoso Brasil (2021) prescreve sobre os direitos fundamentais da pessoa idosa, e nos seus artigos 8º a 42º: registra a garantia do direito à vida como obrigação do Estado mediante políticas sociais públicas - à liberdade (ir e vir, expressão, crença, participação política, familiar e comunitária), também ao respeito, à dignidade, à alimentação, à saúde através do acesso universal e igualitário, à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer – que respeitem sua peculiar condição de idade - à profissionalização, à Previdência Social, à assistência social. Ainda define que o Benefício de Prestação Continuada – BPC já concedido a qualquer membro da família, não será computado para fins do cálculo da renda familiar per capita referida na Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS.

O direito à habitação (prioridade na aquisição de imóvel) em programas habitacionais, transporte (coletivos, públicos urbanos e semiurbanos gratuitos, e reserva de duas passagens gratuitas aos maiores de 65 anos com renda igual ou inferior a dois salários mínimos), também são assegurados pelo Estatuto do Idoso (Brasil, 2021).

Não obstante, dezenove anos após a regulamentação da lei de amparo à pessoa idosa, a maioria dessas ainda vivenciam a discriminação quanto ao direito de participar de atividades de lazer, educação, esporte e cultura, adaptadas às necessidades próprias ao segmento. Contudo, várias empresas de transportes coletivos persistem em não conceder passagens gratuitas ou com descontos. O BPC é por vezes negado a idosos cujo companheiro é aposentado por invalidez, tempo de serviço, ou outra modalidade de aposentadoria que não seja a assistencial. Ou seja, de fato a Lei existe, mas falta eficácia e efetividade.

No que se refere as medidas específicas de proteção, os artigos 43º ao 45º do Estatuto rezam suas aplicações, por ação ou omissão da sociedade, Estado, ou abuso da família, curador ou entidades, contudo, é visto somente que alguns órgãos governamentais, ainda realizam atendimento sob a forma de benesse, enquanto outros respondem apenas pressionados pelo Ministério Público – MP, com a instituição das leis que amparam os idosos acerca de tomada de medidas imediatas.

Nos artigos 46º ao 68º inscrevem-se a política de atendimento ao idoso no que concerne a políticas sociais básicas, programas assistenciais, serviços especiais de prevenção, serviços de identificação e localização, proteção jurídico-social e mobilização da opinião pública, no sentido de participação dos diferentes segmentos da sociedade no atendimento ao idoso.

A despeito do cumprimento ao requerido nos artigos anteriormente citados, importa lembrar que o atendimento nas entidades deve oferecer condições dignas de sobrevivência, sob regime de fiscalização, sujeito à pena de multas por infrações administrativas como a não garantia de direito, negligência de comunicação, de maus-tratos e atendimento não personalizado através de apurações judiciais (Brasil, 2021).

No que refere ao acesso à justiça por meio da liberdade, criação de varas especializadas e exclusivas para o idoso, prioridade na tramitação dos processos e procedimentos e execução de diligências, é tratado nos artigos 69º ao 92º. Nestes, estabelece, ainda, as competências do Ministério Público como instaurar inquéritos civis, promover e acompanhar as ações de alimentos, processos administrativos, solicitar informações, exames, e perícias, destacando a proteção judicial dos interesses prolixos, coletivos e individuais indisponíveis ao idoso.

Logo, o desconhecimento atinge todos os segmentos sociais, como familiares e comunidade em geral, os quais teriam a chance de intervir de maneira plena na defesa do cumprimento da Legislação “escrita”, com base em um amparo legal e sólido. Nesse aspecto, o idoso ainda pode precisar de mais informação, debate e esclarecimento acerca dos seus direitos, vista a escassez na divulgação, clareza e intensidade sobre suas prioridades nos meios de comunicação.

Constam nos artigos 93º a 108º do Estatuto, debate sobre os crimes praticados contra idosos, discriminação (atendimento em bancos, transportes coletivos), humilhação, negação de assistência, abandono (hospitais, casa de saúde, asilos), exposição ao perigo de integridade (saúde física ou psíquica), privação de alimentos, apropriação de bens, retenção de cartão magnético, dentre outros.

Com destaque a algumas penalidades graves e prioridades que devem ser observadas no atendimento aos direitos dos idosos, elencam os artigos 109º a 118º nas

suas disposições finais com referência ao Estatuto do Idoso o qual prevê, no decorrer de seus artigos, o respeito e a valorização às necessidades dos idosos quando enfatiza ações como “proteger”, “zelar” e “criar mecanismos de respeito” (Brasil, 2021).

A passagem do século XIX para o século XX foi um período marcado pelas características do envelhecimento moderno se tornarem mais percebidas através da crescente investigação sobre o tema. Além da produção científica a respeito do envelhecimento ganhar espaço, as necessidades e demandas passaram a ser consideradas por políticos, legisladores e mercado de consumo, com destaque nas políticas sociais. A constituição da Gerontologia e da Geriatria, das aposentadorias e dos asilos para velhos, novos conceitos são atribuídos ao envelhecimento, que no curso da vida moderna, vão adquirindo contornos inovadores e formando possibilidades futuras dignas de estudos (Groisman, 2002).

Nesse sentido, com base nas Legislações elaboradas com destaque nas necessidades humanas, a fim de garantir o exercício da cidadania e proclamar o respeito e a valorização dos idosos na agenda das políticas públicas sociais, a PNI e o Estatuto do Idoso se configuram institutos afirmados como resposta ao fenômeno do envelhecimento, à ação dos sujeitos que histórica e estrategicamente contribuíram para a criação emergente de uma agenda com alusão ao planejamento das políticas sociais a esse estrato social.

A PNI, com efeito, inaugura o processo de formalização específico para a garantia dos direitos sociais à população que envelhece. O Estatuto do Idoso, embora afirme esses direitos, torna sua noção mais abrangente, posto que assegura a população com idade de 60 anos acima, todas as oportunidades e facilidade para a preservação de sua saúde física e mental, assim como o seu aprimoramento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade - Art. 2º da lei 10.741 de 1º de outubro de 2003.

Embora a PNI carregue a denominação de “política”, e apresente caráter normativo, em linhas gerais, norteia o processo de formulação das ações a serem implementadas para atender os direitos das pessoas idosas. Ao Estatuto do Idoso, compete regular os direitos especiais desta população, além de complementar as diretivas da PNI.

Por outra perspectiva, o Conselho Nacional dos Direitos do Idoso - CNDI, além de ser o principal guardião destas leis, tem a função de agir para que elas sejam complementadas e para que de forma consciente os velhos possam de fato, receber o olhar com a dignidade e reconhecimento merecido, alcance uma sociedade mais justa e igualitária, livre de discriminação em especial a identitária.

Síntese

Apresentar concepções básicas sobre linguagem e compreensão leitora na adultez e na velhice, orientado pela perspectiva de linguagem como trabalho sócio-histórico, contornada por um eu e um outro, a partir do postulado de Bakhtin e seu ciclo, assim como situar a velhice e o envelhecimento numa conjuntura social e histórica na atualidade, não exaure nas páginas dessa comunicação.

O legado desses autores, torna-se sustentáculo para futuros estudos e/ou bases ladeados por um (re) pensar dos construtos linguísticos. Nesse aspecto apresenta-se a leitura como uma importante ferramenta para a formação cidadã e como qualificadora para a inserção do indivíduo na cultura. O ato de ler pode ser compreendido como um processo de entendimento não só do que está impresso, mas também das suposições do leitor, formuladas com base no seu conhecimento prévio que estabelece conexões intertextuais e significativas, independente das classificações etárias e terminológicas,

À luz do entendimento das múltiplas vozes e discursos que perpassam e constituem a subjetividade do “ser”, importa cada vez mais buscar pela integração dos adultos e velhos na educação permanente e continuada, possibilitando uma maior satisfação pessoal, com amplitude de atividades, uma melhor qualidade de vida e autonomia, de forma que concebam a compreensão do valor social que eles possuem e a sua participação na sociedade como um todo.

Com vistas às legislações vigentes na sociedade brasileira, a relevância da busca pelo conhecimento do processo de envelhecimento para a garantia de uma vida mais digna e saudável, atentou-se às diretrizes preconizadas pelos atos oficiais de apoio e/ou amparo à pessoa idosa, a saber, as Lei 8.842/94, que dispõe da Política Nacional do

Idoso e a Lei 10.741/03 - Estatuto do Idoso que contribui para a efetivação dos direitos garantidos.

Quanto a reinvenção dos idosos no século XXI, Reis (2011) acresce não ser mais uma manobra de marketing, pois quando nos anos 1980, ao cunharem expressões como nova mulher e novo homem, a roupagem da nova velhice não se alinha como um artifício para estimular os cidadãos travestidos hoje de consumidores. Para a autora, os atuais aspectos sociais, econômicos e políticos, requerem a existência de políticas públicas inovadoras a vista da crescente longevidade.

O pensamento é de alinhar a uma norma da Constituinte, atribuição à sociedade a obrigação de respeitar, e ao Estado o dever de proteger a pessoa idosa por meio de promulgação de leis, normas e aperfeiçoamento do sistema público de saúde. Ao Estatuto do Idoso, por sua especificidade aos idosos, deve estabelecer, portanto, a criação de centros de convivência e sustentar com equipamentos que ofereçam e possibilite a merecida condição de cidadão de primeira classe (Reis, 2011).

Essa proposta investigativa não se finda, sobretudo, por considerar o crescimento célere e progressivo da população idosa e o avanço no interesse por estudos sobre linguagem, compreensão leitora e envelhecimento. Contudo, num sentido levemente conclusivo, importa reforçar a busca pelo conhecimento a respeito da linguagem e da compreensão leitora na adultez e na velhice.

Espera-se que esta pesquisa possa provocar reflexões, sugerir medidas e, além de aclarar o conceito de adulto, velho e velhice, possa contribuir para outras análises e desenvolvimento de temas que acoplam outros estudos como atividade discursiva e de interação social. Caracterizando as várias fases, apresentar critérios diferentes do cronológico para lidar com o fenômeno do envelhecimento saudável e com qualidade de vida. Nesse sentido, entendemos ser necessário repensar e redesenhar a atenção ao idoso, com um novo olhar às suas particularidades, a fim de conceder benefícios não apenas a eles, igualmente, sustentabilidade ao sistema de saúde brasileiro.

No capítulo seguinte a pauta está na qualidade de vida e seus desafios sobre as relações entre saúde e QV perpassando pelas bases conceituais, fundamentos teórico-

práticos de suas principais medidas em torno desse tema que se tornou plural no contexto do idoso, e que está sendo bastante discutido no cenário social contemporâneo.

CAPÍTULO II - Qualidade de vida

Introdução

Este capítulo traz um debate sobre qualidade de vida e abriga-se ao desafio de discutir sobre as relações entre saúde e qualidade de vida por meio de uma revisão cuidadosa da literatura que perpassa pelas bases conceituais e os fundamentos teórico-práticos de suas principais medidas. Situa alguns discursos construídos na área da saúde, em outras esferas e diferentes disciplinas e, sobretudo, busca refletir a qualidade de vida sobre expressões, valores individuais e coletivos, reportados em diferentes épocas, espaços e história, uma construção social simbólica da relatividade cultural com base na conceituação produzida pela Organização Mundial da Saúde - OMS.

Aborda uma representação social criada a partir de parâmetros subjetivos como bem-estar, felicidade, prazer, realização pessoal e outras; também objetivos, referenciados pela satisfação das necessidades básicas e das criadas pelo nível de desenvolvimento social e econômico de uma determinada sociedade. Expõe os principais instrumentos ultimamente construídos para mensurar qualidade de vida e as discussões que dela emanam. Reflete também, sobre o campo semântico polissêmico no qual são desenvolvidas as representações e ações voltadas para a qualidade de vida, com pauta no desenvolvimento, democracia, modo, condições e estilo de vida.

Com relação a área da saúde, versa a tendência de se estreitar o conceito de qualidade de vida ao campo biomédico, acoplado à avaliação econômica, e apresenta os instrumentos instituídos para medi-la na percepção mencionada. Considera a proposta de promoção da saúde como a mais relevante estratégia do setor, para evitar o reducionismo médico em prol de um diálogo intersetorial.

Apresenta nas vozes dos autores, a singularidade do idoso por ser este um ser único que perpassa por eventos de diferentes naturezas, como a fisiológica, patológica, psicológica, social, cultural, ambiental, e econômica, o que por vezes, pode influenciar na qualidade de vida na velhice.

Em consideração ao aumento da expectativa de vida e do que seja envelhecer com qualidade de vida, um acontecimento que vem se constituindo em um desafio humanitário, por ser esse um indicador de caráter subjetivo, complexo e com múltiplos aspectos; valeu-se do evento do envelhecimento e sua relação com a qualidade de vida de adultos e velhos, e na velhice.

2.1 Qualidade de vida: alguns conceitos

Diante da complexidade do envelhecimento, a promoção deste envolve o alcance da qualidade de vida, e permite ao sujeito perceber o seu potencial quanto o seu próprio bem-estar físico, social e mental ao longo da vida.

No âmbito da saúde, ouve-se muito que velhice não é doença e saúde é qualidade de vida. Parece ser uma afirmativa correta, contudo, costumeiramente vazia de significados, com evidência na dificuldade que os profissionais da área encontram no sentido teórico e epistemológico no exterior do marco referencial do sistema médico, como dominador da reflexão e da prática no campo da saúde pública. Portanto, entender que o conceito de saúde está relacionado ou próximo da noção de qualidade de vida, que saúde não é mera ausência de doença, já manifesta a situação com o reducionismo biomédico, embora não acrescente muito à reflexão (Minayo et al., 2000).

Por sua vez o tema qualidade de vida foi incorporado na área da medicina, que o utiliza dentro do referencial clínico, a partir de situações que oferecem indicações técnicas de melhorias nas condições de vida dos doentes e que num circuito de danos físicos ou biológicos, dá-se o sentido de qualidade de vida em saúde.

Em relação ao envelhecimento Teixeira (2017) o considera como um efeito natural da sociedade, e julga fundamental atrair respostas, com finalidade de que os idosos mantenham qualidade de vida. Pois segundo a autora o envelhecimento é considerado um processo natural e não um estado, se vivido de boa forma, considerando as três idades diferentes, apresentadas por cada pessoa; a social, a psicológica e a biológica, pode contribuir para uma maior longevidade.

Para tanto, vê-se uma noção de saúde puramente funcional, correspondente ao seu inverso, isto é, a doença em causa clarificada por uma ótica medicalizada do tema, com indicadores criados para mensurar a qualidade de vida claramente bioestatísticos, psicométricos e econômicos.

Para que a população se cultive bem física, social e psicologicamente ao longo da vida, com a ampliação da produtividade, a esperança de vida saudável e a qualidade de vida na terceira idade, são indispensáveis ações que envolvam saúde mental, fatores psicológicos, apoio social, promoção da saúde e prevenção de doenças, hábitos de vida saudável e educação, dentre outros fatores determinantes da saúde no processo de envelhecimento ativo (Pereira, 2012; Teixeira 2017).

Nesse sentido, pode-se qualificar a qualidade de vida como uma noção eminentemente humana com justaposição ao grau de satisfação no convívio familiar, amoroso, social, ambiental e, ainda à própria estética existencial, com pressupostos à capacidade de efetuar uma práxis cultural de elementos determinados pela sociedade como padrão de conforto e bem-estar.

O vocábulo, portanto, circunda muitos significados com reflexos ao conhecimento, expressões e valores individuais e coletivos, reportados em diferentes épocas, espaços e história, uma construção social emblemática da relatividade cultural. Assim, a noção de qualidade de vida transita em um campo semântico polissêmico: de um lado, está relacionada a modo, condições e estilos de vida, por outro, inclui as ideias de desenvolvimento sustentável e ecologia humana. Por fim, relaciona-se ao campo da democracia do desenvolvimento e dos direitos humanos e sociais (Minayo et al., 2000).

A temática qualidade de vida é vista sob múltiplos olhares, sendo pela ciência, por meio de várias disciplinas, do senso comum; do ponto de vista objetivo/subjetivo em abordagens individuais e/ou coletivas. No âmbito específico da saúde, se visto no sentido ampliado, se sustenta na compreensão das necessidades humanas fundamentais (materiais e espirituais) e tem no conceito de promoção da saúde seu foco mais relevante. Enquanto na visão focalizada a QVS centra-se na capacidade de viver sem doenças ou de superação das dificuldades dos estudos ou condições de morbidade (Minayo et al., 2000).

Diante do exposto, percebe-se que a qualidade de vida se tornou nos últimos anos um tema significativamente relevante, tanto para a sociedade geral quanto para a literatura científica com maior visibilidade no campo da saúde, a considerar o progresso da desumanização oriunda do desenvolvimento tecnológico das ciências da saúde, provocou maior preocupação e interesse pelo tema (Fleck et al., 2000).

O termo hoje é usado pela sociedade em geral e por diversos profissionais da área da saúde, comunicação e afins. Para tanto, em função de sua natureza abstrata, percebe-se na expressão em pauta, significados diferentes para pessoas, em diversos locais e situações. Isso esclarece os múltiplos conceitos de qualidade de vida (Nahas, 2017).

Pelo divulgado, pretende-se ainda apresentar uma reflexão substanciada sobre alguns aspectos conceituais de QV e uma perspectiva histórica a respeito do tema.

A palavra qualidade de vida foi mencionada pela primeira vez em 1920 por Pigou, em um livro sobre economia e bem-estar. Foi utilizado primariamente por Lyndon Jonhson em 1964, quando presidente dos Estados Unidos, declarou que os objetivos não podem ser medidos através do balanço dos bancos e, sim, através da qualidade de vida proporcionada às pessoas. De forma que o empenho para desenvolver o conceito “qualidade de vida” emanou de cientistas sociais, filósofos e políticos. Termo que tem sido utilizado na medicina tanto na avaliação de condições de saúde, quanto para avaliação subjetiva do paciente (Fleck et al., 2000).

Após a Segunda Guerra Mundial, o termo começou a ser muito utilizado com a noção de sucesso associada à melhoria do padrão de vida, principalmente relacionado com a obtenção de bens adquiridos (Nahas, 2017; Paschoal, 2000). E ainda, o vocábulo qualidade de vida foi usado para criticar políticas que objetivavam um ilimitado crescimento econômico. Após, o conceito foi ampliado, a fim de mensurar o quanto uma sociedade havia se desenvolvido economicamente. Passados os anos, a ampliação conceitual significou, para além do crescimento econômico, o desenvolvimento social como educação, saúde, lazer e outros (Paschoal, 2000).

No que se refere a Qualidade de Vida e suas dimensões, recentemente, são considerados fatores como satisfação, qualidade dos relacionamentos, realização

peçoal, percepção de bem-estar, possibilidades de acesso a eventos culturais, oportunidades de lazer entre outros, como a felicidade, solidariedade e liberdade (Nahas, 2017).

Nesse contexto, entende-se que tem ocorrido mudanças expressivas nos enfoques da QV, que cada vez mais se intenciona a dar vida aos anos, considerando além dos aspectos objetivos, também os subjetivos do tema. No entanto, para Paschoal (2000) a subjetividade não seria genuína e total, devido a existência de determinadas condições objetivas presentes no centro e na vida das pessoas que influencia sua percepção ou subjetividade de qualidade de vida.

A subjetividade, portanto, traz a tratativa de considerar a percepção da pessoa sobre seu próprio estado de saúde, ou seja, a maneira como ela avalia a sua situação pessoal em cada uma das dimensões pertinentes à QV. Nesse aspecto, a qualidade de vida apenas poderia ser avaliada pela própria pessoa, e não por um observador ou profissional da área da saúde (The Whoqol Group, 1995). Dessa opinião compartilha Gonçalves (2004) quando afirma que a esfera de compreensão de qualidade de vida referente ao estilo de vida do indivíduo se caracteriza pelos hábitos adotados durante toda a vida, em conexão com a realidade familiar ambiental e social.

Nota-se que a esfera subjetiva de concepção de qualidade de vida está atrelada a sentimentos e valores individuais, baseada na carga cultural do indivíduo, o ambiente e local em que vive, além das condições de desenvolvimento possíveis para sua vida. Encaminha-se tanto para a sua forma de ação na sociedade, como para as maneiras de perceber e julgar sua vida. Mas, por existirem determinadas condições presentes no círculo e na vida das pessoas que influenciam sua percepção ou subjetividade, esta não seria pura e nem total (Fleck et al., 2000).

A QV tem sido preocupação constante do ser humano desde o início de sua existência e, atualmente, constitui um compromisso pessoal na busca contínua de uma vida saudável, desenvolvida à luz de um bem-estar indissociável das condições do modo de viver (Santos, 2002).

Silva e Arellano (2008) faz referência à proposta de Fleck que em 2008, reuniu ideias sobre a QV em dois grandes modelos teóricos: “modelo da satisfação e o

funcionalista”. No primeiro, a qualidade de vida está relacionada diretamente à satisfação com os diversos domínios da vida, considerados importantes para o próprio indivíduo; no modelo funcionalista a QV relaciona-se ao bom funcionamento no desempenho dos papéis sociais ou atividades, sendo o estado de saúde, seu maior influenciador.

Relativamente, pode-se descrever a noção de qualidade de vida sob três referências, a saber: a histórica que em um determinado tempo de uma sociedade, existe um parâmetro de qualidade de vida diferente de uma outra época, da mesma sociedade; a cultural, na qual os valores e necessidades são diferentes nos diferentes povos; padrões de bem-estar estratificados entre as classes sociais, com desigualdades muito fortes, em que a ideia de qualidade de vida relaciona-se ao bem-estar das camadas superiores (Minayo et al., 2000).

Um grupo de especialistas da OMS, de diferentes culturas, por meio de um projeto colaborativo multicêntrico que estuda QV, o World Health Organization Quality of Life (Whoqol Group), sob a coordenação de Jonh Orley, definiu genericamente QV como a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive, e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (Fleck, 2000; Silva, 2008).

Esse grupo de especialista identificou como aspectos fundamentais referentes ao construto QV: a subjetividade, a multidimensionalidade (inclui pelo menos as dimensões física, psicológica e social) a bipolaridade (presença de dimensões positivas e negativas). A mutabilidade que pressupõe a avaliação da qualidade de vida e sua mudança a cargo do tempo, local, indivíduo e conjuntura cultural (Fleck et al., 2000; Paschoal, 2000).

Nesse aspecto, acompanha-se Seidl (2004) apesar das dificuldades conceituais, parece evidente que qualidade de vida é eminentemente interdisciplinar e vale-se da contribuição de diferentes áreas do conhecimento em prol de um aprimoramento metodológico e conceitual. Diante disso, estima-se que o conceito de qualidade de vida, não é consensual entre os autores, porém, os aspectos de subjetividade e multidimensionalidade são geralmente aceitos pela maioria dos pesquisadores (Kluthcovsky et al., 2007).

O termo “qualidade”, vem do latim *qualitatem*, cuja base é o pronome *qualis*. Filosoficamente remete às características e propriedade de uma realidade: disposições, capacidade, incapacidade (Perissé, 2010). “Qualis” significa o modo de ser característico de alguma coisa, sendo considerado em si mesmo como relacionado a outro grupo, podendo assumir tanto características positivas como negativas (Pereira, Teixeira & Santos, 2012). A etimologia da palavra “qualidade” remete ao entendimento de excelência e valores humanos como felicidade, sucesso, riqueza, saúde e satisfação. A palavra “vida” refere-se aos aspectos essenciais da existência humana (Barata, 2009).

O crescente interesse em ampliar os conhecimentos sobre QV pode ser exemplificado pela edição do periódico *Quality of Life Research* na década de 90, e do *International Society of Quality of Life Research*, que reúne pesquisas de diversas áreas do saber. Semelha ter surgido nesse período, um consenso entre os estudiosos da área quanto a dois aspectos relevantes do conceito de QV: a subjetividade e a multidimensionalidade (The Whoqol Group, 1995).

Diante da possibilidade de apresentar dois conceitos básicos na teoria a respeito da qualidade de vida, a ideia de subjetividade e multidimensionalidade, nestes Seidl & Zanon (2004) apresenta como sendo condições básicas para que o ser humano tenha satisfação e encontre sentido na sua vida. Na subjetividade, porém, é considerada a percepção da pessoa sobre o seu próprio estado de saúde e sobre os aspectos não-médicos do seu contexto de vida

Mesmo com as inúmeras definições sobre o termo, não existe uma que seja amplamente aceita. O que está claro, porém, é que não inclui apenas fatores relacionados à saúde, como bem-estar físico, funcional, emocional e mental, porque inclui outros elementos importantes da vida das pessoas como trabalho, família, relações sociais e outras circunstâncias do cotidiano, sempre atentando que a percepção pessoal de quem se pretende investigar é primordial (Pereira; Teixeira; Santos; 2012).

No que concerne as medidas padrões do setor saúde, qualidade de vida quase sempre se restringe ao campo médico. A expressão ligada à saúde (QVLS) é definida por Minayo et al. (2000) como o valor atribuído à vida, ponderado por degradações funcionais; o entendimento e condições sociais que são movidas por agravos, doenças, tratamentos e aparelhamento político e econômico do sistema assistencial.

Nessa direção, a versão inglesa do conceito de health related quality of life (HRQL) é similar, por ser o valor atribuído à duração da vida quando esta é modificada pela percepção de barreiras físicas, psicológicas e funções sociais influenciadas pela doença, tratamento e outros agravos, tornando-se o principal indicador para a pesquisa avaliativa sobre o resultado de intervenções. Nessa conotação o conceito também dará a indicação se o estado de saúde mensurado ou estimado é relativamente desejável de maneira que os conceitos fundamentais de HRQL seriam igualmente a percepção da saúde, as funções sociais, psicológicas e físicas, bem como os danos relacionados a elas (Minayo et al., 2000).

A OMS por sua vez, criou o Grupo de Qualidade de Vida, The Whoqol Group (1995) que desenvolve os instrumentos gerais de medida de qualidade de vida – o WHOQOL-100 e o WHOQOL-Bref e, mais recentemente, o WHOQOL Old. Sobretudo, para este estudo foi utilizado o WHOQOL-Bref – uma versão abreviada do primeiro, que cobre os domínios físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente. A versão em português inclusive dos questionários está disponível no Brasil, no Grupo de Estudos sobre qualidade de vida, do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRS e no Hospital das Clínicas do Paraná.

O WHOQOL-Bref avalia um bom desempenho psicométrico com praticidade de uso o que lhe posiciona como uma alternativa útil para uso em estudos que se propõe a avaliar qualidade de vida no Brasil. O instrumento foi validado no Brasil pela sua aplicação numa amostra de 300 indivíduos na cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul e mostrou satisfatoriedade na consistência interna, validade discriminante, validade de critério, validade concorrente e fidedignidade teste-reteste (Fleck, 2000).

2.2 Qualidade de vida do velho e na velhice

Ao direcionar o olhar para o quadro demográfico mundial vê-se os avanços e alterações na longevidade humana, o que para além de considerar o aumento na expectativa de uma vida longa, deve primar por uma vida com qualidade e

autonomia, quer seja em relação a sociedade à família e sobretudo ao próprio ser que está envelhecendo.

Qual seria então o conceito de qualidade de vida? Pode não haver ainda um consenso e nem mesmo uma definição clara sobre QV na literatura, mas mesmo com essa realidade, entende-se que os indivíduos percebem o que significa tê-la ou não.

A qualidade de vida pode ser expressa pela percepção do indivíduo quanto a sua posição na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais se insere e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações; especificamente, pela saúde física do indivíduo, estado psicológico, relações sociais, nível de independência e pelas suas relações com as características mais relevantes do seu meio ambiente (Uddin, et al., 2019).

Com a proposição de examinar os efeitos do exercício HIIT na QVRS, melhorar a aptidão aeróbica e motivações para se exercitar ao longo da vida, homens sedentários (SED) em comparação com um grupo controle, composto por exercitadores ao longo da vida pareados pela idade (LEX), o HIIT melhorou as percepções de todos os domínios de QVRS no grupo SED, exceto funcionamento social e limitações de papel devido a problemas emocionais, sugerindo que certos aspectos da QVRS podem ser melhorados em maior medida por certos tipos de exercício e treinamento. Peso gestão, estresse, revitalização, desafio, prazer, motivos de força e agilidade, e aparência, pareceu demonstrar os maiores aumentos ao longo do tempo no grupo SED, com grandes tamanhos de efeito relatados. Os SED foram motivados a se exercitar tanto para atividades intrínsecas quanto a razões extrínsecas. Outros motivos, incluindo os intrínsecos de prazer e desafio, também aumentou muito ao longo do tempo no grupo sedentário ao longo da vida (SED) como resultado do HIIT, parece melhorar a QVRS e exercitar os motivos especialmente controle de aparência/peso (Knowles, et al., 2015).

Os testes neuropsicológicos, o Mini Exame do Estado Mental (MEEM) e os Textos Imediatos e Diferidos dos Teste de Barcelona, suas correlações com as dimensões do SF-36 e suas respectivas somas são muito fracas. No caso do MMSE, apenas três correlações são muito significativas: aqueles com a dimensão do papel emocional, saúde mental e a soma dos aspectos mentais componente de saúde (García, et al., 2014).

Outro aspecto que merece atenção é a relação da escolaridade com o excesso de peso no idoso. Tavares et al. (2018) infere que a maior escolaridade, possivelmente favorece o processo de entendimento acerca do estado nutricional, e contribui para minimizar quadros de excesso de peso no que tange ao aspecto saúde. A associação entre os maiores escores de QV no domínio relações sociais e o excesso de peso diverge do pressuposto de que a obesidade pode afetar as relações sociais, familiares e de trabalho.

No estudo de Chaves et al. (2014) a religião foi considerada como importante ou muito importante na vida dos entrevistados. Os idosos que participaram do estudo apresentaram elevado índice de religiosidade, associada de forma positiva à qualidade de vida, mas sem relação com os sintomas depressivos, indicativos de que está relacionada a melhores índices de qualidade de vida em idosos.

Em relação ao componente físico, a avaliação da qualidade de vida em uma amostra da população brasileira pode ser diretamente comparada àquela da população dos Estados Unidos, em que o instrumento útil e discriminatório para avaliar a saúde e qualidade de vida em diferentes grupos sociodemográficos (SF-12) foi validado. No Brasil, estudos como o de Campolina, et al. (2018) mostram que quanto maior a presença de baixa renda e menor escolaridade, pior a qualidade de vida. A principal contribuição deste estudo é que, até agora, este é o primeiro que avalia uma grande e representativa amostra da população brasileira nas várias regiões e subpopulações e, a partir daí, fornece a base para comparações com futuras pesquisas que usem essa medida para avaliação da qualidade de vida no Brasil.

Ao observar os preditores de idade e renda, é notável que a passagem dos anos reforça a satisfação com a vida, mas em aproximação com uma percepção adequada de saúde e renda que permite uma ótima qualidade de vida. Em relação ao sexo, observou-se que as mulheres tiveram uma média menor de satisfação com a vida do que homens, sendo estatisticamente significantes. Quanto à idade, a maior parcela em satisfação com a vida foi entre 80 e 89 anos. O estado civil e escolaridade foram outras das variáveis incluídas nesta dimensão, a partir da qual foi possível observar que idosos casados, adultos mais velhos com estudos superior e com estudos de pós-graduação foram os que relataram maior satisfação com a vida. Contudo, o componente explicativo maior, é a

autopercepção de saúde. Sendo os preditores restantes mais importantes, a idade e renda (Oliver, et al., 2015; Román, et al., 2017).

As dimensões de espiritualidade e a esperança predizem dois indicadores de qualidade de vida em pessoas adultas: satisfação vital e percepção de saúde. Constataram relações estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre a espiritualidade e a esperança e os dois indicadores, mas, especialmente potente é a predição da satisfação vital. Além disso, os resultados multiamostra indicam que a fé desempenha um papel diferencial e relevante nos idosos (Oliver, et al., 2015).

Há, portanto, um impacto importante em alguns casos, diferencial para os idosos, o de espiritualidade, sendo indicadores do envelhecimento bem-sucedido, como satisfação vital e de saúde, ainda que controlando a capacidade de executar atividades instrumentais da vida cotidiana e produtivas, futuros estudos também poderiam promover o conhecimento da etiologia do papel de moderar a qualidade de ser mais velho, nas dimensões da espiritualidade como a fé (Oliver, et al., 2015).

No estudo de Melguizo-Herrera et al. (2014) mostra que a autopercepção da qualidade de vida relacionada com saúde tende a valores que podem ser considerados bons, porém, as dimensões com pontuações mais altas foram a plenitude espiritual e o autocuidado, enquanto o bem-estar físico e o apoio comunitário mostraram menor pontuação. No entanto, diferem em que a pontuação mais baixa, homens relatados na dimensão do bem-estar físico, enquanto as mulheres relataram a menor média na dimensão apoio comunitário.

As dimensões em que foi apresentada maior diferença entre homens e mulheres foram realização pessoal, bem-estar psicológico/emocional, em que os homens atingiram pontuações mais altas que as mulheres. Em geral, todas as extensões avaliadas no Teste de Avaliação Mental (Pfeiffer), obtiveram bons resultados, o que talvez, indica uma boa percepção da QVRS, apesar de ser uma população com baixo nível educacional, com renda econômica quase zero. Nessa análise, destaca-se valores que podem ser considerados como uma boa percepção, como a plenitude espiritual, autocuidado, funcionamento independente e a percepção geral da qualidade de vida (Yang et al., 2017; Melguizo-Herrera, et al., 2014).

A relação entre atividade física e a qualidade de vida dos idosos, mostra que é boa e influenciada pela prática regular de atividades físicas, inexistência de depressão, melhora na capacidade cognitiva, através de uma relação direta e positiva de interdependência entre essas duas variáveis. Significa dizer, que maior prática de atividade física favorece melhor qualidade de vida às pessoas idosas e vice-versa. De tal modo, a prática de exercício pode proporcionar ao idoso, autonomia e independência. Todavia, há uma relação de interdependência positiva entre alta qualidade de vida dos idosos e prática de atividades físicas regulares que aponta maior influência pela ausência de depressão, maior capacidade cognitiva, além de uma boa funcionalidade familiar - interessantes em cuidados com demência e comprometimento cognitivo, expõem os estudos de (Campos et al., 2014; García et al., 2014). Nesse estudo, pode-se identificar a presença de associações entre fatores de saúde física e mental, sociais, demográficos, econômicos, cognitivos e a autopercepção de saúde geral e bem-estar, avaliada pela qualidade de vida.

Por meio das categorias temáticas estabelecidas e após a exposição supracitada, pode-se apontar que há impactos relevantes a serem considerados quanto aos fatores de associação aos adultos e velhos, relativamente à autopercepção de saúde, condição física, socioeconômica, psicológica, social e ambiental, saúde geral, gênero e idade, saúde mental, satisfação com a vida, esperança, envelhecimento bem-sucedido, bem-estar físico, apoio comunitário, espiritualidade, escolaridade e renda e suas conexões com a Qualidade de vida.

Diversos significados se associam ao conceito de qualidade de vida. Na medicina, a associação por vezes está relacionada ao custo/benefício inerente à manutenção da vida ou à capacidade funcional dos doentes. No campo econômico, “qualidade de vida” é associada com as medidas objetivas como renda per capita - indicador do grau de acesso das populações aos serviços de educação, saúde, habitação e outros. Na sociologia e na política, os conceitos de QV são utilizados em um enfoque populacional e não individual. Na psicologia social, a referência mais densa pauta-se na experiência subjetiva de qualidade de vida representada pelo conceito de satisfação (Neri, 2000).

Vale-se de reflexões e questionamentos levantados em torno dos fatores físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente adotados pelo Grupo WHOQOL (World Health Organization Quality of Life) para estudo de qualidade de vida definida como a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto de sua cultura e no sistema de valores em que vive e em relações às suas expectativas, seus padrões e suas preocupações (Fleck, 2008).

Pela ótica de Minayo (2007) o aumento na expectativa de vida principalmente, deve-se à ampliação da cobertura previdenciária, à redução da pobreza, ao maior acesso aos serviços de saúde e ao desenvolvimento de tecnologias médicas. Também a redução nos índices de analfabetismo e a promoção de políticas públicas que favorecem a qualidade de vida da população, contribuem para a longevidade (Minayo, 2007).

Dessa maneira, percorrer pelo caminho do envelhecer com qualidade de vida constituiu-se um desafio para a humanidade, a saber pelo seu caráter subjetivo, complexo e com aspectos múltiplos como visto anteriormente.

Assim, confirma uma progressão do envelhecimento no Brasil, a partir do século XX, com um crescimento considerável e acelerado no século XXI, de modo que se tornou um fenômeno, uma questão social a ser estudada, interpretada e pesquisada por várias áreas do conhecimento científico, como podemos observar na Tabela 1.

Tabela 1

População brasileira - IBGE - Censo 2010

Faixa Etária	População por faixa	População %
0 e 14	45.932.295	24,07
15 e 24	34.236.060	17,94
25 e 39	46.737.506	24,50
40 e 54	34.983.120	18,33
55 e 64	14.785.338	7,75
65 ou +	14.081.480	7,38
População Total	190.755.799	100%

Nota. Dados do IBGE. Censo Demográfico 2010, apontam que em 1991, a faixa etária de 0 a 15 anos correspondia a 34,7% da população, e que esse número caiu em 2010, para 24,1%. Enquanto a faixa etária de 65 anos ou mais, era em 1991 de 4,8%, aumentou para 7,4% naquele ano. Fonte: dados da pesquisa (2022).

No que concerne a qualidade de vida dos velhos na contemporaneidade, pode-se ancorar em Bauman (2007) quando denomina “vida líquida” o estilo desprendido de viver das sociedades contemporâneas; vida caracterizada pela fluidez, pela capacidade de moldar-se, transformar saberes e costumes com rapidez, a ponto de não haver tempo para estabilização. Ou seja, “numa sociedade líquido-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em poses permanentes porque em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, as capacidades em incapacidades” (p. 7).

Nesse aspecto, pensa-se a capacidade de adaptação dos idosos diante do ritmo frenético das inovações tecnológicas, pois ainda que nos dias hodiernos haja uma maior mobilização social de atendimento àqueles, processo de intensificação específica pós anos 90 com os programas de aposentadoria. Barros (2004) reforça não ser fácil envelhecer numa sociedade em que a tecnologia avança e a todo momento surgem novidades tornando obsoletos os que não conseguem acompanhar e/ou contribuir para a manutenção do ritmo agitado do mundo globalizado.

Segundo Souza e Chaves (2005) a marginalização do idoso decorre de maneira patológica através da qual o envelhecimento é idealizado não apenas pela sociedade em geral, mas pelos próprios idosos. Para muitos, a aposentadoria pode significar um abandono do meio social e certa passividade frente à vida, causando prejuízo à saúde mental e física, e constitui-se ainda como um fator de risco para o declínio cognitivo e demência.

Parente (2006) assinala que com o passar dos tempos as mudanças devem dirigir-se para a melhoria da qualidade de vida. Nessa perspectiva, a concepção de idoso na sociedade contemporânea sofre mutações. O estereótipo depreciativo e excludente que enfatiza as limitações e dependências dos idosos, cede espaço para outra forma de pensar ao considerar os benefícios da idade.

Na classificação de Trentini, Xavier e Fleck (2006) a velhice é definida como “usual, bem-sucedida e com patologia”. Na “usual” ou “normal”, há alterações parciais nas atividades diárias. Já a velhice “bem-sucedida” ou “ótima” se caracteriza pela preservação da saúde e funcionalidade orgânica mantidas pela qualidade de vida e resiliência. A velhice com patologia marca o estado em que o indivíduo se torna severamente limitado.

Uma velhice bem-sucedida para Pessini (2007) é a capacidade para a vida como Kairós e não como na dimensão do Cronos. Significa dizer que o envelhecimento pode ser agradável desde que o idoso ame a vida e esteja mais preocupado com suas experiências e qualidade de vida do que com o passar dos anos e proximidade da morte.

Considerando o crescimento populacional da pessoa idosa e a maioria destas, hoje, possuem boa capacidade funcional, revela-se um fato importante para os responsáveis pela área sanitária e social, visto que nos anos vindouros sobreviverão mais pessoas de faixas etárias que no passado só uma pequena parte da população atingia, de forma que demandará um tracejar diferente para satisfazer as necessidades da sociedade em termos de moradia, transporte, comunicação, saúde dentre outros (Moragas, 2010).

No que se refere ao envelhecimento, este para o autor, não apresenta manifestação biologicamente homogêneo devido à variabilidade genética original e à diferença das expectativas de vida. Isso mostra que idades aproximadas, ser da mesma geração, não garantem características fundamentais ligados a resistência física, saúde, inteligência, menos ainda a qualidade de vida almejada pela condição de classe. “[...] dá-se uma transição bastante significativa na vida do indivíduo rumo à velhice social, pois nem todos os sujeitos à essa altura da vida está biologicamente velho (Barros, 2006, p. 227).

A busca por uma boa qualidade de vida é um dos principais objetivos da vida humana, principalmente nos anos avançados de vida. De modo que o aumento da longevidade é valioso à medida que oferece oportunidades para o prolongamento de uma vida saudável e produtiva, pois com o evento da velhice, a debilidade física, a dependência, a perda de papéis, os estereótipos e preconceitos, e as inevitáveis perdas decorrentes do processo de envelhecimento pode incorrer na redução da qualidade de vida dos idosos. Surge, porém a preocupação em transformar a sobrevida aumentada do ser humano numa etapa significativa da vida (Paschoal, 2000).

No relato de Neri (2004) por ocasião do processo de envelhecimento populacional dos países desenvolvidos, a temática alcançou evidências, principalmente pelo fortalecimento do pensamento de que as patologias apresentadas no idoso demandam altos custos para o indivíduo e a sociedade.

No direcionamento de Almeida et al. (2006) qualidade de vida do idoso é verificada a partir de uma avaliação dimensional com referência aos critérios socio normativos e intrapessoais a respeito das relações atuais, pretéritas e futuras entre o indivíduo maduro ou idoso e o seu ambiente. Significa dizer que a qualidade de vida daquele, depende de diversos elementos em interação permanente ao longo da vida. Para os autores, dentre os principais elementos envolvidos na avaliação da qualidade de vida do idoso estão as condições: físicas do ambiente; as oferecidas pela sociedade, relativas à renda, saúde, educação formal e informal; as biológicas propiciadas pela genética, pela maturação, pelo estilo de vida e pelo ambiente físico, bem como a existência de redes de relações de amizade e de parentesco, o grau de urbanização e das condições de trabalho.

Avaliar a qualidade de vida dos idosos não parece fácil; o que faz necessário adotar critérios de natureza biológica, psicológica e socioestrutural. Pois elementos como longevidade, saúde biológica, saúde mental; satisfação, controle cognitivo, competência social; produtividade; atividade; status social; renda; continuidade de papéis familiares e ocupacionais e de relações informais (principalmente de amigos), são vistos como indicadores de bem-estar na velhice. Embora não haja ainda a certeza do grau de relevância de cada um destes, suas interrelações e causas entre eles, porém, sabe-se que as diferentes variações relacionadas à qualidade de vida na velhice podem apresentar diferentes impactos sobre o bem-estar subjetivo (Neri, 2004; Santos et al., 2002).

Na sequência às informações voltadas para a qualidade de vida do velho e na velhice, entende-se relevante abordar a temática do lazer como uma atividade social muito vivenciada nos determinados grupos de idosos, bem como nos projetos e cursos destinados a esse segmento, sejam eles comunitário e/ou universitários.

Para tanto, pretende-se refletir sem delonga, sobre algumas conotações de lazer numa perspectiva de interface e possibilidades de que o velho poderá utilizar e fruir mais qualidade e prazer à vida por meio do lazer.

Segundo o Estatuto do Idoso no seu artigo 20, “o idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversão, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua

peculiar condição de idade”. Assegura que todo idoso tem direito a 50% de desconto em atividades de cultura, esporte e lazer (Política Nacional do Idoso, 1994).

Dumazedier (2008) um dos mais conhecidos e renomados pesquisadores do lazer, define este como um conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se e, que também pode ser percebido como desenvolvimento da personalidade, como tempo de sociabilidade que permite a participação criteriosa do indivíduo na vida política, social, econômica e cultural (Dornelles & Costa, 2005).

Na ponderação de Moragas (2010) é evidente a maior quantidade de tempo disponível para muitas pessoas em todas as etapas da vida, no entanto, interroga e explana: com que atividade preencher o dito tempo? Ao se esgotarem as jornadas de trabalho o tempo livre servia para o descanso e recuperação da capacidade funcional que permitia dar continuidade ao trabalho. No trabalho rotineiro, o tempo livre proporciona a oportunidade de realização pessoal. O autor afirma que curioso é constatar que quando as jornadas de trabalho se reduziram, a tendência dos trabalhadores não foi a de desfrutar o tempo livre, mas o de procurar outros trabalhos (bicos) ou de ocupá-los com atividades domésticas.

Marcelino (2002) afirma que atualmente são vivenciadas situações de lazer geradas dos valores que sustentam a chamada Revolução Cultural do Lazer. Ou seja, as reivindicações são das novas formas de relacionamento social mais espontâneas, a afirmação da individualidade e contemplação da natureza. Nesse sentido, pode observar-se mudanças nas relações afetivas e nas considerações sobre o próprio corpo, também no contato com o belo, isto é, a busca do prazer. Afirma o lazer também sofrer os efeitos nocivos da massificação própria da sociedade de consumo (Dornelles & Costa, 2005).

Em Dumazedier (2008) seria perigoso e inexato definir o lazer opondo-o exclusivamente ao trabalho profissional, como o faz a maioria dos economistas e sociólogos que tratam deste assunto. Para o autor, o lazer é definido atualmente, principalmente, por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida diária. De modo que qualquer que seja sua função, o lazer inicia-se pela liberação e prazer, por

intermédio das três funções principais que são: a função do descanso; a função de divertimento, recreação e entretenimento; e a função de desenvolvimento.

Segundo Ferrari (2002) a terceira idade ou o período da aposentadoria pode ser caracterizado como a grande fase da possibilidade do lazer, de realização pessoal e de investimento em si próprio. Para a autora, o dimensionamento do lazer reside na possibilidade de suscitar atitudes ativas durante a utilização do tempo livre, com a participação consciente e voluntária na vida social, opondo-se ao isolamento, ao recolhimento social e a exigência de um progresso pessoal livre, busca na utilização do tempo livre, de equilíbrio, na medida do possível, entre o repouso, a distração e o desenvolvimento contínuo e harmonioso da personalidade.

Na mesma compreensão, De Masi (2000) aponta que uma parte do tempo livre deve ser dedicado a nós mesmos, ao cuidado com o nosso corpo e com a nossa mente. Outra parte deve dedicar-se à família e aos amigos, de modo que a terceira parte seja dedicada à coletividade, contribuindo para a sua organização civil e política.

No que se refere à influência do lazer na qualidade de vida do velho, pode-se encontrar no Projeto WHOQOL - OLD: método e resultado de grupos focais no Brasil, realizado em Porto Alegre por Fleck em 2003, quando constatou que os idosos desejam que itens referentes à oportunidade de lazer ou recreação integrem o instrumento de avaliação de qualidade de vida do idoso.

Nessa perspectiva entende-se também como forma de lazer a abrangência das atividades que exigem habilidade, atenção e comprometimento, a exemplo, o interesse pela participação dos velhos nas Universidades da Terceira Idade, por perceberem nessas a oportunidade de troca de experiências e saberes com devolutiva de sentimento de competência e produtividade, de forma que a participação como uma fonte de lazer, atribui a eles a possibilidade de investir em relações capazes de reforçar o bem-estar por intermédio de atividades congruentes com suas condições físicas, cognitivas, econômicas, ou melhor, que estejam no interior da possibilidade de suas realizações.

Sob essa ótica, os sujeitos desse estudo e com base nas conceituações e/ou compreensões dos autores mencionados, pode-se aferir que o lazer contribui para a inserção do velho no ambiente social. E diante do novo cenário apresentado pelo

aumento da população idosa brasileira, entende-se necessário um despertar sobre mudanças prementes para o bem-estar desse segmento, independente do contexto social em que o indivíduo se encontrar inserido. Para tanto, é preciso desconstruir paradigmas de bem-estar de tempos pretéritos e considerar esses sujeitos como cidadãos com direito à vida, mas com qualidade. Assim, por ser o envelhecimento um evento sucessivo e considerado irreversível, propõe-se buscar ou ao menos viver melhor, com saúde e com possibilidade de lazer no percurso que ainda deve ser trilhado durante a vida. (Dumazedier, 2008).

No que concerne à avaliação da qualidade de vida, esta tem sido utilizada como uma importante medida na análise de intervenções terapêuticas, serviços e prática assistencial cotidiana na área da saúde, além de ser um importante indicador devido ao impacto físico e psicossocial que enfermidades, disfunções ou incapacidades podem acarretar na vida das pessoas (Seidl & Zannon, 2004). Na esfera da saúde coletiva, é esperado que práticas assistenciais e políticas públicas no campo da promoção da saúde ao idoso os proporcionem melhoria na qualidade de vida.

Ainda para o autor, muitos estudiosos defendem que a avaliação da QV deve ser feita apenas pela própria pessoa, contrário às tendências iniciais de uso do conceito quando QV era avaliada por um observador. Tal preocupação ocorre no sentido de desenvolver métodos de avaliação e de instrumentos que consideram a perspectiva da população e dos pacientes, e não a visão de cientistas ou profissionais de saúde,

A partir dos entendimentos e discussões dos autores, observa-se, a tentativa de elaborarem conceitos que permitam avaliar a qualidade de vida das pessoas, porém ainda insuficientes para esse fim, sobretudo, mediante o pensar e agir da pessoa a ser avaliada.

Síntese

A qualidade de vida tem adotado o significado de melhoria do modo de vida e que gradualmente tem expandido e integrado o desenvolvimento no campo da medicina, de maneira que outras disciplinas também têm olhado com maior atenção para o fato do

envelhecimento na busca pela compreensão e promoção da qualidade de vida aos idosos.

Nota-se também, que a qualidade de vida na velhice ganhou relevância nas três últimas décadas e, dentre os critérios para avaliar a QV na velhice, um é analisar que além da heterogeneidade desta, vale considerar os aspectos objetivos e em especial a subjetividade do indivíduo, os vários padrões de envelhecimento e as diversas formas singulares de vivê-la.

Nesse sentido, e na percepção dos autores de que cada idoso é um ser único e ao longo da sua vida perpassa por contextos e naturezas diferentes, a saber; a fisiológica, patológica, psicológica, social, cultural, ambiental e econômica, pode refletir na qualidade de vida na velhice.

Pauta-se na perspectiva de que essa proposta ainda carece de aprofundamento e testes nos atos sanitários no que concerne ao trabalho da elaboração dos discursos e das técnicas de mensuração. Espera-se poder contribuir para estabelecer um profícuo diálogo interdisciplinar, no sentido de avançar ao conhecimento da QV e proporcionar integração a esta temática de grande significado para a teoria e a prática da saúde coletiva.

Diante da realidade vivida por cada um, importa saber o que o velho entende nessa fase por qualidade de vida. Dessa forma, identificar fatores contributivos para o traço de metas à promoção da velhice com QV pode ser uma prerrogativa para melhorar os anos que ainda estão por vir. Assim, depois de percorrermos pelas nuances da velhice e percebermos a relevância desta com a qualidade de vida, segue o capítulo III quando apresentaremos o estudo empírico e a exposição dos resultados, sob a pretensão de responder a propositura desse estudo.

CAPÍTULO III - Estudo empírico

Introdução

Os capítulos anteriores dedicamos à revisão de literatura pertencente à fundamentação teórica desse trabalho investigativo e que serviram para o embasamento das discussões realizadas posteriormente.

Nesse capítulo expomos os processos utilizados na operacionalização dos pressupostos a que propomos alcançar. Por meio da metodologia de investigação aplicada buscamos conduzir o procedimento de recolha de dados e de análise, exibidos mediante os parâmetros conceituais e operacionais desse estudo.

De modo que são acompanhados o posicionamento, a finalidade e o plano de investigação. Seguimos uma abordagem quanti-qualitativa, a forma estudo de caso e as informações coletadas por meio de questionário, com o escopo de responder à pergunta de partida da pesquisa: Como é que a compreensão leitora e a linguagem contribuem para a qualidade de vida de alunos que participam da Universidade da Maturidade, considerando o sexo, a idade, a escolaridade e a profissão?

O percurso da construção do Capítulo III é demonstrado nos subtítulos de sua estruturação. Dessa forma, passamos a justificar os motivos desta escolha com os escritos que seguem e apresentamos o material utilizado e os procedimentos realizados no desenvolvimento da pesquisa. No quadro 3 apresentamos a metodologia proposta para esta investigação.

Quadro 3*Demonstrativo da metodologia proposta*

Tipo de pesquisa	Descritiva, qualitativa e qualitativa
Participantes do estudo	Alunos da UMA com idades de 45 ou mais anos.
Materiais	Carta de intenções – “O meu passaporte”; – Questionário “Eu e a UMA”; Teste <i>Cloze</i> ; Whogol-Bref,
Procedimento	Aprovação do CEP sob o nº CAAE: 28828819.40000.519; Aplicação dos materiais e tratamento dos resultados.

Nota. Fonte: dados da pesquisa (2022).

3.1 A instituição onde a pesquisa foi realizada

A Universidade da Maturidade - UMA tem na sua gênese, o resgate de valores e cidadania com base no compromisso social e político da universidade, implantados com os pilares de autonomia, democracia, pesquisa, ensino e extensão universitária. Contudo, de acordo o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (Forproex, 2012), o trato não é mais de estender à sociedade o conhecimento acumulado pela universidade, mas de produzir em interação com a sociedade um conhecimento que contribua para a superação da desigualdade, da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática).

Com o objetivo de estabelecer como diretrizes a interação dialógica, a interdisciplinaridade e interprofissionalidade; a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; o impacto na formação do estudante; o impacto e transformação social, nos pilares da sistematização do fazer extensionista e sua universalização, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras apresentou às Universidades Públicas e à sociedade, a Política Nacional de Extensão Universitária (Forproex, 2012).

Pautada na função social da Universidade que contempla o ensino, a pesquisa e a extensão, apresentamos a Universidade da Maturidade, incorporada à prática extensionista na UFT, por meio da inserção das pessoas adultas e velhas, na universidade, atribuindo a elas a oportunidade de afastamento das margens da obscuridade para um protagonismo social e um envelhecer bem.

Diante dos entraves oriundos da impossibilidade de avanço das atividades nos espaços físico, social, político, cultural, científico e tecnológico, percebe-se a necessidade de desbravar caminho por meio da densidade das ações sob o princípio dos pilares universitário.

Na Constituição da República Federativa do Brasil – CRFB, foi adicionada uma lei que afirma a presença da extensão em universidade, a encontrar-se no artigo 207/88, e cita que as universidades gozam de autonomia didática-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 1988).

Assinala-se nesse estudo a Universidade da Maturidade como um Estatuto Público que tem a responsabilidade social de contribuir com a formação intelectual, e cooperar para o crescimento pessoal e coletivo direcionado às pessoas na faixa etária de 45 anos acima. Contextualiza a função daquela quanto ao seu padrão de atendimento universitário e da educação gerontológica, este estudo, porém, tem ênfase na linguagem, compreensão leitora, no bem-estar e na qualidade de vida dos participantes do curso.

Nesse contexto, a Universidade da Maturidade mostra-se um veículo de transportar os velhos de uma imagem estigmatizada e preconceituosa, de inatividade e exclusão da sociedade moderna ou ativa a um espaço de participação e valor, tendo em vista que o universo humano sobrepõe os prontuários. De forma que a exclusão e a desvalorização de uma história vivida, não permaneça viva na trajetória de vida das pessoas que envelhecem.

Para dar maior visibilidade ao velho na sociedade, atribuir direitos e agregar valores assegurados na Constituição de 1988, no seu Artigo 230, “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”.

Instituiu-se o Estatuto do Idoso, a Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003, destinado a regular os direitos garantidos às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos.

Na perspectiva de resgatar o velho do processo de exclusão é que se pode mensurar relevância e a evolução no Brasil, dos programas voltados para adultos e velhos, sejam nos centros urbanos ou nas universidades, espaços tradicionalmente frequentados por jovens. Nesse sentido, programas oferecidos pelas universidades aos velhos a exemplo a UMA, emergem como uma forma de oportunizar àqueles o retorno ao convívio e à participação na sociedade por meio da inserção com interface à intergeração, grupo familiar e sociedade em geral.

Neste sentido Sousa (2013) menciona a pactuação na UMA, com a área do envelhecimento no Estado do Tocantins, com perspectivas para adultos e velhos aos subsídios educacionais congruentes com o seu período etário e as demandas sociais da atualidade. Para a autora, a UMA pode cooperar com uma parcela expressiva nas ações desenvolvidas na UFT, concedendo oportunidades de participação do velho nas atividades extensionistas, acadêmicas e educacionais, direcionadas à essa população que atualmente, protagoniza na universidade com liberdade de alterar o cenário da sua própria invisibilidade.

Estima-se que houve um despertar da sociedade tocantinense quanto à necessidade de apoio, assistência e valorização do velho como agente de valores na busca de legitimar a cidadania, por meio das ações desenvolvidas na UMA/UFT. Nesse aspecto, importa historicizar que a Universidade da Maturidade, foi criada em fevereiro de 2006, e iniciou-se como Projeto de extensão que atualmente, nomeia-se “Curso de Aperfeiçoamento”. Este atribui aos participantes o título de “Educador Político Social do Envelhecimento Humano.

Do ponto de vista intergeracional, Sousa (2013) diz que a UMA, culturalmente investe em destravar as demarcações de idades, e como um espaço de relevância para ressignificação de vidas, visa na perspectiva de, através da comunicação interpessoal e entre diferentes gerações relacionada às atividades oferecidas no curso, abolir os efeitos da solidão e do isolamento.

Como dito, o projeto registra-se na data de 26 de fevereiro de 2006, com a aula Magna ministrada pelo então Magnífico Reitor professor doutor Alan Barbiero, no auditório do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, na cidade de Palmas/Tocantins, para os 50 alunos matriculados que foram contemplados pelo edital que acolheu 350 inscritos.

Seis anos após sua criação, a Universidade da Maturidade, que está ligada ao Colegiado de Pedagogia do Campus UFT/Palmas no Estado do Tocantins, solicita o certificado de registro da marca “UMA”, concedido em 02/05/2012, sob o nº 901826235, com validade para 10 anos, sendo a titularidade da Universidade Federal do Tocantins - UFT, CNPJ nº 05149726000104.

Nas suas proposições, a UMA firma-se na produção tecnológica, social e educacional, com um olhar ao atendimento das pessoas adultas e velhas, no sentido de oportunizar uma educação gerontológica e orientá-las a respeito da construção do conhecimento sobre o processo de envelhecimento humano como um evento natural da vida, direcionando-os a uma velhice feliz, e um envelhecimento digno, saudável e ativo.

A Universidade da Maturidade apresenta uma inovadora tecnologia social e atende com uma carga horária de 320 horas-aula. O seu Sistema Curricular, passa de 18 meses (3 semestres) para (4 semestres), ou seja, dois anos, podendo cursar e frequentar acadêmicos iniciantes ou que já concluíram. De forma que os egressos, poderão se interessarem, receber declarações de conclusão de alguns módulos ou cursos, porém os que optarem por concluir os 75% de frequência no curso, sejam estes iniciantes ou não, receberão a certificação em nível de aperfeiçoamento, de Educador Político Social do Envelhecimento Humano, visto ser um projeto de extensão e, caso os concluintes queiram, podem continuar na turma subsequente (UFT, 2020).

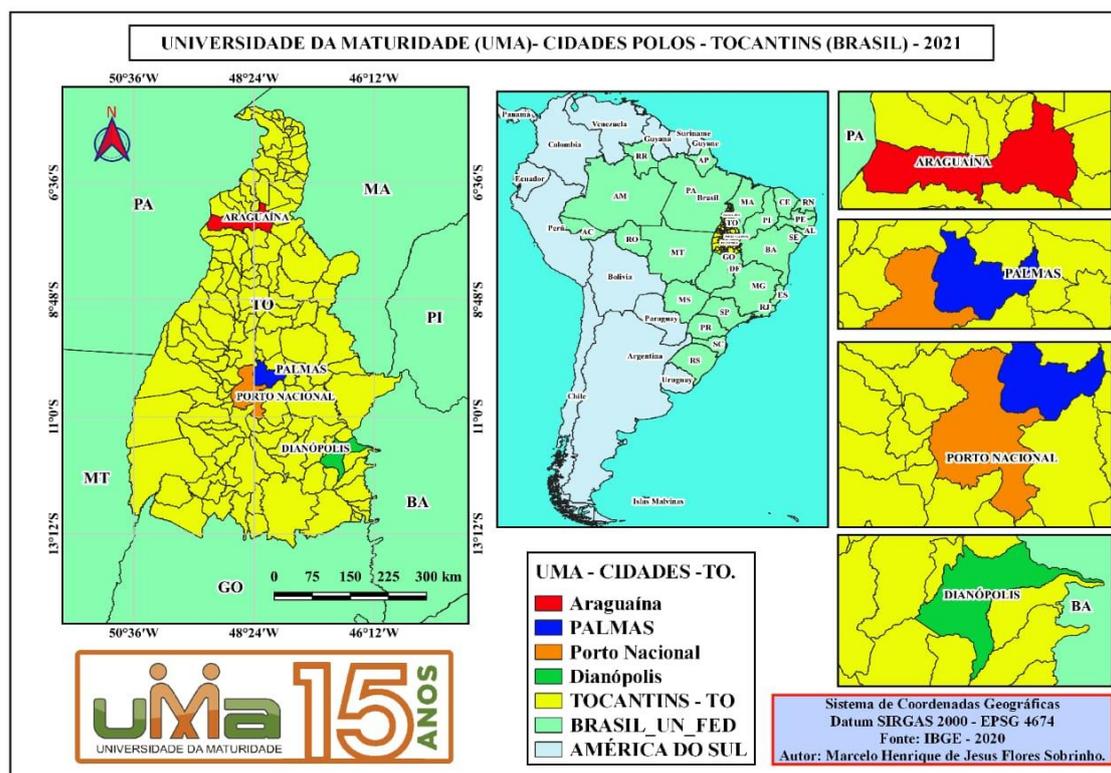
De fato, a proposta socioeducacional oferecida pela Universidade da Maturidade no Estado do Tocantins, mostra-se bastante valiosa para os adultos e velhos que são partícipes de uma construção coletiva em prol do envelhecimento, face aos paradigmas postos pela sociedade capitalista contemporânea que aloca os velhos numa posição de improdutividade e inatividade. Como admite Simone de Beauvoir (1990) em seu ensaio sobre a velhice, de que os velhos, na sociedade capitalista, são considerados inúteis porque improdutivos e, portanto, desprovidos de funções sociais.

Linguagem, compreensão leitora e qualidade de vida dos acadêmicos da Universidade da Maturidade

A tecnologia social da UMA se estendeu para outros Estados da Federação Brasileira e, atualmente, no Estado do Tocantins conta com quatro polos nos municípios de Araguaína, Porto Nacional, Dianópolis e Palmas (sede), como mostra o mapa 1.

Mapa 1

Cidades polos da Universidade da Maturidade no Estado do Tocantins



Nota. Sistema de Coordenadas Geográficas Datum SIRGAS 2000 - EPSG 4674. Fonte: IBGE-2020; Marcelo Flores Sobrinho (2022).

Faz parte do quadro de colaboradores da UMA, profissionais de diferentes áreas do conhecimento, como assistentes sociais, psicólogos, pedagogos, educadores físicos dentre outros. Nos anos de existência, congregou seus conhecimentos e vem desenvolvendo suas ações por meio da tecnologia social proposta às pessoas adultas e velhas e, diante das demandas apresentadas e legitimadas pela sociedade, tem como espelho o atendimento estimado de mil e duzentos participantes desde a sua criação.

Segundo Sousa (2013) com a notoriedade conquistada pelo conhecimento sobre o envelhecimento ativo, cerra-se espaço para as situações de abandono e dependência, de modo que novas oportunidades sejam ofertadas e recebam as conquistas do reconhecimento e de autonomia, assim como possam viver o pleno exercício de

cidadania. Para a autora, o entendimento é que essa etapa da vida ofereça oportunidades para realizações de projetos não efetivados e estabeleça relações mais saudáveis entre gerações.

De acordo Osório et al. (2013) a Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins apresenta uma variação nas formas de um envelhecer ativo e com cidadania no século XXI, e emerge como uma inovada atitude de “ser velho” com estilo de vida diferente para as pessoas com idade de 45 anos para mais. Destaca o período histórico, em que a ousadia tecnológica favorece o longeviver, bem como a ampliação das exigências e necessidades garantidoras de uma vida plena com possibilidades de transformação da velhice através da supressão de rótulos e contradições mitológicas, além de ser um espaço descortinador do querer viver mais e melhor.

Importa referenciar que o Projeto Político Pedagógico da Universidade da Maturidade - PPP/UMA (UFT, 2020) foi construído no ano de 2012, e reformulado em 2020. Neste, dita-se a objetivação e a identificação de solução e dificuldades que estejam interferindo na ação educacional ou na aprendizagem ofertada aos velhos, assim como sinaliza as diretrizes operacionais de funcionamento da UMA, quanto a análise do trabalho educacional gerontológico desenvolvido pela instituição com os acadêmicos.

Assim, o PPP/UMA (UFT, 2020) enfaticamente, aponta como objetivo, oportunizar à comunidade educativa, o conhecimento do processo de envelhecimento do ser humano, de forma a contribuir na promoção do sujeito e provocar transformações sociais na conquista de uma velhice ativa e digna. Indica ainda, que as ações educacionais do curso caminham para uma revolução paradigmática, com a intenção de melhorar a qualidade de vida das pessoas.

A UMA também tem característica de um perfil jovem de colaboradores, oriundos dos diferentes cursos de graduação da UFT, que na função de estagiários mantém contato com os Educadores Políticos Sociais do Envelhecimento Humano. Podemos citar que os estagiários são selecionados através de entrevista coletiva, com questões relativas às expectativas, interesse e ao entendimento dos candidatos a respeito do envelhecimento humano, visto que seu desenho curricular é adaptado às perspectivas dos acadêmicos do curso e corresponde a componentes temáticos de diversas áreas como saúde, educação, cultura, meio ambiente, dentre outras (UFT, 2020).

Na visão de Sousa (2013) uma das intenções da UMA é realizar atividades que atendam todas as gerações. De forma que o adulto e o velho possam dividir suas experiências com crianças e jovens que ao compartilharem conhecimentos sobre o envelhecimento, possam ter mais chances de, no futuro, viverem uma velhice com autonomia e dignidade, por considerar a autora, o conhecimento como uma das grandes portas que floresce e realça a vida de qualquer cidadão.

No Estado do Tocantins, em especial nos municípios onde está implantada, Sousa (2013) atribui que a UMA, assegura na velhice a proteção integral e partilha responsabilidade entre família, Estado e Sociedade. Por outro lado, contribui para a constituição de saberes e troca de conhecimentos vivenciados no transcurso da vida de cada um dos participantes do curso. Segundo a autora, a UMA é um ganho político na educação, por conseguir romper com a formação tradicional e investir na adoção do legado da valorização humana e no processo de ressignificação do velho nos seus diferentes sentidos.

No entendimento de Sousa (2013) o velho e o seu passado histórico, por vezes, são transportados ao estigma da negatividade, e normalmente os programas educativos proporcionados reproduzem conteúdos tradicionais que não contemplam o viver dos maduros. Nesse contexto, entende-se que para ser acadêmico da UMA, deve possuir apenas a vontade de viver e estar disposto a realizar atividades propostas num contexto de intergeracionalidade (UFT, 2020). Corroborando Beauvoir (1990, p. 603) “a liberdade e a lucidez não servem para grande coisa sem novos objetivos e desafios, importante para o velho, mais que gozar de uma boa saúde, é sentir que, para ele, o mundo está ainda povoado de fins”.

No PPP/UMA (UFT, 2020) no tocante ao crescimento populacional dos velhos no Brasil, enfatiza que esta faixa etária traz à consciência a existência da velhice como uma realidade social nova, política, educacional e econômica, e que mesmo sendo a longevidade um fato atual, a sociedade e instituições não se organizaram para essa mudança no perfil demográfico, o que convoca a UMA realizar uma avaliação periódica do seu trabalho educacional e social, por período de 2 anos.

Neste aspecto as universidades, em congruência com a Lei nº 10.741/2003, que dispõe o Estatuto do Idoso artigo 3º, § 1º, VI - capacitação e reciclagem dos recursos

humanos nas áreas de geriatria e gerontologia e na prestação de serviços aos idosos; VII - estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais de envelhecimento, vêm assumindo um papel fundamental no compromisso científico, educacional e extensionista de responsabilidade social.

Com relação a Educação Gerontológica, pode-se inferir que trabalhar e, ainda discutir a longevidade e as leis que retratam direitos e deveres dos longevos é presente e necessário, e mesmo com toda ação e conquistas, ainda pode-se considerar um trabalho desafiador. Nesse contexto a UMA, se qualifica como um espaço pedagógico, de convivência social, de construção de saberes, de estudos e pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, e acredita-se que suas ações socioeducacionais e os projetos direcionados aos adultos e velhos tem contribuído positivamente também no sentido de formar cidadãos produtivos e plenos de direitos, como reza o Estatuto do Idoso.

A Lei Federal 10.741/2003, que trata especificamente do direito ao envelhecimento, e como direito personalíssimo e levados à categoria de direitos fundamentais da pessoa humana (intransferíveis), e no qual a Sociedade e o Estado têm a obrigação de garanti-los, de promovendo uma velhice digna e ativa, com qualidade de vida e combate às desigualdades sociais, legitima no artigo 8º o envelhecimento como um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social (Brasil, 2021).

A Universidade da Maturidade, na apresentação da sua missão política e educacional de atendimento aos adultos e velhos, propõe educação ao longo da vida pela aplicação de práticas pedagógicas e pesquisas ligadas ao envelhecimento humano, priorizando a educação, a saúde, o esporte, o lazer, a arte e a cultura, bem como a cobrança de políticas públicas em defesa do desenvolvimento integral dos estudantes, de modo que haja resgate da cidadania e uma convivência intergeracional para a melhoria da qualidade de vida (Sousa, 2013).

Neste sentido a UFT (2020) delinea as concepções do processo educacional da Universidade da Maturidade neste novo desenho de educação para o longo da vida, e inserem nessas opiniões a compreensão sobre velhice, educação, processos pedagógicos e ensino, aprendizagem, princípios norteadores das diversas ações da UMA.

Nessa perspectiva entende-se de que o resultado, possa ser o investimento na educação e na aprendizagem ao longo da vida, de forma que estes possam modificar a maneira como as pessoas da maturidade compreendam e interpretam o mundo, e levá-las à celebração de significados utilitários, enquanto seres ativos na sociedade, sem a passividade da realidade dos outros, e sob um olhar crítico, atentar às suas mudanças pessoais e sociais, além da sua historicidade (Sousa, et al., 2021).

Desta forma, entende-se que a ação social, educacional e filosófica da UMA, tecida nos princípios humanos, objetiva a autonomia, participação cidadã e a emancipação dos velhos na sociedade, direcionando-os para a compreensão do envelhecimento e a busca por viver uma venturosa velhice.

3.2 Objetivos geral e específicos

Apresentamos em seguida os objetivos que norteiam esta investigação.

Objetivo Geral

Apresenta-se o objetivo geral que é investigar a contribuição da compreensão leitora e da linguagem para a qualidade de vida de alunos que participam da Universidade da Maturidade, considerando o sexo, a idade, as habilitações acadêmicas e a profissão.

Objetivos Específicos

Os objetivos específicos são:

Objetivo 1: Entender as expectativas dos alunos para a matrícula na UMA;

Objetivo 2: Conhecer a percepção dos alunos quanto à linguagem, relação com familiares e compreensão do mundo através da oralidade e da leitura, antes e depois da frequência da mesma;

Objetivo 3: Conhecer a avaliação dos alunos quanto à satisfação com a frequência da UMA;

Objetivo 4: Saber a avaliação que os alunos fazem sobre a preparação e conhecimento especializado da equipa de gestão da UMA;

Objetivo 5: Conhecer a importância da frequência da UMA representada para a vida dos participantes;

Objetivo 6: Constatar quais as atividades preferidas dos alunos que compõem a grade curricular;

Objetivo 7: Verificar se existe relação entre a escolaridade, anos frequência da UMA e percepção das capacidades linguísticas (percepção de melhoria da oralidade, melhoria na leitura dos textos, compreensão leitora e compreensão do mundo através da oralidade);

Objetivo 8: Avaliar a compreensão leitora atual e a percepção sobre esta antes e depois da frequência na UMA;

Objetivo 9: Compreender a relação entre os resultados do teste cloze e a escolaridade, profissão, sexo, estado civil e idade;

Objetivo 10: Saber se existe relação entre gostar de ler e a escolaridade, o sexo, a profissão, o estado civil, a idade e os anos de frequência na UMA;

Objetivo 11: Avaliar a qualidade de vida dos alunos após o ingresso na UMA.

3.3 Método

A metodologia aplicada na pesquisa depende diretamente do objeto em estudo, de sua natureza, amplitude e dos objetivos do pesquisador. Comumente, intenciona aos pesquisadores em ciências sociais que para além de descrever, compreender o fenômeno, tornando necessário recolher informações de forma que se mostre acessível.

A fundamentação teórica do estudo ou revisão da literatura, tem o seu papel bem definido como fundamento que orientará a pesquisa e é um componente indispensável a qualquer tipo de pesquisa. Hill e Hill (2005) cita que em sua etimologia grega a palavra teoria, tinha o significado de observar e contemplar, e que os instrumentos utilizados na pesquisa, para a coleta de informações como a entrevista, questionário e outros, são aclarados pelos conceitos de uma teoria.

Nesse aspecto apreende-se que uma tese teórica é aquela que se propõe recair sobre um problema contemplativo que pode já ter sido ou não objeto de outras reflexões. Gil (2008) classifica as pesquisas com base em dois critérios diferentes. Para o autor, a classificação é dada com base em seus objetivos gerais, útil para o estabelecimento de seu fundamento teórico, divididas em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas, porém para a concreção desse estudo optamos pela segunda.

Nesse sentido, Gil (2008) considera que a pesquisa descritiva estabelece como objetivo primordial a descrição das características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, e salienta que suas características mais significativas estão na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Segundo Gil (2011) a pesquisa se apresenta como um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. Por meio do referido processo são obtidos novos conhecimentos mediante o emprego de procedimentos científicos. Cita que na pesquisa descritiva, para que possua validade científica, é exigido do pesquisador um certo grau de responsabilidade.

Para tanto, este tipo de pesquisa visa observar, registrar analisar e correlacionar fenômenos ou fatos, sem interferência ao ambiente analisado. Gil (2010) ainda atribui

que entre as pesquisas descritivas, destaca-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo como sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental dentre outras.

Portanto, confere-se que há no estudo descritivo uma busca pela descrição dos fatos e fenômenos de determinada realidade e, ainda, podem ser estabelecidas relações entre as variáveis e, neste caso, denomina-se estudo descritivo e correlacional. Tomadas como variáveis independentes aquelas que são explicativas e atuam sobre as outras, ou variáveis dependentes, as que sofrem os efeitos das anteriores. De modo que as variáveis são definidas como sendo características de algo que pode ser observável e apresente diversos valores, assim, na pesquisa qualitativa, a variável é descrita enquanto na pesquisa quantitativa, a variável é medida (Triviños, 2012).

Assim, para que a pesquisa tenha um grau de validade científica, os estudos descritivos exigem do pesquisador uma série de informações a respeito do que se pretende investigar, como há necessidade de uma precisa delimitação de técnicas, métodos, modelos e teorias para orientar a coleta e interpretação dos dados, de modo que os estudos descritivos também podem ser chamados de estudos qualitativos, ressalta Triviños (2012).

Ainda pode-se assumir a forma de estudos de casos, os quais têm por meta aprofundar a descrição de determinada realidade. Os resultados neste tipo de estudo, são válidos apenas para o caso analisado e, sendo a análise quantitativa, o tratamento estatístico dos dados é simples. Se exige análise qualitativa, esta pode ter apoio quantitativo. Também se considera forma de estudos descritivos o que procura determinar como é o fenômeno, de que maneira e por que ocorre, quando o controle da variável independente não é possível e, a análise documental, que é quando uma situação é descrita com base em uma grande quantidade de documentos (Triviños, 2012).

Importa frisar que a pesquisa descritiva proposta nesse estudo foi na configuração de um estudo de caso na UMA/UFT.

3.1.1 Participantes

Os participantes deste estudo são 35 alunos do universo de 65 acadêmicos que representa 53,9% da amostra dos participantes da Universidade da Maturidade no polo de Araguaína Estado do Tocantins. A escolha por este polo, justifica-se pela impossibilidade de acesso aos outros polos da UMA, considerando o período de pandemia provocado pelo Coronavírus no período da realização da pesquisa. A seleção ocorreu por meio de convite e participaram os que conseguiram acessibilidade para responderem aos instrumentos. As idades estão compreendidas entre os 48 e os 80 anos, sendo o intervalo de idade mais representado, os 59-68 anos (16), com predominância do sexo feminino (29), O estado civil mais representado é o de casados (18), seguido do de viúvos (11). As habilitações literárias dividem-se, essencialmente entre o ensino médio (15) o ensino fundamental (14) e que exerceram diferentes profissões, estando na sua maioria, na situação de aposentados, por não exercerem mais a profissão de professores, ou ainda, aqueles que sem uma profissão definida, se aposentaram, seja pela redução ou incapacidade laborativa, ou mesmo pela ancianidade (74,2%). Quanto ao tempo de frequência da UMA, este situa-se entre alguns meses e os 8 anos ($M=2.343$, $DP=,838$), como ilustrado na Tabela 2.

Tabela 2

Caracterização demográfica dos participantes da pesquisa tendo em atenção o sexo, a idade, a escolaridade, estado civil e a profissão

<i>Sexo</i>	<i>Idade</i>								<i>%</i>
	<i>48-58</i>		<i>59-68</i>		<i>60-80</i>		<i>Total</i>		
	<i>F</i>	<i>M</i>	<i>F</i>	<i>M</i>	<i>F</i>	<i>M</i>	<i>F</i>	<i>M</i>	
	<i>Escolaridade</i>								
Alfabetizado	0	0	1	0	0	0	1	0	2,9
Ensino fundamental	1	0	4	1	5	3	10	4	40,0
Ensino médio	6	0	6	1	1	1	13	2	42,9
Ensino superior	0	0	3	0	2	0	5	0	14,3
	<i>Profissão</i>								
Situação de Aposentado (a)	1	0	12	1	8	4	21	5	74,2
Cabelereira	1	0	0	0	0	0	1	0	2,9
Do Lar	4	0	2	0	0	0	0	0	17,1
Microempresária	1	0	0	0	0	0	0	0	2,9
Pedreiro	0	0	0	1	0	0	0	0	2,9
	<i>Estado civil</i>								
Casado (a)	6	0	4	2	3	3	13	5	51,4
Divorciado	0	0	4	0	1	0	0	0	14,3
Solteiro	1	0	0	0	0	0	0	0	2,9
Viúvo (a)	0	0	6	0	4	1	10	1	31,4
Total	7	0	14	2	8	4	23	6	100
Frequência UMA									
0-2 anos	5	0	7	1	5	1	17	2	19
3-8 anos	2	0	7	1	3	3	12	4	16

Nota.: dados da pesquisa (2022).

3.1.2 Materiais

Os materiais que utilizamos para recolha de dados neste estudo foram os seguintes: Questionário “Eu e a UMA” (Anexo A); Teste *Cloze* (Anexo B); Whoqol-Bref (Anexo C) e as Cartas de Intenções “O meu passaporte”, dos participantes da pesquisa que trazem por meio da escrita, as intencionalidades dos ingressantes ao curso. Assim, passamos a descrever os referidos materiais.

3.1.2.1 Questionário “Eu e a UMA”

Na apreciação de Marconi e Lakatos (2011, p. 86) o questionário “é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Esse instrumento de coleta comunga três objetivos: i) traduzir a informação desejada em um conjunto de questões que o respondente tenha condições de responder; ii) deve motivar e incentivar o respondente, envolvendo-o com o assunto; iii) deve buscar minimizar o erro na resposta.

O questionário “Eu e a UMA” (Sousa & Costa, s/d) é composto por 16 perguntas, uma pequena introdução, e o objetivo principal, com uma declaração de confidencialidade dos dados e respostas. Como dito, as perguntas são de resposta fechada (7 perguntas) e de resposta aberta (9 questões). Não foi considerado limite de tempo para o preenchimento deste instrumento devido às diferentes habilitações literárias e diferentes capacidades de leitura e escrita. Na intenção de obter uma melhor cooperação dos alunos foi referido que não existem respostas certas ou erradas, portanto, deveria ser respondido de forma sincera a todas as questões. Na maioria das questões teve apenas de assinalar com um (X) a sua opção de resposta.

3.1.2.2 Teste Cloze

O teste *Cloze* consistiu na seleção de um texto, no qual foram omitidos os quintos vocábulos, como adequação para o diagnóstico da compreensão leitora.

Aplicamos o texto de Santos (2012), intitulado “Posso viver melhor” (Quadro 4) elaborado dentro dos critérios de correção das respostas, com avaliação do acerto e do erro sem considerar a dificuldade do item, construído para essa população. O texto continha 89 vocábulos e 14 omissões.

O texto utilizado foi selecionado por se relacionar ao cotidiano dos alunos da UMA, com direcionamento a situações vivenciadas no cotidiano pelos participantes.

Quadro 4

Texto para o Teste Cloze Posso viver melhor

Posso viver melhor

Acácia Angeli dos Santos (2012)

Muitas pessoas não sabem ler nem escrever! Pra mim também não deu! Foi difícil!

No entanto, agora vou _____. Este é um jeito _____ poder ser mais livre, _____ depender dos outros para _____ o que se precisa.

_____ chegar a um lugar que queremos? Como se faz _____ descobrir para aonde vai _____ ônibus? Como ter aquela _____ de bolo bom que _____ na televisão? É difícil _____ pela cidade sem poder _____ nenhuma das placas das _____.

Mas agora aprendi a _____ e escrever e ainda _____ aprender mais. Assim, vou ter uma vida melhor. Poderei participar muito mais das coisas!!!

Nota. Fonte: Santos (2012).

A interpretação dos resultados que avaliam a compreensão leitora por meio do teste *Cloze* baseia-se na escala proposta por Bormuth (1968) com a finalidade de classificar o respondente a partir de seu desempenho no nível de frustração, instrucional ou independente. O primeiro refere-se ao acerto de até 44% de compreensão total do texto, e indica que o leitor obteve pouco êxito na compreensão. O segundo compreende o percentual de 45% a 57% de acerto no texto, e comprova que há bastante compreensão, mas carece de subsídio externo. O terceiro nível, o independente, exige um percentual de compreensão de acertos no texto superior a 57%, e indica um nível de autonomia do leitor.

3.1.2.3 Whoqol- Bref

Para avaliar a qualidade de vida dos respondentes e atender um dos objetivos específicos que é avaliar a qualidade de vida dos alunos antes e após o ingresso na UMA, utilizamos a escala de Whoqol-Bref, instrumento para coleta de dados em avaliações de qualidade de vida.

O critério de seleção das questões foi psicométrico e conceitual. No nível conceitual foi definido pelo Grupo de Qualidade de Vida da OMS de que o caráter abrangente do Instrumento deveria ser preservado, de maneira que cada uma das 24 facetas que compõe o instrumento original deveria ser representada por uma questão. Quanto ao nível psicométrico foi selecionada a questão de cada faceta que apresentava a maior correlação com o escore total, calculado pela média de todas as facetas. Posteriormente, os itens selecionados foram verificados sob o viés de experts para estabelecer se representavam conceitualmente cada domínio de onde derivavam as facetas (The Whoqol Group, 1998a).

Diante da necessidade de disponibilizar instrumentos curtos que demandem pouco tempo para seu preenchimento, mas com características psicométricas satisfatórias, o Grupo de Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde – OMS, desenvolveu o WHOQOL-Bref, uma versão abreviada do WHOQOL-100, que consiste num questionário composto por 26 questões. Destas, as duas iniciais são sobre qualidade de vida em geral (qualidade de vida e saúde) e as demais se dividem em quatro domínios, nos quais retratam cada uma das 24 facetas que compõem o instrumento original-Whoqol-100 (Whoqol Group, 1998b).

Dos 24 itens selecionados, seis foram substituídos por questões que definissem melhor a faceta correspondente. Nessa etapa, três itens do domínio Meio-ambiente foram substituídos por apresentarem uma correlação muito aproximada com o domínio Psicológico. Os outros três itens foram substituídos por explicarem melhor a faceta em questão. Por outro lado, as facetas pertencentes ao domínio Nível de Independência foram incorporadas ao domínio Físico, assim como a faceta pertencente ao domínio Aspectos espirituais/Religião/Crenças pessoais incorporou-se ao domínio Psicológico.

Uma análise fatorial confirmatória foi realizada para uma definição de quatro domínios que compõem o WHOQOL-Bref, sendo eles, Físico, Psicológico, Relações Sociais e Meio Ambiente, demonstrados no Quadro 5. Este quadro mostra os quatro domínios e respectivas facetas do formulário Whoqol-Bref. Os dados que deram origem à versão abreviada foram extraídos do teste de 20 centros em 18 países diferentes. O nível de significância adotado foi de $p < 0,05$.

Quadro 5*Domínios e facetas do “Whoqol-Bref”*

Domínio	Faceta
Geral	1. Qualidade de Vida 2. Saúde
Físico	3. Dor física, 4. Tratamento 10. Energia 15. Mobilidade 16. Sono 17. Atividades diárias 18. Capacidade de trabalho
Psicológico	5. Aproveita a vida 6. Sentido da vida 7. Concentração 11. Aparência física 19. Autossatisfação 26. Sentimentos negativos
Relações Sociais	20. Relações pessoais 21. Vida sexual 22. Apoio dos amigos
Meio Ambiente	8. Segurança na vida diária 9. Ambiente saudável 12. Recursos financeiros 13. Informações disponíveis 14. Atividade de lazer 23. Moradia 24. Acesso a serviços de Saúde 25. Meios de transporte

Nota. Fonte: Fleck et al. (2000).

Para essa pesquisa, a escolha pelo instrumento Whoqol-Bref justifica-se por considerar suas características satisfatórias, possuir menos questões, sendo, portanto, a aplicação mais acessível à população desse estudo. A pontuação segue a escala de Likert: quando os resultados entre 1 até 2,9 indicam a necessidade de melhorar; de 3,0 a 3,9 apontam regularidade; de 4,0 a 4,9 significam boa e 5,0 muito boa qualidade de vida (Fleck et al., 2000).

3.1.2.4 Cartas de Intenções “O meu passaporte”

A Carta de Intenções “O meu passaporte” foi o material utilizado para identificar os motivos e expectativas dos participantes para a matrícula na UMA.

Pode-se dizer que o instrumento funciona como um diagnóstico que abstrai as subjetividades e objetividades do ingressante. Um ponto de partida diante da escuta expressa e dos desafios percebidos na configuração de pista, ou mapa, permeados por anseios e intenções, registrados como elementos contributivos para nortear olhares e fazeres para o início de uma vida acadêmica e coletiva na maturidade e na velhice.

Usualmente, a carta de intenção é caracterizada como uma ferramenta útil para diferentes situações como candidaturas a vaga de emprego ou estágio, o pleito por uma bolsa de estudos, dentre outras conjunturas como a referida nessa pesquisa.

A linguagem escrita nas Cartas de Intenções dos acadêmicos da UMA, sustenta-se nos saberes, na escuta e na observação dos objetivos e declarações intencionadas, e se configura, portanto, a um instrumento de registro que indica possibilidades, desejos e flexibilidade, de forma que os percursos possam ser modificados à medida que sucederem as experiências cotidianas junto aos participantes do grupo. Nesse sentido, para responder às perguntas elencadas nas Cartas de Intenções analisadas, intentamos conhecer a intencionalidade e as expectativas dos alunos para a matrícula na UMA.

Para garantir a articulação entre as ações e a organicidade da Universidade da Maturidade, além do preenchimento da ficha de inscrição e a entrega de cópias dos documentos pessoais, e duas fotos 3x4, um dos critérios estabelecidos para a seleção do candidato (a) à uma vaga, é a redação de uma “Carta de Intenções”, que para este estudo intitulou-se “O meu passaporte”.

Importa informar que as cartas dos interessados sem o domínio da leitura e/ou da escrita foram redigidas por uma outra pessoa, quer seja da equipe administrativa da UMA ou por um acompanhante, normalmente filho/a, conforme o PPP/UMA (UFT, 2020) o desejo é de atender a todos, inclusive esse público, tendo pois a coordenação do Programa excluído o processo seletivo, e definido uma nova regra de ingresso que é apresentar uma carta de intenções, podendo esta, inclusive ser escrita por terceiros, sem

excluir nenhum dos interessados em razão da barreira da alfabetização, estabelecendo apenas, que seja maior de 45 anos.

Diante de um panorama cada vez mais globalizado, em que as relações fogem à racionalidade das partes individualistas para se consolidarem com base na interação social e, segundo preceitos e princípios humanitários e multidisciplinar, surgiu a necessidade de analisar o escopo e alcance da “Carta de Intenções” na UMA.

Ao apresentar-se à coordenação do curso, o pretense aluno é sempre atendido por alguma pessoa do quadro administrativo, para o preenchimento do formulário de matrícula e recebimento das orientações para a escrita da Carta de Intenções, que se limita a responder as seguintes questões, seguidamente apresentadas.

- 1- Como conheceu a UMA?
- 2- O que o levou a procurar a Universidade da Maturidade?
- 3- Quais as expectativas para a participação na UMA?
- 4- O que mais gosta de fazer na vida?

Adiante, para contribuir com a reflexão sobre o conteúdo das Cartas de Intenções “O meu passaporte” e responder a um dos objetivos específicos que é “Entender as expectativas dos alunos para a matrícula na UMA, foram analisadas 35 cartas e os resultados estão compartilhados no ponto Apresentação de Resultados.

Importa registrar e é necessário destacar que os conteúdos das cartas são de cunho subjetivo, por considerar que cada resposta emana da particularidade de pessoas diferentes, dentro de um contexto cultural, político, social e educacional específicos, que cabe consideração. Ou seja, cada comunicação é mediada por experiências e formações singulares, o que não impediu de encontrar respostas similares, pois com base nas informações prévias sobre o curso buscaram de alguma maneira dialogar com as propostas introdutórias do Projeto Político Pedagógico, quando este assinala que as ações educacionais do curso marcham para uma revolução paradigmática, direcionada a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, sobretudo aos maduros. Uma vez que o objetivo do Projeto é “oportunizar à comunidade educativa, o conhecimento do Processo de envelhecimento do ser humano para contribuir na promoção do sujeito e

provocar transformações sociais na conquista de uma velhice ativa e digna” (UFT, 2020, p. 8).

3.1.3 Procedimentos

Após exaustiva pesquisa bibliográfica foi construído o inquérito por questionário seguindo todos os protocolos para tal (Hill & Hill, 2005), abrangendo os principais assuntos relacionados a este estudo. Foi analisado por 2 especialistas no tema que o consideraram adequado tendo em consideração os objetivos propostos. Para efetuarmos a reflexão falada (análise, clareza, compreensão dos itens) foi administrado a 3 pessoas com características semelhantes as dos participantes. Após o preenchimento solicitamos a 3 pessoas que avaliassem a adequação do questionário, que aferissem se as questões colocadas levantavam dúvidas ou más interpretações, se deveriam ser acrescentadas mais questões, alteradas ou retiradas.

Das 3 pessoas selecionadas, a primeira respondeu ao instrumento no período de 15, o segundo 20 e o terceiro finalizou com 25 minutos. Todos relataram o nervosismo e as dificuldades de concentração nas perguntas e nas respostas, mas ao final concordaram que as perguntas estavam de acordo com a realidade dos frequentadores da UMA e que o questionário não precisava de ser alterado. Ou seja, a formulação do questionário atendeu às necessidades correspondentes ao curso e a vida dos seus participantes.

Foi solicitado o parecer da Plataforma Brasil e este estudo foi aprovado de acordo com a resolução N.º 466/2012 e resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos, da Universidade Federal do Tocantins (CEP/UFT) sob o número CAAE: 28928819.4.0000.5519 (Anexo D).

O recrutamento/abordagem aos participantes da pesquisa foi efetuado por meio da apresentação da pesquisa, em reunião marcada para o efeito, após envio de convite para a participação na mesma aos alunos da UMA que cumpriam os requisitos necessários (45 ou mais anos). Após a apresentação da pesquisa em que foram referidos os objetivos, tempo médio de preenchimento dos instrumentos, procedimentos éticos,

garantia de anonimato, foram esclarecidas todas as dúvidas colocadas, e foi facultado o consentimento informado (TCLE) (Anexo E) a quem quisesse participar. No TCLE estão inscritos os objetivos, benefícios e riscos, além da garantia de sigilo de identidade e autonomia para participação. Por solicitação dos alunos, todos tiveram o seu termo lido pela pesquisadora.

Os participantes entregaram o referido Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) devidamente assinado, depois de ponderarem a sua participação.

Quanto às garantias éticas aos participantes da pesquisa, estes tiveram a sua identidade preservada e estavam em plena soberania para decidirem colaborar ou não com o desenvolvimento da pesquisa, que serviu como suporte para o trabalho de Tese da pesquisadora. Em nenhum documento consta o nome dos participantes, com exceção do consentimento informado, mas sim um código para se poderem emparelhar os dados recolhidos (Ex. A1; B1...). Quando os participantes terminaram a tarefa (preenchimento dos questionários e do teste *cloze*) colocaram os documentos num envelope com o título da pesquisa.

Para o preenchimento do questionário foram atribuídos 25 minutos, mas não foram interrompidos os participantes que levaram mais tempo. Na mesma sessão solicitamos o preenchimento do questionário Whoqol-Bref (15 minutos), em seguida apresentamos o texto para aplicação do método *cloze*, também aplicado de forma coletiva e individualmente, mas de preenchimento individual (cerca de 20 minutos). A duração da sessão foi de 90 minutos. A pesquisa foi realizada na Universidade da Maturidade e o agendamento das sessões foi efetuado de modo conjunto com a coordenação geral do Curso, no período de 2020/2 a 2022/1, após aprovação do CEP.

Posteriormente à autorização do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, para a recolha de dados, assim como a permissão da Coordenação Geral da UMA, devido o atual cenário pandêmico e, por ser o idoso (público alvo deste estudo), do grupo de risco, obedecendo as orientações da Lei Nº 13.979 de 06/02/20, que dispõe sobre as medidas adotadas para o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional, decorrente da realidade do surto de coronavírus, como o de evitar aglomerações pelo que intentamos trabalhar com números menores de participantes e seguir os protocolos dos órgãos sanitários, de higienização e distanciamento, devido à

pandemia, de modo que a recolha dos dados fosse realizada de maneira mais segura possível.

Inicialmente, fizemos a conferência dos instrumentos, todos em embalagem plástica e higienizados para a entrega individual.

Antes de aplicar os instrumentos pautamos na explicação dos objetivos e propósitos do estudo aos alunos. Foi ainda esclarecido o que se entende por linguagem e compreensão leitora com intuito de dirimir algumas dúvidas e/ou, más interpretações do conceito. Solicitou-se uma leitura atenciosa das questões colocadas e dada a possibilidade de colocarem dúvidas. Depois foi-lhes entregue os instrumentos e a investigadora circulou pelo espaço no sentido de tirar as incertezas decorrentes do preenchimento. Importa citar que as cartas de intenções foram solicitadas à coordenação geral da UMA, no mês de agosto de 2020. No mesmo período recebemos autorização por escrito, e o anexo das cartas obtidas pela secretaria da coordenação.

Quanto à aplicação do teste Cloze, solicitamos aos participantes que lessem e preenchessem os espaços existentes no mesmo de forma que o texto fizesse sentido. Utilizamos a correção literal, e foi referido que não existem respostas boas ou más, com a finalidade de favorecer uma melhor cooperação dos alunos. Por fim, houve agradecimentos pela participação daqueles na investigação.

Os materiais foram aplicados pela seguinte ordem: o inquérito por questionário “EU e UMA” em seguida, o Whoqol-Bref e depois o Teste *Cloze*.

Quando os participantes terminaram a tarefa (preenchimento dos questionários e do teste *cloze*) colocaram os documentos num envelope com o título da pesquisa.

Passamos a descrever a forma como analisamos os dados recolhidos.

Análise de Conteúdo

Para a investigação dos dados de uma pesquisa qualitativa existem algumas técnicas singulares, fundamentadas em correntes, pensamentos e abordagens diversas,

porém, esta tese apresenta a análise de conteúdo como uma das técnicas de interpretação de dados em pesquisa qualitativa, e está direcionada na proposta de Bardin (2011; 2016) que trata especificamente em uma das técnicas utilizadas para as interpretações de dados emanadas de pesquisa qualitativa, a saber, a Análise de Conteúdo. Assim, para a análise das cartas de intenção “O meu passaporte” e para as questões, 1, 5, 6.1, 8.1, 9.1, 11.1, 12.1, 14.1 e 15 do questionário “Eu e UMA”, utilizamos esta técnica.

Bardin (2011) retrata que a análise de conteúdo foi utilizada desde as primeiras tentativas da humanidade de interpretar os livros sagrados, e que sua sistematização como método ocorreu somente na década de 20, por Leavell. Já sua definição surge no final dos anos 40-50, com Berelson, e o auxílio de Lazarfeldt, e em 1977, foi publicada a obra de Bardin, “Analyse de Contenu”, na qual o método foi configurado nos pormenores que servem de orientação ultimamente.

Por esse viés, a Análise de Conteúdo (AC) segue os pressupostos da hermenêutica, partindo do seu uso e contexto histórico remoto, constituído pela arte de interpretar os textos sagrados ou mistérios. Na contemporaneidade é usado para determinar uma corrente filosófica. Na ciência, caracteriza-se também como uma metodologia que utiliza dos aspectos simbólicos e polissêmicos por trás do discurso que é possível desvendar (Bardin, 2011). Uma vez que para essa autora a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações e não uma técnica, e que a atitude interpretativa da concepção inicial do termo continua, mas suportada por processos técnicos de validação.

Para Bardin (2016) Análise de Conteúdo (AC), tem a presença de significações de um emissor para um receptor, que na condição de controle ou não, deveria poder ser escrito, ou interpretado pelas técnicas de análise de conteúdo.

Nesse enfoque, pode-se apreender a análise de conteúdo como uma técnica de análise de dados utilizada para condensar ideias e construir categorias, que precisa estar alinhada com a metodologia e tem como a principal referência atual, Laurence Bardin, que considera a AC, uma técnica que consiste em avaliar sistematicamente um corpo de texto ou material audiovisual, por forma a desvendar e quantificar a ocorrência de palavras, frases, e temas considerados “chave” possíveis a uma comparação posterior.

Para Bardin (2016) em função de regras previamente formuladas, a exploração do material consiste nas operações de codificação, desconto ou enumeração. Para Ferreira e Mendes (2007) a utilização de instrumentos quantitativos ganha em generalidade e perdem-se especificidades, visto que mesmo identificando o visível, não se sabe o que está por trás dele, porque alcança a objetivação, mas não atinge o processo de subjetivação mais completo. Enquanto um evento característico de pesquisas qualitativas segundo Mendes (2006), ainda vale para casos em que a finalidade é a manifestação lógica das relações entre conceitos e fenômenos, e a intenção é o de explicar em termos intersubjetivos, a dinâmica dessas relações.

Nesse sentido, a melhor capacidade de entendimento do significado de pesquisa qualitativa é definir o que ela não é, e que de fato ela não é um conjunto de procedimentos que depende densamente de análise estatística para suas inferências ou métodos quantitativos para a coleta de dados (Glazier & Powell, 2011).

Por outro lado, Bardin (2011) qualifica o termo análise de conteúdo, como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, com vistas à obtenção dos procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que admitam a inferência de informações relativas às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Para tanto, são previstas três fases fundamentais da Análise de Conteúdo: a pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise representa a fase de organização propriamente dita, corresponde a um período de intuições, e tem por objetivo operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a transportar a um esquema preciso de desenvolvimento das operações consecutivas, num plano de análise (Bardin, 2016).

Ancorado pelo objetivo da organização sistemática dos documentos, segue na trilha da pré-análise: a leitura flutuante; a escolha dos documentos; a formulação das hipóteses e dos objetivos; a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores e a preparação do material.

Quanto a exploração do material, Bardin (2016) afiança ser esta é a aplicação sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações por computador. Sua consistência está essencialmente em

operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas. Ao versar sobre o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, a autora registra que, tendo o analista resultados significativos e fiéis à sua disposição pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que convergem com outras descobertas inesperadas.

Abordagem quanti-qualitativa

Este estudo, foi de uma pesquisa quanti-qualitativa, seguido um processo que buscou a interação dinâmica e de retroalimentação constante. Os dados quantitativos foram coletados junto a documentos e questionários. Posteriormente foram interpretados com o uso da estatística, não empregando modelos sofisticados de análise, a saber: o questionário “Eu e a UMA” e o WHOLQOL-Bref e o teste cloze. Os dados qualitativos foram coletados pelas observações e aplicação de questionários (Triviños, 2012) e analisados como referimos no ponto anterior.

Quando um conjunto de dados quantitativos e qualitativos não se opõem, ao contrário, se completam, a realidade envolvida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia. Tendo a técnica de retroalimentação e de reformulação constante uma visão não estática (Minayo, 2002).

Diversas correntes de pensamento que deram origens a diferentes rumos na procura do conhecimento surgiram ao longo da História da Ciência. Face a isso, desde a metade do século XX, surgem dois métodos principais da investigação: o qualitativo e o quantitativo. Para as autoras, a metodologia quantitativa teve inicialmente predomínio no horizonte científico internacional, contudo, nos últimos anos, a investigação qualitativa tem tido mais aceitação (Marconi & Lakatos, 2011).

Na relação entre abordagem quantitativa e abordagem qualitativa tem um marco à volta-face na concepção da análise de conteúdo. Na primeira metade do século XX, o que marcava a especificidade deste tipo de análise era ao rigor, a quantificação. Logo, houve compreensão de que, quer as modalidades de inferência se baseiem ou não em indicadores quantitativos, a análise de conteúdo caracteriza-se pelas inferências - que

são variáveis inferidas a partir de variáveis de inferência ao nível da mensagem (Bardin, 2016).

Na direção de Bauer e Gaskell (2003) a pesquisa quantitativa trabalha com números, e pelo uso de modelos estatísticos para explicar os dados considera-se pesquisa *hard*. Enquanto Goldemberg (2002) afirma que os métodos quantitativos se limitam aos fenômenos que podem ser enunciados e simplificam a vida social. Acrescenta que as abordagens quantitativas em troca do rigor matemático, sacrificam a compreensão do significado. No método quantitativo a amostragem reduz as amostras, tabulando-as e sintetizando os dados de forma numérica (Marconi & Lakatos, 2011).

Marconi e Lakatos (2011) referem-se ao enfoque quantitativo empregando algumas fases como evidenciar a observação e a valorização dos fenômenos; estabelecer ideias; comprovar o grau de fundamentação, e revistar ideias resultantes de análise, bem como propor novas observações e valorizações para esclarecimentos, modificações e/ou fundamentações de respostas e conceitos. Conforme as autoras, os três traços bem definidos no conteúdo quantitativo que devem ser observados, são a objetividade, sistematização e quantificação dos conceitos confirmados na comunicação.

Na análise de conteúdo quantitativo, deve-se focalizar na quantificação de suas informações e não nos aspectos semânticos do texto, ou seja, na frequência da aparição de certas palavras, expressões, frases, temas, dentre outros no texto. A quantificação deve ser apresentada de modo sistemática e objetiva. Esta deve proceder de forma rigorosa e reaplicável, objetivar os fenômenos, hierarquizar as ações. Deve também descrever, compreender e explicar os fatos. A sistemática compete ser ordenada (Marconi & Lakatos, 2011).

De acordo com Marconi e Lakatos (2011) o método qualitativo difere do quantitativo não apenas por não empregar instrumentos estatísticos, mas também pela forma de coleta e análise dos dados, de modo que a metodologia qualitativa se preocupa em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, fornece análise mais detalhada, de modo que no método quantitativo, os pesquisadores valem-se de amostras amplas e de informações numéricas, quando que

no qualitativo os instrumentos de coleta não são estruturados e as amostras são analisadas em seu conteúdo psicossocial.

Nesse aspecto, em congruência com o método da análise de conteúdo definido por Bardin (2016) como regras lógicas de organização, categorização e tratamento de dados quantitativos e qualitativos, tendo como instrumento as respostas/perguntas abertas, utilizamos a técnica de análise categorial, de forma que ao analisar e interpretar as respostas associadas às concepções emergentes dos respondentes, estabelecemos uma conexão entre os dados categorizados com o referencial teórico analisado, com a identificação das divergências e convergências emitidas pelos participantes da pesquisa.

3.4 Apresentação de resultados

Com a propositura de apresentar os resultados extraídos dos instrumentos utilizados nessa pesquisa, segue a trilha na representação dos objetivos propostos.

Objetivo 1: Entender as expectativas dos alunos para a matrícula na UMA.

Para responder ao objetivo 1- analisamos as cartas de intenções “O meu passaporte”, como apresentaremos a seguir.

Encontram-se dispostos os resultados das análises das Cartas de Intenções, instrumento que os ingressantes na Universidade da Maturidade utilizam para registro de suas intenções e perspectivas para ingresso no Curso.

Para melhor compreensão dos dados passamos a apresentar os resultados extraídos das Cartas de Intenções. Segue a tabela 3 - a classificação por sexo dos respondes sobre o “Como conheceu a UMA? Os resultados somaram (4) categorias de respostas. Logo demonstraram que a categoria com maior frequência de respostas foi conhecer a UMA por meio de amiga e pela mídia (televisão) ambas ($N=12$ o que corresponde 34,3%) e em menor número vizinha ($N=3$ o que corresponde 8,9%).

Tabela 3*Como conheceu a UMA tendo em atenção o sexo*

Como conheceu a UMA?				
Sexo do aluno				
Categories	Feminino	Masculino	Total	Porcentagem
Filho	6	2	8	22,9
Televisão	10	2	12	34,3
Amiga	11	1	12	34,3
Vizinha	2	1	3	8,6
Total	29	6	35	100,0

Nota. dados da pesquisa (2022).

Os resultados tendem ancorar-se na fala da académica A1-58 anos (matriculada desde 2016) quando diz: “Sou muito grata a minha amiga por ter me trazido para cá, eu estava precisando”. O que representa a fala da maioria dos respondentes.

Sobre a questão, o que o/a levou a procurar a Universidade da Maturidade, observamos que mesmo considerando a subjetividade dos alunos, não houve diferença significativa na frequência. Mas chama atenção às respostas, as aspirações dos alunos com interesse maior pela busca de conhecimentos, de fazer novas amizades e consequentemente, livrar-se da solidão ou depressão após perdas, principalmente, familiares ou de funções sociais.

Concernente às expectativas para a participação na UMA, os alunos apresentaram aspirações por diferentes assuntos, porém, ao computar e comparar os dados pôde-se perceber que a maior frequência de expectativa, tanto referente ao conhecimento prévio, das informações a respeito do Curso, quanto a expectativas pessoais foi “Livrar da depressão”.

Diante disso, em relação a participação na UMA, no geral, os dados quantitativos se aproximam e confirmam na perspectiva dos alunos, ter a UMA como um espaço socioeducativo, com ações integrativas capaz de responder positivamente as aspirações daqueles, evidenciadas, também nos dados qualitativos.

Com todas as evidências das intencionalidades expressas nas “Cartas de Intenções” dos alunos da UMA, pode-se constatar que esta tem um papel relevante na

vida dos acadêmicos ao conduzi-los à uma situação de significância como cidadãos de direito.

Cada indivíduo é singular e tem predicados que o torna peculiar. Além disso, alguns são mais comunicativos e outros mais introvertidos, as preferências diferem de pessoas, pois cada ser é constituído por combinações exclusivas. Assim, para conhecer melhor os gostos dos ingressantes na UMA no ato da matrícula, pode-se conferir nas respostas relativas à questão “O que mais gosta de fazer na vida” que é parte da Carta de Intenções, a maior frequência na categoria amizade, sendo ($N=13$, 37.1%) seguindo viajar ($N=10$, 28.6%) integração ($N=5$, 14.3%), diversão ($N=4$, 11.4%) e conversar ($N=3$ o que equivale a 8.6%).

Quanto aos resultados referentes ao ano de ingresso dos acadêmicos na UMA, percebemos que dentre os participantes da pesquisa, a maior frequência, foi de ingressantes no ano 2016, ($N=16$, que equivale a 45.7%), enquanto a menor frequência foi no ano 2018, ($N=1$, que equivale a 2.9%). Há uma discrepância entre o número de ingressantes da turma do ano 2019 ($N= 5$, equivalente a 14.3%) em relação aos anos anteriores, a exemplo o 2016. Os demais foram distribuídos entre os anos 2014, ($N=7$, 20,0%), 2017 ($N=3$, 8.6%) e 2012 ($N= 3$, 8.6%). Importa identificar quais fatores levaram ao retorno e a permanência dos egressos, e a tímida inserção de novos ingressantes na última turma.

De modo geral, os resultados da amostra apontam que os participantes têm uma aceitação positiva em relação a Universidade da Maturidade, tanto para o ingresso, quanto na permanência naquela, contudo, chama a atenção para a diferença na porcentagem de participantes por ano de ingresso do aluno. Todavia, pode-se relacionar os resultados, ao perfil dos ingressantes, da forma como conheceram a UMA e/ou por terem estabelecidos fortes vínculos de amizade, emanados da interação social, aliados à busca por novos conhecimentos e a fuga da solidão/depressão, motivados pelas ações pedagógicas, melhoramento da linguagem e aquisição de compreensão de mundo. Por outro lado, pode-se atribuir também, a fatores internos de condução e motivação às atividades e estratégias inovadoras de divulgação, e compreensão da linguagem.

Ainda, ao realizar análise a respeito das expectativas dos alunos para a matrícula na UMA, importa clarificar que os dados também foram analisados descritivamente

com base na formatação dos resultados apresentados às questões do Questionário “EU e a UMA”, de onde foram extraídas as categorias relacionadas aos motivos e expectativas que os levaram a procurar a Universidade da Maturidade. Os que apresentaram maior frequência foram interação social (14) melhorar o conhecimento (12), seguidos por amizades (7), Solidão (5), depressão e diversão (ambas 4) cada, Perda familiar, Acolhimento e Qualidade de Vida (ambas 3) cada.

Os resultados indicam favorabilidades em todos os aspectos em relação à procura e satisfação nestas. Destaca-se fazer novas amizades (22,7%), melhorar o conhecimento em geral (22,0%) sendo o distanciamento da família (4,3%) o que apresentou menor potência motivacional, evidenciados na Tabela 4

Tabela 4

Expectativas dos alunos quanto a matrícula na UMA

Expectativas dos alunos	Respostas	% de casos
Melhorar o conhecimento em geral	31	22,0%
Melhorar a autoestima	26	18,4%
Sair da solidão	21	14,9%
Fazer novas amizades	32	22,7%
Distanciamento da família	6	4,3%
A possibilidade de uma melhor qualidade de vida	25	17,7%
Total	141	100,0%

Nota. dados da pesquisa (2022).

Nesse sentido, firma-se na Carta de Intenções da aluna (A26). “Eu desejo realizar minha matrícula nesta Universidade da Maturidade. Tenho expectativa de aumentar meus conhecimentos em busca de qualidade de vida na idade em que me encontro, bem como desejo socializar com outros alunos com objetivos semelhantes” (A26 - 68 anos, matriculada desde 2019).

Observa-se, no entanto, que o grau de expectativas, em que eles compartilham experiências e uso da aprendizagem adquirida nas aulas, é considerado um encontro de sociabilização, romantizado aqui, na Carta de Intenções da aluna A19. Quando fala que

a UMA para ela foi um aprendizado e será, porque ela pretende continuar. Segundo a aluna, foi na UMA que ela aprendeu a ser uma eterna criança e ao mesmo tempo uma velha com muita sabedoria. Na concepção dela, a UMA é uma história sem fim, porque as aulas são diferentes uma da outra, como um mundo encantado, com várias histórias que o aluno se sente participante. E reforça: “somos uma família que se reúne naquele local e horário marcado como se fôssemos a um encontro romântico, depois cada um segue o seu caminho na expectativa de um novo encontro para contar as novidades da vida”. Finda com o acróstico que a UMA é União e Muito Amor (A19 - 65 anos, matriculada desde 2014).

A fala da A19 - 65 anos (matriculada desde 2014) clarifica o quanto o compartilhar experiências e a socialização dos acadêmicos nas vivências na sala de aula, tem representação significativa para eles nessa fase da vida. Nota-se, que os encontros ressignificam suas vidas, ampliam o nível social, e são geradores de novos ciclos de amizade, junto a diferentes maneiras de experienciar a maturidade e a velhice.

A acadêmica A18 - 69 anos (matriculada desde 2017) relata na Carta de Intenção de que a UMA tem fundamental importância na sua vida, por ter sido nela que ela encontrou boas companhias, divertimento e muito aprendizado. Fala da sua solidão, de estar quase sempre sozinha em casa, que com o crescimento dos filhos e netos, cada um tem suas ocupações. Reforça: “A UMA preenche o vazio causado pela solidão, portanto, gostaria muito de continuar para que eu continue podendo viver novas experiências junto dos meus colegas e professores”.

A comunicação da aluna A18 - 69 anos (matriculada desde 2017) consegue expressar sua intencionalidade para participação na UMA, declara seu sentimento de solidão, ao final, reforça o seu discurso pela intenção de poder continuar no curso e viver novas experiências junto ao grupo de amigos.

A9 - 64 anos (matriculada desde 2016) reforça: “quero estudar para me socializar com os demais colegas, interagindo e compartilhando informações adquiridas através de experiências vividas por outras pessoas”.

Na mesma direção a acadêmica A2 - 67 anos (matriculada desde 2016) imprime sua intencionalidade dizendo que tendo em vista que está aposentada há mais de um

ano, ela não gostaria de atrofiar nenhum dos seus órgãos, pois a vontade é de renovar e estimular seu cérebro, as faculdades mentais e a socialização. Disse também, que deseja contribuir com os seus colegas e com os professores da UMA, compartilhar das experiências dos seus 40 anos de profissão como educadora do 1º e 2º grau (hoje ensino médio), que considera os anos mais vividos e sofridos, porém agradáveis na Educação.

No universo total da amostra, verificamos que as intenções dos alunos, mesmo considerando suas características inatas e suas subjetividades, foram enfáticas no trato das afirmações de que a UMA foi ou é um ambiente de socialização, onde são estabelecidos laços de amizade e, conseqüentemente, os livra da depressão, da solidão, do isolamento e da invisibilidade social ainda fortalecida pela sociedade atual.

Numa visão de continuidade, percebemos na visão dos alunos da pesquisa, que a “UMA apresenta um papel significativo na vida dos participantes e, portanto, se configura como sendo um “antídoto” para a maioria daqueles que a procuram, confirmado na fala da acadêmica A34 - 64 anos (matriculada desde 2012) ao afirmar que as amizades conquistadas na UMA foram o “remédio” e por isso ela tem muito amor. Relata que a razão de ter voltado para a UMA é por se sentir bem. Com voz baixa e trêmula ela declara: “quando meu esposo faleceu quase entrei em depressão e minhas amigas da UMA foi o meu “remédio” por isso tenho muito amor. Por isso tudo o que penso de bom é pouco”.

A aluna A34 - 64 (matriculada desde 2012) atribui às amizades a sua permanência no curso, por ter sido amparada pelas amigas num momento de perda e de dor. A carta da aluna A5 - 65 anos (matriculada desde 2014) diz da busca por um meio (ajuda) para superar a tristeza e a saudade para um viver bem. Que estava se matriculando no curso, primeiro porque havia sido convidada por uma amiga, depois, por ter perdido o seu marido, e que essa perda a deixou muito triste, o que a levou a procurar um meio de melhorar a saudade e viver bem. Argumenta que estar na UMA é ter encontrado um caminho para continuar a ser alegre novamente e poder conversar com outras pessoas com problemas diferentes e se atualizar socialmente. Percebemos, portanto, que ambas buscam romper com a tristeza e a solidão e, veem a UMA como o local oportuno para suas recuperações.

Desta forma, a partir dos dados e informações coletados na pesquisa e visualizados na amostra, constatamos que a Universidade da Maturidade como programa de extensão universitária, mostrou-se um universo fecundo de atividades que restitui aos adultos e velhos o prazer de viver, esclarecidos nas expressões individuais dos alunos que manifestaram ter adquirido novos conhecimentos sobre direitos políticos, sociais e de cidadania.

Quanto às expectativas dos alunos para a matrícula na UMA, na opção de “sim” e “não”, todos responderam “sim”, considerando, pois, um resultado positivo e, portanto, satisfatório.

Para responder ao objetivo 2 analisamos as respostas do Questionário “EU e UMA” como apresentaremos a seguir.

Objetivo 2: Conhecer a percepção dos alunos quanto à linguagem, relação com familiares e compreensão do mundo através da oralidade e da leitura, antes e depois da frequência da mesma.

Em cumprimento a esse objetivo e com o escopo de se notar as respostas às questões postas, expomos a seguir, os resultados extraídos do questionário “Eu e a UMA”, utilizado como ferramenta de coleta de dados nesta pesquisa.

Na descrição das respostas a respeito da percepção dos alunos sobre a frequência à UMA quanto à linguagem, relação com familiares e compreensão do mundo através da oralidade, antes e depois da frequência da mesma; os resultados da categorização das respostas relativas, assim como a percepção de algum resultado quanto a linguagem oral, mostram que (85,7%) responderam sim e (14,3%) responderam não ter percebido nenhuma mudança significativa. Concernente aos “quais resultados,” pôde-se extrair as Categorias: Comunicação, Mais conhecimento, Oralidade, e Interação social, como expresso na Tabela 5.

Ao investigar sobre a compreensão de mundo por meio da oralidade (parte oral ou uso falado de uma língua), antes e depois da frequência da UMA, (94,3%) responderam que sim, e foram classificadas as Categorias: Conhecimento, Convivência, Informação, Leitura e escrita, e (5,7%) responderam que não. Sobre, como você vê a

sua comunicação oral na relação com seus familiares, antes e depois da frequência da UMA (57,1%) responderam “melhor”, somente (2,9%) responderam “nem pior nem melhor”, como mostra a tabela 5. Os resultados mostram supremacia na categoria “conhecimento” tanto para a linguagem oral quanto para a compreensão de mundo. Entende-se favorável, considerando os índices de afirmações positivas nas respostas.

Tabela 5

Classificação das categorias sobre a frequência à UMA quanto à linguagem oral, relação com familiares e compreensão do mundo através da oralidade

Categorias	Frequência			
	Sim	%	Não	%
Linguagem oral	30	85,7	5	14,3
Comunicação	19	54,3	0	0
Conhecimento	5	14,3	0	0
Oralidade	3	8,6	0	0
Interação social	3	8,6	0	0
		100,0		
Compreensão de mundo	33	94,3	2	5,7
Conhecimento	13	37,1	0	0
Convivência	8	22,9	0	0
Informação	7	20,0	0	0
Leitura e escrita	5	14,3	0	0
		100,0		

Nota Fonte: dados da pesquisa (2022).

De acordo com a análise de dados relativos à linguagem oral os resultados evidenciaram maior frequência de mudanças relativas à categoria “Comunicação”, (54,3%). Como exemplo, consideram-se as afirmações das alunas que relatam que depois da sua participação na UMA, tornaram-se mais comunicativas e que agora gostam de conversar, porque antes não gostavam. Afirmaram ainda, que eram muito caladas, tímidas, mas hoje conseguem se comunicar em uma sala de aula, e até opinarem a respeito de alguns assuntos (A2 - 67 anos; A10-80 anos).

Relativamente a categoria “Mais conhecimento” verifica-se que os alunos apresentam convicções acerca da percepção que se associam ao cargo do/se conhecer no envelhecer, atrelado às relações pessoais com estímulo a uma boa comunicação,

evidenciado na expressão “Melhorou mais o conhecimento e conhecer novas pessoas, o que me faz expressar melhor” (A5 - 69 anos).

Concernente à categoria “Oralidade” os inquiridos enunciaram ideias que revelam perceber uma melhora frequente na UMA e em outros contextos, como o familiar e com outros segmentos. Abalizada nas falas das alunas que por serem tímidas ficaram mais desinibidas e passaram a participar mais das festividades familiares. Além da timidez e a vergonha de falar em público, hoje conseguem falar bem melhor (A16 - 71 anos; A20 - 71 anos).

Em relação à categoria “Interação”, as afirmações dos alunos que seguidamente se apresentam, permitem evidenciar o tipo de atividades realizadas com os seus colegas em sala de aula. A3 (53 anos) confessa que mudou muito com a interação e participação em debates nas aulas. A17 (70 anos) argumenta que aprendeu muito na idade, que passou a ter autonomia e até elevou a autoestima, e reforça que os eventos da UMA, trazem alegria e animação aos acadêmicos, por terem uma boa interação. Percebe-se que o conhecimento promove a comunicação, e esta acentua a oralidade que fortalece a interação.

Pertencente à percepção de uma compreensão de mundo por meio da oralidade (parte oral ou uso falado de uma língua), antes e depois da frequência da UMA, foi visto que a maioria dos alunos responderam que sim (94,3%). Em resposta ao “Porquê” da percepção, foram organizadas as seguintes categorias: Conhecimento, Convivência, Informação, Leitura e escrita, ambas exibidas na tabela 5.

A respeito da categoria Conhecimento, relacionada à compreensão de mundo, dos alunos que frequentam a UMA, as afirmações apresentadas seguidamente permitem evidenciar resultados expressivos direcionados à autonomia política, declarados pelos alunos como: Conhecer palavras novas, passar a interessar por assuntos políticos e sociais, entender melhor sobre políticas públicas, como buscar os direitos e envelhecer com qualidade de vida, conhecimento sobre as leis de trânsito e ter mais autonomia, pois acreditam que através das Disciplinas ministradas na UMA adquirem conhecimento melhor de mundo (A9- 64 anos; A10- 80 anos; A27-68 anos).

A aluna A28 (76 anos) enfatiza que fora da UMA tudo é diferente, mas que quando a pessoa participa do curso passa a entender e se evolui no mundo. A A35 (80 anos) concorda dizendo que no decorrer do curso teve conhecimento de assuntos que não conhecia, o que para ela é evolução, além de afirmar que o seu maior conhecimento foi conhecer a UMA e ser uma aluna.

Na categoria Convivência, encontrou-se expressões de sentimentos de caráter significativos ao considerarem a convivência com os colegas um fator preponderante para trocas de experiências, junto ao grupo que pertencem. Declarou a A26 (65 anos), que a convivência nas aulas com as pessoas, e entendimento sobre acontecimentos faz tudo valer a pena. A12 (80 anos) e A6 (59 anos) relataram que aprenderam muitas coisas na convivência no curso e que renovaram os conhecimentos através dos professores e colegas.

Na direção da categoria Informação, percebemos concepções associadas mais à função de entretenimento, com o suporte das atividades lúdicas e interativas verbalizados nos enunciados das alunas, que entendem estarem mais informada, melhor para questionar qualquer dúvida que lhes apresentarem. Porque os alunos na UMA estão sempre aprendendo algo novo que leva para a realidade do seu dia a dia e têm os melhores conhecimentos de vida, e a interação com os colegas os deixa mais informados (A3 - 53 anos; A16 - 71 anos; A22 - 75 anos).

Leitura e escrita é uma categoria em que a maioria dos respondentes apresentaram um índice de incidência relativamente atraente, visto na afirmação dos alunos: A8 (64 anos) afirmou que depois da sua participação na UMA teve uma melhor compreensão da leitura e escrita. A30 (59 anos), começou a perceber e/ou selecionar vocabulários compatíveis com a temática das aulas e falar bem em pouco tempo. A16 (71 anos) depois de participar no curso passou a ler algumas coisas e escrever versos ligados a UMA.

Diante da categorização e exposição dos resultados podemos conhecer a percepção dos alunos referenciada pela linguagem, na relação com os familiares e compreensão do mundo por meio da oralidade e da leitura, antes e após a frequência na Universidade da Maturidade.

Objetivo 3: Conhecer a avaliação dos alunos quanto à satisfação com a frequência da UMA

Com o objetivo de mensurar o nível de satisfação dos alunos pela participação na UMA, tendo como parâmetro os índices de avaliação: insatisfeito, nem satisfeito nem insatisfeito, satisfeito e muito satisfeito, os resultados apurados foram na maioria para muito satisfeito, ($N=21$, o que representa 60,0%), satisfeito ($N=8$, o que representa 22,9%), nem satisfeito nem insatisfeito ($N=5$, o que representa 14,3%) e ($N=1$, representando 2,9%) os insatisfeitos.

Quanto se a Universidade da Maturidade está preparada para receber os adultos e velhos com base na perspectiva do envelhecimento ativo, dos 35 participantes ($N=17$, o que corresponde a 48,6%) responderam que concordam parcialmente ou concordam totalmente, ambas com a mesma porcentagem nas respostas, enquanto apenas 1 participante ($N=1$, 2,9%) respondeu não concordar totalmente.

A partir dos resultados apresentados, podemos considerar na avaliação dos alunos, um grau de satisfação para muito satisfeitos, portanto, com efeitos positivos para a participação na UMA. Por outro lado, a satisfação pode estar relacionada às concordâncias dos alunos a respeito da preparação da UMA para receber os participantes na perspectiva do envelhecimento ativo, quando a maioria daqueles, revelou, concordarem parcial ou totalmente.

Objetivo 4: Saber a avaliação que os alunos fazem sobre a preparação e conhecimento especializado da equipa de gestão da UMA.

Na visão de que se a equipe de gestão da Universidade da Maturidade apresenta preparação e conhecimento especializado para o trabalho e atendimento satisfatório aos participantes, a maioria respondeu que sim ($N=28$, o que corresponde a 80,0%), enquanto ($N=7$, 20,0%, responderam que não). A descrição das respostas sumariamente, se mostram no Quadro 6, onde podemos observar que os resultados mostram que existe

um certo nível de conhecimento e qualificação por parte da equipe gestora, mas que por alguns motivos, ainda existe os que precisam de capacitação profissional para trabalhar com um bom atendimento aos idosos.

Quadro 6

A equipe de gestão da Universidade da Maturidade apresenta preparação e conhecimento especializado para o trabalho e atendimento?

Porquê	Porquê
Sim	Não
Porque faz da vida da gente uma diversão	Sinto a falta de equilíbrio no atendimento
Porque eles ensinam muitas coisas boas	Precisa melhorar para a satisfação
A equipe tem conhecimento	Pouco perceptível pelo meu tempo lá
São preparados para atender os idosos	Com a pandemia a equipe se desmontou
São professores qualificados	Várias mudanças, mas espero melhorar
São pessoas capacitadas	Alguns sem habilidade com os alunos
O atendimento foi positivo para os alunos	Nem todos foram eficientes
Pelo o nível de conhecimento e prática	
Pela eficiência no conhecimento	
Equipe procura repassar as atualidades	

Nota. Fonte: dados da pesquisa (2022).

Objetivo 5: Conhecer a importância da frequência da UMA representa para a vida dos participantes.

As respostas indicam a fusão das representatividades da UMA na vida dos participantes, tanto nos aspectos físicos quanto nos de cunho emocional, provendo evolução para sentimentos favoráveis ao bem-estar físico, pessoal e coletivo, como o amor, a alegria, a segurança, dentre outros em exposição no quadro 7.

Quadro 7

O que a Universidade da Maturidade representa para você?

Respostas
Amor
Qualidade de vida
Lugar onde a gente aprende e se diverte
Grande oportunidade para novos conhecimentos
Vida, acolhimento, aconchego e saúde
Novas amizades
Muitas coisas boas
Melhora de vida em tudo
Núcleo de transformação,
Ser feliz
Renovação interior/evolução de vida
Valorização do ser humano
Representa tudo de bom
Só alegria!
Saber viver, satisfação
Carinho e segurança aos velhos fragilizados
Muito na minha vida
A hora que estou lá esqueço do mundo lá fora
Agradecimento por tudo que fizeram por mim
Uma lição de vida para o meu envelhecimento
Reconstruir conceitos e definições de aprendizagem
Um espaço de encontros

Nota. Fonte: dados da pesquisa (2022).

Objetivo 6: Constatar quais as atividades preferidas dos alunos que compõem a grade curricular.

Na configuração das atividades desenvolvidas na UMA, como componentes da grade curricular, classificadas como “atividades internas” e “atividades externas”, constatamos que as mais destacadas no rol de preferências dos alunos foram: internas - aulas de educação para a morte e luto ($N=15$), externas - passeios ($N=23$) e as com menores destaques foram: internas - Neuropsicopedagogia, e Matemática Financeira ($N=4$) e externas - Blitz do Trânsito (DETRAN) ($N=4$). As demais atividades estão categorizadas no Quadro 8. As respostas elucidam a frequência das atividades realizadas durante o período letivo da UMA, com base nas preferências apresentadas pelos alunos.

Quadro 8*Categorização das atividades internas e externas de preferência na UMA*

Atividades internas	N	Atividades externas	N
Aulas de educação para a morte e luto	15	Passeios	23
Aulas expositivas e interativas	11	Viagens	17
Aulas sobre Direito do idoso e Políticas Públicas	10	Eventos cívicos, comemorativos, jantares, UMAFolia, congressos científicos	17
Atividades físicas, música, dança	9	Tertúlia	12
Aula de Trânsito	7	Sessões Legislativas	11
Aulas de Gerontologia e Andragogia	5	Culinária Afetiva	10
Neuropsicopedagogia e Matemática Financeira	4	Blitz do Trânsito – DETRAN	4

Nota. Fonte: dados da pesquisa (2022).

Diante dos fatos e da trilha mental que os alunos percorreram para responder a essa questão, juntaram fatos aos fatores que atenderam seus anseios e realizações de sonhos adormecidos. Analisando suas respostas comparadas às suas histórias de vida, antes e após a frequência na UMA, mostra e se faz necessário que o poder público invista em programas que atendam às reais necessidades biopsicossociais das pessoas maduras e idosas, ofertando a elas o direito de viver uma velhice com qualidade de vida.

Mediante as categorias expostas no Quadro 8, é valioso destacar que embora as aulas de Educação para a morte e luto apresentam o maior índice na preferência dos alunos, o tema não teve essa aceitação no início, pois alguns alunos, quando na introdução da Disciplina na grade curricular da UMA, ainda temiam falar sobre o assunto ou questionaram se era porque já estavam no fim da linha.

As respostas às preferências sobre as atividades externas, mostra o destaque para os “passeios” que revelaram a maior intenção nas preferências; os eventos cívicos, comemorativos; jantares, UMAFolia, congressos científicos e as viagens, que de certa forma se coadunam aos anteriores. Dentre estas podemos destacar a “Tertúlia” - uma

atividade cultural e educativa que vem sendo desenvolvida desde 2015, com o objetivo de reunir os egressos e amigos dos acadêmicos da UMA e, para além de um encontro familiar, pensar temas que beneficiem a integração dos participantes junto à questão do envelhecer.

Para responder ao objetivo 7 extraímos respostas do Questionário “EU e UMA”, como exibiremos a seguir.

Objetivo 7: Verificar se existe relação entre as variáveis escolaridade, anos frequência da UMA e percepção das capacidades linguísticas (percepção de melhoria da oralidade, melhoria na leitura dos textos, compreensão leitora e compreensão do mundo através da oralidade);

Diante dos resultados apresentados, podemos observar que há uma correlação positiva significativa entre a frequência da UMA e percepção de melhoria das capacidades linguísticas, ou seja, quanto mais tempo frequentam a UMA melhor a oralidade ($r = 0,375$; $p = 0,027$); melhor a leitura de textos ($r = 0,438$; $p = 0,009$) e melhor compreensão do mundo através da oralidade ($r = 0,389$; $p = 0,021$). Não foram encontradas correlações com a compreensão leitora e a frequência da UMA nem com a escolaridade e as capacidades linguísticas.

Para responder ao objetivo 8 apresentaremos a seguir as respostas extraídas através do teste cloze.

Objetivo 8: Avaliar a compreensão leitora atual e a percepção sobre a mesma antes e depois da frequência na UMA

A aplicação do teste Cloze foi, portanto, responder ao objetivo que é avaliar a compreensão leitora atual dos acadêmicos, e a sua percepção sobre a mesma antes e depois da frequência na UMA,

Os resultados apontaram que a compreensão leitora dos participantes desta amostra pode ser considerada, na percepção de Bormuth (1968) no nível independente, porquanto 61,8 % atingiram escores superior a 57% de acertos do total do texto, percentual correspondente a um nível de independência do leitor. Segue o nível instrucional, 17,6 % dos participantes que demonstraram abstração apenas o suficiente para compreender algumas ideias no texto, necessitando, portanto, de auxílio externo para que haja a compreensão integral. 20,6% dos participantes se incluem no nível de frustração, demonstrando pouca compreensão do texto. A tabela 6 mostra os resultados do teste cloze, por classificação de valores e níveis de pontuação.

Tabela 6

Resultados do Teste Cloze segundo o critério literal

Níveis	Pontuação (%)	N	%
Frustração	0-6 (até 44%)	7	20,6
Instrucional	7 e 8 (45 % a 57%)	6	17,6
Independente	9-14 (superior a 57%)	21	61,8
Total		34	100,0

Nota. Fonte: dados da pesquisa (2022).

Na questão apresentada sobre a avaliação da leitura de textos, jornais, revistas, livros, após a frequência na UMA, verificamos que dentre as opções de respostas (pior, nem pior nem melhor, melhor e muito melhor), os resultados foram para nem melhor nem pior ($N=9$ que corresponde a 25,7%), e muito melhor ($N=4$, correspondendo a 11,4%), sendo que “melhor” ($N=22$ que corresponde a 62,9%) mostrou maior favorabilidade ao grau de relevância para a mudança na compreensão leitora.

A respeito do que ler com mais frequência, muitos responderam (45,72) Bíblia e livros, (40%) revistas, (8,57%) jornais, (5,71%) palavras cruzadas e documentários. Quanto à percepção sobre mudanças na compreensão leitora antes e depois da frequência na UMA, ou seja, se entende melhor o texto escrito e consegue lembrar-se do que leu com mais facilidade, (71,4%) responderam sim e (28,6%) responderam não. As respostas foram categorizadas em não especificado: Memoriza melhor o que lê (28,6%);

especificado: Bíblia (20,0%), livros (17,14%), revistas (8,58%), e (25,58%) não responderam.

Objetivo 9: Compreender a relação entre os resultados do teste cloze e a escolaridade, profissão, sexo, estado civil e idade.

Ao realizar o teste de correlação de variáveis dos resultados do teste Cloze com as variáveis escolaridade, sexo, profissão, estado civil e idade, verificamos que há uma correlação negativa fraca para a idade ($r = -0,359^*$; $p = ,037$). Ou seja, quanto menor a idade, maior o nível de compreensão leitora. Não apresentou correlação com as demais variáveis sociodemográficas, a saber: escolaridade, sexo, profissão e estado civil.

Objetivo 10: Saber se existe relação entre gostar de ler e a escolaridade, o sexo, a profissão, o estado civil, a idade e os anos de frequência na UMA.

Ao verificar se existe relação entre o gostar de ler e as variáveis escolaridade, sexo, profissão, estado civil, idade e anos de frequência na UMA, observamos que há uma correlação positiva moderada entre o gostar de ler o tempo de frequência na UMA, ou seja, quanto mais tempo frequentam a UMA, mais eles passam a gostar de ler ($r = 0,503^*$; $p = ,002$). Não foram encontradas correlações com a escolaridade, sexo, nem com a profissão e a idade.

Para responder ao objetivo 11 utilizamos o Questionário Whoqol-Bref e os resultados estão expostos a seguir.

Objetivo 11: Avaliar a qualidade de vida dos alunos após o ingresso na UMA

As respostas estão relacionadas com os resultados da análise dos dados demonstrados na tabela 7, e mostraram que nos domínios psicológico, físico, relações

sociais e meio ambiente, 8,6% dos participantes possuem um nível de qualidade de vida que precisa melhorar. Porém 80% dos participantes revelaram que se sentem bem com o nível de qualidade de vida que estão incluídos e concordaram como regular. Um índice de 8,6% indica que o nível de qualidade de vida é atribuído como boa. Somente 2,9% dos respondentes admitiram ter uma qualidade de vida muito boa. Resultados apresentam-se com maior porcentagem no nível de regularidade na avaliação da qualidade de vidas dos alunos da amostra, e inferioridade no nível muito boa QV.

Tabela 7

Caracterização da qualidade de vida e respectivos valores em atenção ao sexo e idade

Níveis Valores	Idade						Total		%	
	48-58		59-68		69-80		F	M		
Sexo	F	M	F	M	F	M	F	M		
Indica necessidade de melhorar	1 até 2,9	1	0	1	1	0	0	2	1	8,6
Apontam regularidade	3,0 a 3,9	5	0	11	1	7	4	23	5	80,0
Significam boa	4,0 a 4,9	1	0	1	0	1	0	3	0	8,6
Muito boa QV	5,0	0	0	1	0	0	0	1	0	2,9
Total		7	0	14	2	8	4	29	6	100,0

Nota. Fonte: dados da pesquisa (2022).

Na Tabela 8 observa-se que o maior percentual referente aos escores dos domínios da QV, se deu no domínio Psicológico que apresentou ($M=15,28$, $DP= 2.42$) e a menor foi no domínio Meio Ambiente que mostram resultados entre ($M=13,46$, $DP= 1.90$), com a prevalência no domínio Autoavaliação da QV- Qualidade de vida e saúde geral, que apresentou uma média mais elevada ($M=16,00$. $DP=1.81$).

Tabela 8

Classificação dos domínios da Qualidade de Vida

Domínios	M	DP	Coefficiente de Variação	Valor Mínimo	Valor Máximo	Amplitude
Físico	14,16	2,18	15,42	9,71	18,86	9,14
Psicológico	15,28	2,42	15,85	7,33	19,33	12,00
Relações Sociais	14,74	3,13	21,26	5,33	20,00	14,67
Meio Ambiente	13,46	1,90	14,12	10,00	19,00	9,00
Autoavaliação da QV	16,00	1,81	11,34	12,00	20,00	8,00
Total	14,41	1,71	11,84	9,85	18,31	8,46

Nota M (média); DP (desvio padrão) Fonte: dados da pesquisa (2022).

Nas questões que dizem respeito à qualidade de vida geral, a média apresentada pelos alunos foi elevada ($M=4.17$, $DP=0.57$), indica que os respondentes possuem uma boa qualidade de vida que varia entre 3,6 e 4,74. Sendo a menor média $M=3.83$ e o $DP=0.66$. Os resultados apontam regularidade em relação à saúde, e considera que a situação dos alunos é boa, pois varia entre regular e boa.

O domínio físico é formado por questões sobre dor física, tratamento, energia, mobilidade, sono, atividades diárias e capacidade de trabalho. De forma geral, foi observada uma regularidade entre os alunos nas médias com relação à capacidade de trabalho, no desempenho de suas atividades diárias, na mobilidade, na energia e na fadiga. Apresentaram diferenças maiores as questões relativas a dor e desconforto, porém, com oscilações nas respostas. A questão sobre necessidade de tratamentos médicos para desempenho da vida diária apresentou pouca diferença apontando baixo grau de heterogeneidade nas respostas. A pontuação total do domínio físico foi de ($63,47\% \pm 8,32$), indicando que neste domínio os alunos pesquisados na UMA apresentam uma boa qualidade de vida.

O domínio psicológico é composto por questões como aproveitar a vida, sentido da vida, concentração, aparência física, autossatisfação (autoestima) e sentimentos negativos (31,43%). Na autossatisfação (autoestima), (76,43%) na aparência física (78,57%) respectivamente, indicando de maneira geral bons resultados, assim como aproveitar a vida (71,43%), e sentido da vida (64,29%). Um pouco mais baixa a capacidade de se concentrar (58,57%), embora considerada regular. A pontuação total do domínio psicológico é de ($70,48\% \pm 8,59$). Neste domínio, portanto o resultado mais elevado encontra-se na aparência física e o menor está relacionado aos sentimentos negativos

O domínio das relações sociais engloba as questões sobre relações pessoais, vida sexual e apoio que recebe dos amigos. As relações pessoais obtiveram uma boa média (74,29%), e o suporte e apoio dos amigos obteve média de (67,14%) respectivamente. Vida sexual apresentou uma média de (60,00%). A pontuação total do domínio ($67,14 \pm 10,66$).

O domínio meio ambiente é formado por questões sobre segurança na vida diária, ambiente saudável, recursos financeiros, informações disponíveis, atividade de lazer, moradia, acesso a serviços de saúde e meios de transporte. Com relação à segurança, a média foi de (70,71%,) quanto ao ambiente saudável foi de (65,00%), para a moradia a média foi de (65,00%,) o acesso a serviços de saúde apresenta a média de (57,14%), para os meios de transporte foi de (74,29%), para as informações disponíveis a média foi de (54,29%), sendo que a média para os recursos financeiros foi de (42,14%), assim como a atividade de lazer (33,57%) apresentaram as médias mais baixas de todo o questionário. Enquanto a média mais alta está na segurança. A pontuação total do domínio meio ambiente, $(59,11 \pm 11,57)$.

No que tange a análise das facetas do instrumento Whoqol-Bref, escore médio maior na faceta imagem corporal e aparência (78,57%), e escore menor para a recreação e lazer (33,57%). Sendo este justificado pelo cenário pandêmico vivenciado pela humanidade, pois a maioria, citou o fortalecimento do isolamento social e ausência de lazer, contemplados por decretos com orientações sanitárias, no período.

Em relação a faceta atividade sexual, esta desvelou resultados regular e satisfatório (60%). Nota-se que os respondentes conseguem lidar bem com a ausência da atividade em pauta, a considerar a situação de casados ($N=18$, 51,4%), viúvos ($N=11$, 31,4%), estados civis predominantes no grupo estudado. Importa ressaltar que as respostas de reação negativa ou insatisfatória foram oriundas de sujeitos casados e/ou convivem com companheiro (a). Depreende-se, portanto que nessa faceta a viuvez e a idade mostram ser fatores de proteção que influenciam positivamente na QV.

Para tanto, os resultados obtidos nesse estudo evidenciam fatores expressivos da QV dos acadêmicos da Universidade da Maturidade, quanto aos aspectos físicos, psicológicos, relações sociais e meio ambiente, no período da pesquisa. No entanto, esses resultados merecem uma interpretação cautelosa considerando as particularidades de cada participante no momento específico da investigação, além da peculiar limitação alusiva às próprias características do instrumento Whoqol-Bref utilizado, que sendo este de autorrelato, é plausível a tendências de resposta.

Complementa-se que a agremiação dos respondentes apresentou melhor qualidade de vida nos domínios Psicológico e Relações Sociais, e nas facetas, imagem

corporal, aparência, autoestima, mobilidade e relações pessoais. Sendo reportados pelos respondentes um alto nível de satisfação com sua saúde e a QV de vida geral, e a percepção inferior foi no domínio Meio ambiente, faceta, recreação e lazer.

Ao mensurar a capacidade de avaliação da qualidade de vida antes e após o ingresso na UMA, com base no Questionário “Eu e UMA”, nas opções de respostas (pior, nem pior nem melhor, melhor e muito melhor) os resultados foram considerados significativos, pois a maioria dos participantes responderam “melhor” ($N=22$, o que corresponde a 62,9%), muito melhor ($N=9$, o que corresponde a 25,7%), nem pior nem melhor ($N=4$, 11,4%). Portanto não havendo relato de piora. Assim, em congruência com as respostas a respeito da melhoria da qualidade de vida, após o ingresso na UMA, pode-se extrair o “porquê” formatado nas categorias no quadro 9 com respectivos valores.

As respostas dos alunos apresentadas no quadro 9, estão categorizadas de acordo com os valores, sociais, cognitivos, fisiológicos e diversos, orientados por Bardin (2016) de modo que há clareza na concepção de positividade a respeito da qualidade de vida dos respondentes antes e após a frequência na UMA. Pôde-se considerar boa a participação das pessoas adultas e velhas na Universidade da Maturidade, com base nas avaliações dos próprios alunos, ao declararem mudanças na linguagem e na compreensão leitora, de forma que por meio da aprendizagem adquirida na UMA, adicionada aos conhecimentos prévios, foram influenciadas positivamente as habilidades linguísticas como a oralidade e a compreensão do mundo e cognitiva, como a memória e, logo, uma melhor qualidade de vida.

Os resultados indicam uma abrangência de melhoria na qualidade de vida dos alunos, distribuídas por valores que perpassam por diversas habilidades, tanto cognitivas quanto linguísticas. Do total da amostra, somente 2 declararam não terem percebido mudanças na QV.

Quadro 9

Caracterização das categorias sobre a avaliação da qualidade de vida antes e após o ingresso na UMA

Valores			
Sociais	Cognitivo	Fisiológicas	Diversos
Categorias			
Interação social	Conhecimento	Como ter uma velhice ativa	Alegria de viver
Amizades	Aprendizagem	Mais determinada (Segurança)	Tranquilidade
Convívio social		Sinto mais saúde	Sentido à vida
		Livre do sedentarismo	Autoestima
			Aceita a idade

Nota. Fonte: dados da pesquisa (2022).

Segue a discussão de resultados apresentados nessa seção.

3.5 Discussão de resultados

A discussão de resultados apresentada na seção a seguir, tem o escopo de situar as percepções e expectativas em relação ao tema da pesquisa, com menção ao proposto nos objetivos específicos, dirigindo os esforços para garantir a objetividade das informações obtidas, a considerar alguns aspectos permitidos pelos resultados, de modo a conduzir as considerações finais. Os resultados vão ser discutidos objetivo a objetivo para uma melhor compreensão.

Assim, passamos a discutir o objetivo 1 - Entender as expectativas dos alunos para a matrícula na UMA.

Para entender as expectativas dos alunos para a matrícula na UMA podemos considerar que diante das categorias apresentadas e ao contextualizar o ser humano como produto de uma experiência de vida compartilhada com os familiares, percebemos nas respostas dos acadêmicos participantes da pesquisa que seus anseios estão voltados para mudanças da maneira de viver.

A maioria revela ter anulado a sua própria identidade, se ausentado da vida social e ter ficado em casa cuidando dos netos, apoiando familiares, dentre outras

atividades que não lhes concediam nenhuma realização pessoal. Corrobora Mendes (2012) quando diz que a consciência e a mídia ajudam a divulgar a importância de se viver uma nova vida com hábitos mais saudáveis do que os vividos anteriormente. Acrescenta que esse público além de almejar aprender a viver de forma diferente, deseja realizar coisas diferentes que ele nunca teve a oportunidade de fazer.

É certo que, independentemente da situação em que é utilizada, a Carta de Intenções assume especial importância se analisado o seu conteúdo e sua representatividade numa operação de fusão ou aquisição em vias de concretude entre as partes envolvidas, e importa ressaltar que o crescimento da UMA tem exigido cada vez mais dos educadores atenção nas formulações de propostas (e documentos correlatos), a exemplo o Projeto Político Pedagógico da UMA, pois como percebido, os acadêmicos que procuram um assento na Universidade da Maturidade, buscam preencher os espaços passivos e ocultos, ainda muito presentes na sociedade em relação aos cidadãos que envelhecem.

Ainda concernente às expectativas dos acadêmicos da UMA cada intenção elucidada marca a personalidade nas respostas, o que representa uma relevância e veracidade das intenções dos alunos para o ingresso na UMA. Os resultados mostraram a busca pela integração social com pessoas de faixas etárias semelhantes, para partilhamento de conhecimentos e o viver de novas experiências na adultez e na velhice. De acordo com Bakhtin (2011) a expressividade da língua se constrói no momento de interação e é exatamente isso que se percebe na transcrição das intencionalidades dos acadêmicos.

Pode-se ancorar em Bakhtin (2017) que escreve sobre a linguagem própria e imprime ao artigo a ideologia de sua atividade docente, ou seja, os alunos serão mais capazes de atuar como cidadãos ativos na sociedade pelas expressões de ajuda oferecidas pela escola. Como já visto no percurso desse trabalho, o discurso bakhtiniano apresenta caminhos para um estudo da linguagem como atividade sociointeracional.

Afere-se que um procedimento indispensável na prática de trabalho com pessoas adultas e velhas em sala de aula é conhecê-los um pouco em termos de suas vivências, seu ambiente familiar, as suas expectativas em relação ao curso, os seus interesses e gostos. É uma trilha a uma diagnose exata para proposições de condições adequadas

para a fala e para a produção de atividades, na modalidade que conduz o aluno a se expressar sobre o seu mundo vivido.

Segue a discussão de resultados apresentados na seção do objetivo 2 Conhecer a percepção dos alunos quanto à linguagem, relação com familiares e compreensão do mundo através da oralidade e da leitura, antes e depois da frequência da mesma.

Concernente à elaboração do inquérito por Questionário “EU e UMA” e a sua aplicação para obtenção dessa resposta, percebemos nas exposições dos respondentes que ocorreram mudanças significativas na evolução da linguagem, bem como na oralidade para a compreensão de mundo. Ao analisarmos no sentido das representações simbólicas das palavras ou expressões dentro de um contexto de interação social, e convivência com grupos diferentes, que não apenas o familiar, despertou interesse daqueles para a participação na UMA.

Todavia, o instrumento poderá acarretar alguns riscos quanto ao preenchimento e respostas. Devido à diversidade de níveis educacionais e culturais, podem ter ocorrido algumas dificuldades no acesso/compreensão dos materiais, contudo, a apresentação e o procedimento para o preenchimento dos instrumentos do estudo foram bem receptíveis pelos alunos e, portanto, considerados satisfatórios.

Destacamos ainda que a análise dos dados recolhidos foi embasada na técnica de pesquisa definida e apontada por Bardin (2011, 2016) como técnicas de interpretação de dados em pesquisa qualitativa, e ainda com estima às categorias sexo, idade e o profissão e escolaridade, abalizada na compreensão dos argumentos do questionário.

Os participantes responderam ao questionário com base nos seus anseios, percepções e expectativas relacionadas às atividades internas e externas vivenciadas no decorrer das suas participações na UMA, dentre elas a realização de ações socioeducacionais, culturais e políticas, com o olhar subjetivo e coletivo para a ampliação do conhecimento de si e do outro por meio da interação entre os adultos e velhos, e a egressão da invisibilidade, bem como a busca pelos direitos e participação nos eventos relacionados ao envelhecimento humano digno e ativo.

Os resultados também se juntam a Bakhtin (2011), na referência de que a linguagem se constitui de acordo com tudo que está em interação e interpenetrado.

Logo, os participantes dos diálogos tecidos nas conversações cotidianas entre os participantes da Universidade da Maturidade, evidenciaram significativamente uma percepção de linguagem, na relação com seus familiares e que a troca de experiências por meio da oralidade despontou para uma melhor compreensão do mundo, e é nesse sentido, que percebemos a relevância de projetos, programas ou cursos geradores de conhecimentos para as pessoas com mais idade.

De forma geral, a elaboração do instrumento cumpriu com o objetivo proposto para este estudo, comungando com um dos três objetivos apresentados por Marconi e Lakatos (2011) ao apontar que o questionário como um instrumento de coleta traduz a informação desejada em um conjunto de questões que o respondente tenha condições de responder.

Segue a discussão de resultados apresentados na seção do objetivo 3

Conhecer a avaliação dos alunos quanto à satisfação com a frequência da UMA.

Frente aos resultados apresentados a respeito do nível de satisfação dos alunos da UMA, as discussões depreendidas por meio do parâmetro de satisfatoriedade pela participação no curso, reitera que as ações focadas no processo de envelhecer saudável, mostram-se relevantes, e corroborando com Neri (2000) ao situar que as condições físicas do ambiente e as oferecidas pela sociedade, seja pela educação formal ou informal, assim como a satisfação, dentre outros fatores como as relações de amizade, o estilo de vida, status sociais, geram envolvimento e senso de realização à motivação e à avaliação geral da velhice e da capacidade social e cognitiva num dado momento histórico do cotidiano do idoso (Almeida et al., 2006). Visto na repercussão da satisfação positiva dos respondentes, durante a frequência no curso.

A notoriedade da satisfação dos alunos está na apuração do percentual de muito satisfeito, e se apoia no Estatuto do Idoso, a Lei 10.741/2003, que preconiza sobre as iniciativas educacionais para as pessoas idosas (Brasil, 2021). Em suma, os respondentes avaliaram a participação na UMA como relevante para convivência entre o grupo, em decorrência das ações proporcionadas com abordagem do envelhecimento ativo e das orientações transmitidas em prol do fortalecimento da autonomia, da integração e socialização dos participantes do curso.

Na avaliação dos respondentes, a UMA como curso de extensão universitária, oportuniza aos participantes, uma nova trajetória de vida, com direção para a mudança social, por meio do conhecimento científico proporcionado pela instituição de ensino, coligado ao conhecimento e experiências acumulados no transcorrer dos anos.

Segue a discussão de resultados apresentados na seção do objetivo 4: Saber a avaliação que os alunos fazem sobre a preparação e conhecimento especializado da equipe de gestão da UMA.

Na avaliação feita pelos alunos a respeito da preparação e conhecimento especializado da equipe de gestão da UMA, podemos observar que diante dos (80.0%), de resposta positivas, é, portanto, revelada a existência de habilidades dos gestores na área do envelhecimento, e ainda com a exposição de alguns a respeito de profissionais que, ainda precisam de suporte à metodologia para o trato ao segmento, as expectativas em relação à busca pelo conhecimento sobre o envelhecimento humano foram consideradas satisfatórias.

Com referência ao compromisso da gestão com a qualidade nos temas abordados, mostra preparação e conhecimento da maioria dos professores que ministram as disciplinas, firma-se no argumento de Brasil (2021) que garante ao idoso, no art. 21, o acesso à educação e adequação de currículos aos programas de educação destinado a essa população. Nesse contexto os resultados também se mostram positivos.

Em relação a avaliação dos alunos a respeito da Universidade da Maturidade e sua preparação para receber os adultos e velhos, dentro da perspectiva de uma educação gerontológica, ao analisar a totalidade dos que concordaram parcialmente ou totalmente com a solidez do conhecimento sobre o envelhecimento transmitido pela equipe gestora, podemos considerar, expressivas e abalizar nas possibilidades do acompanhamento e na constante busca de subsídios utilizados para melhor conduzir a sua ação pedagógica (UFT, 2020).

Assim, diante da paridade nas respostas avaliativas dos respondentes segue a voz de Osório (2006) que atribui à UMA a posição de um espaço aonde a convivência social e a difusão do conhecimento sobre o envelhecer são atributos sistemicamente

direcionados ao atendimento qualificado para os cidadãos inseridos no curso. Assim, diante das manifestações dos alunos, podemos considerar uma avaliação satisfatória, tanto na preparação para o atendimento quanto para o conhecimento especializado para a dinâmica do curso.

Ainda nessa análise de conteúdo verificamos nas vozes dos acadêmicos, que a UMA “recupera o tempo perdido”, pois as atividades desenvolvidas no curso focam na educação gerontológica e na aprendizagem ao longo da vida, atribuídas aos alunos por profissionais especializados para trabalhar com adultos e velhos, por meio de conteúdos que abarcam temas relacionados ao interesse daqueles que buscam conhecer e viver a maturidade e velhice com qualidade de vida (Sousa, et. al., 2021).

Assim, passamos para a discussão dos resultados do objetivo 5: Conhecer a importância da frequência da UMA representa para a vida dos participantes.

Centrados na relevância da frequência e na representatividade da Universidade da Maturidade para os alunos, podemos perceber que, para além da abordagem do conteúdo voltado para a educação gerontológica e ao longo da vida, há evidências quanto ao acompanhamento e o fornecimento de elementos promotores de realizações individuais e coletivas, com a capacidade de despertar o processo de aprendizagem na velhice. UFT (2020) enfatiza que uma das modalidades de atendimento no curso é arremessar ações para a formação gerontológica das pessoas a partir de 45 anos.

Os resultados mostraram que os alunos atribuem como elementos importantes e positivos para sua frequência na UMA, adquirir mais conhecimentos, manter-se atualizado, fazer novos amigos, além de exercitar a memória e viver uma velhice com qualidade de vida. Corrobora UFT (2020) ao citar que um dos seus compromissos é trabalhar com adultos e velhos, e poder contribuir para o desenvolvimento de pessoas com os seus valores e com suas transformações. Considera que apenas o que é compreendido pela experiência e apropriado pessoalmente poderá verdadeiramente ser conhecido, sobretudo, que os sujeitos envolvidos consigo mesmos e com o seu mundo possam ressignificar a sua vida.

É interessante observar que os respondentes dessa pesquisa falam do curso como uma experiência primorosa, com ressignificações de vida que ultrapassam o ambiente da sala de aula, com a descrição de curso ativo, com ações acessíveis ao idoso nos aspectos físicos e psicossociais, evoluindo para sentimento de elevação interior do participante, onde se veem reconstruindo conceitos e redesenhando para si, uma nova história. Agora solidificada pela lucidez emanada do conhecimento de si e do outro, por se considerar um lugar de encontros. Esse pensamento converge com Sousa (2013) ao atribuir a busca pela ampliação de espaços de participação dos velhos para a promoção de uma integração efetiva, com foco na ressignificação da vida e de um envelhecimento ativo, e com a Política Nacional do Idoso que constitui a integração social do idoso como um fator potencializador da manutenção da autonomia com favorecimento para o exercício da participação (Brasil, 1994).

Assim, em relação às percepções representativas da Universidade da Maturidade para os alunos e, perante o leque de classificações que sugerem um impacto positivo para a valorização do ser humano como o de inserir aprendizagens no currículo pessoal, para a desmistificação de alguns conceitos e definições da velhice, pode-se conferir, nesses aspectos, que não foram encontradas diferenças entre os enunciados apresentados. Sobretudo, na tomada de decisões dos adultos e velhos que se encontravam às margens da sociedade, sem funções sociais e a força do conhecimento para viver e escrever a sua própria história.

Quanto ao objetivo 6

Constatar quais as atividades preferidas dos alunos que compõem a grade curricular, os dados indicam que uma parcela expressiva dos participantes relacionou a educação para a morte como uma das atividades preferidas na UMA. Sobre esse assunto, o intento foi o de compartilhar conhecimento prático do ciclo natural de vida, visto entender que desmistificar o tema “morte” e trabalhar o luto como elementos da educação, é educar melhor para viver bem. De forma que, perceber a heterogeneidade da aceitação dos alunos, em relação à temática, culminou a um incentivo maior para levar ao debate os esclarecimentos de que Educação para a morte é educar para a vida, ou seja, viver a intensidade da vida e considerar a morte como ela é, o fim, e que enquanto essa finitude não chega, o que vale é o viver.

Corrobora Pessini (2007) ao comparar o tempo Cronos como o “tempo das batidas de um relógio”, como a marca implacável da finitude e temporalidade do ser humano no processo de envelhecimento do corpo. Pois acumular anos não se restringe apenas a uma sequência de momentos isolados, dos quais teríamos o poder de escolher e selecionar os mais importantes. O autor analisa o tempo cronológico como igual para todos, com uma percepção subjetiva de forma diferente para cada pessoa, mas, ainda, que subjugados a esse tempo, podem ser cultivadas atitudes distintas e exclusivas de cada um de nós. Nesse sentido, o tempo (kairós) é que precisa se fazer acontecer, por ser o tempo do amor, do encontro que plenifica o viver.

Visto a necessidade e a busca visivelmente presente nas intenções da maioria dos participantes da pesquisa, pelo conhecimento em diferentes assuntos e em especial no envelhecer com qualidade de vida, despertá-los ao modo de ver a “morte” e entender o sentido da vida, proporcionou a quebra de paradigmas e mudanças de conceitos a respeito do fenômeno e de como elaborar as perdas consideradas necessárias. Dando mais leveza ao tema por se perceberem como seres finitos. Moragas (2010) admite que a Gerontologia Social analisa a morte como um momento a mais da vida, e que não podemos negar a evidência daquela, pois ocorre num momento determinado e origina um sem-número de consequências biológicas, sociais, econômicas e legais.

Considerando os valores e preferências evidenciadas nas respostas pela maioria dos acadêmicos, a respeito da disciplina, a percepção é de que esta pode contribuir com o conhecimento necessário para uma melhor percepção da vida. O que não causa nenhum desfavor em relação às outras atividades citadas ou não nessa pesquisa, porque no total, se mostraram bem aceitas. Corresponde UFT (2020) ao prescrever que para os velhos a aprendizagem é construída e está associada à experiência de vida, e que o desenvolvimento da autoconfiança emana da valorização do vivido, do adquirido, com atribuições ao auxílio na busca de significados às novas aprendizagens.

De modo geral, as atividades classificadas como internas e externas, se mostram considerável, junto a possibilidade de estimular os alunos a vencerem suas resistências e obstáculos, desvelar a capacidade de superação do isolamento, aturados, no âmbito do trabalho/família e em sociedade, fato que inclui a tertúlia dialógica, apoiado pelo

diálogo no qual se compartilham experiências e conhecimento a respeito do envelhecimento digno e ativo.

No que concerne ao objetivo 7: Verificar se existe relação entre a escolaridade, anos frequência da UMA e percepção das capacidades linguísticas (percepção de melhoria da oralidade, melhoria na leitura dos textos, compreensão leitora e compreensão do mundo através da oralidade), os resultados direcionados a essa verificação, se comparam a dados localizados em pesquisas relacionadas ao envelhecimento, e mostraram nas comparações entre diferentes faixas etárias, que a idade teve uma representatividade nos aspectos de habilidades cognitivas e reconhecimento de memória. No estudo de Abrams et al. (2010) mostrou que os adultos de meia-idade e velhos eram menos precisos e mais lentos que os jovens adultos com um declínio consistente relacionado à idade na detecção de erros ortográficos.

O estudo realizado com 200 sujeitos normais, ambos os sexos e falantes do português, no formato observacional, prospectivo e longitudinal, registra que com o aumento da idade há uma redução no número de palavras geradas devido a uma lentidão no processamento da informação e redução da velocidade articulatória. Outro estudo aponta que os adultos jovens apresentaram melhor desempenho em relação às crianças e aos idosos (Grivol et al., 2011; Rodrigues et al., 2008).

Em congruência com resultados como o de Grivol et al. (2017), que identificou um desempenho cognitivo expressivamente pior em voluntários com menor escolaridade, afirmando que pouca educação no início da vida pode ser um fator de risco para o declínio cognitivo pertinente à idade, e propôs que a educação formal no início da vida seja incluída na agenda preventiva de saúde pública, porque a escolaridade pode influenciar muito mais que a própria idade. Ao descreverem suas dificuldades de compreensão e memorização atribuídos hipoteticamente à idade, os participantes do estudo encaram a escolaridade como um fator principal no declínio cognitivo.

Ao refletir sobre a função da memória na leitura e observar que existe uma relação positiva significativa entre a frequência da UMA, nos leva à compreensão de Stuart- Hamilton (2002, p. 107) quando garante que “sem a memória seria impossível

ler uma história e compreendê-la, simplesmente porque constantemente esqueceríamos a trama”.

Ainda em relação a aprendizagem verbal e escolaridade a influência destas, apresentou maior frequência nos adultos do que nos idosos. Já nas avaliações semântica e fonológica, o decréscimo ocorreu na produção de palavras com o aumento da idade e com a diminuição do nível de escolaridade. Ao comparar a influência entre os sexos, conferiu-se melhor desempenho dos homens na semântica, mas na prova fonológica não foram encontradas diferenças. Concluem, portanto, que a aprendizagem verbal ocorreu com maior frequência nos adultos do que nos idosos em ambas as provas, semântica e fonológica (Bento-Torres et al., 2017; Rodrigues et al., 2008).

Na referência de que a lentidão na celeridade de processamento da informação é a maior alteração nos idosos, podendo inclusive interferir em todas as funções cognitivas, há também um reforço ao pensamento de que está mais sujeito às possibilidades de convívio social e das oportunidades que o idoso teve na trajetória da sua vida, do que de um processo biológico de perdas progressivas (Moraes et al., 2010). Em testes de memória, em relação à idade, pessoas mais jovens apresentam melhores resultados se comparadas com pessoas mais velhas, visto que o envelhecimento, mesmo na ausência de doenças graves, induz gradualmente a um declínio de memória (Yassuda, 2006).

Os resultados obtidos nesta pesquisa, permitiram observar que as variáveis sexo, idade e escolaridade pouco interferem no perfil das capacidades linguísticas dos acadêmicos da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins, e é provável que as influências de outros fatores como as ações voltadas para a interação e reinserção social dos participantes no curso, tem sido capaz de aperfeiçoar a linguagem e conseqüentemente, a qualidade de vida dos alunos.

Por outro prisma, foi possível observar na apresentação dos resultados, uma relação positiva expressiva entre a frequência da UMA e percepção de melhoria das capacidades linguísticas. Certo é que, quanto mais tempo os alunos frequentam a UMA melhor a oralidade, a leitura de textos e melhor compreensão do mundo através da oralidade. Mas não foram apresentadas relações entre a compreensão leitora e a frequência da UMA nem entre a escolaridade e as capacidades linguísticas.

No entanto, constatamos uma relação moderada e expressiva entre a comunicação oral com os familiares e a profissão. Evidência de que a melhora na comunicação oral dos alunos entre os familiares, está associada a critérios da profissão.

Considera-se de grande importância a participação de pessoas idosas nas universidades, porque estas poderem consentir a percepção de melhores capacidades linguísticas com o envolvimento para uma melhor compreensão do mundo por meio da oralidade e um melhoramento na comunicação oral e na leitura de textos.

A análise, portanto, indica a presença de produtividade nas atividades comunicativas e integrativas junto aos alunos da UMA, mas para a produção da leitura e escrita, embora os relatos sejam positivos, no ato da pesquisa os alunos se mostraram aspirantes à precisão de atividades que recomende estimulação nesse sentido, capazes de contribuir para o melhoramento de suas funções linguísticas e de memória, prepará-los para possíveis vagas de trabalho, além da valiosa satisfação de conseguir se comunicar e interagir melhor na família e em sociedade.

Nesse aspecto, concordamos com Kleiman (2011) quando apresenta a leitura como uma atividade consciente, se oriunda de um leitor experiente. Parente et al. (2012) & Moraes et al. (2013) que indicam uma ligação da idade e da escolaridade com o desenvolvimento de hábitos de leitura e escrita na vida adulta, com extensões positivas ao desempenho em funções cognitivas do indivíduo.

A explicitude deve às práticas sociointerativas entre os participantes da UMA, do modo como o aluno amplia seu conhecimento do mundo, de si e do outro, que podem ser resultado de aspectos socioculturais adquiridos pelo indivíduo no cotidiano, mas que através da ativação dos conhecimentos sobre as formas de interação e da linguagem sejam, de acordo com Bakhtin (2011) sujeitos capazes de utilizar a língua de modos variados para produzir diferentes efeitos de sentidos adequando a diferentes situações interlocutoras e, logo, a compreensão de mundo.

Quanto ao objetivo 8: Avaliar a compreensão leitora atual e a percepção sobre a mesma antes e depois da frequência na UMA, consoante as evidências já mencionadas, pode-se aferir que compreensão textual inclui diversos processos cognitivos inter-relacionados ao reconhecimento e a extração do significado das palavras produzidas por

meio da leitura, bem como a capacidade de efetivar inferência, habilidades linguísticas gerais e de memória, agrupado ao reconhecimento de mundo, construtores de uma representação macroestrutural do texto e sua compreensão.

Dada a oportunidade de uma reflexão crítica a respeito dos resultados alcançados, em articulação com a literatura mobilizada para a adaptação conceptual da pesquisa, faz-se referência a determinadas limitações da investigação realizada. Ao considerar que a leitura e a escrita têm base na compreensão de atividades cognitivas que envolvem a percepção, memória, inferência, dedução e processamento estratégico (Parente et al., 2012; Moraes, et al., 2013).

Ao se tratar das análises dos resultados sobre avaliação da compreensão leitora dos alunos, e a percepção destes antes e depois da frequência da UMA, valeu-se dos dados extraídos do “Questionário eu e a UMA”, em que constatamos que a maioria dos alunos responderam sim. Esse resultado é congruente com a classificação da amostra no nível independente proposta por Bormuth (1968) quando utilizamos do teste cloze para avaliar a compreensão leitora.

Com base na importância da compreensão leitora entre os alunos da Universidade da Maturidade, este estudo procurou descrever o nível de compreensão daqueles, e destaca-se o fato de a maioria dos alunos terem apresentado bastante contentamento ao realizar o teste *Cloze*, e poucos reclamaram e alegaram dificuldade, mas estes, ao começarem a preencher as lacunas e intuírem o sentido do texto, demonstraram satisfação. Percebemos também, que muitos deles, na tentativa de acertar, apagaram as primeiras palavras por diversas vezes, e raros foram os que deixaram lacunas em branco.

Um aluno não preencheu nenhuma das lacunas do texto, o que pode indicar uma ampla dificuldade de compreensão do texto ou até mesmo baixa proficiência em leitura, podendo ainda, este resultado ser ilustrado pela falta de empenho em responder o teste *Cloze*, por ocasião da leitura do texto, ou relacionado às intervenções metacognitivas envolvidas no lacunamento.

Importante relatar que praticamente todos os que responderam o instrumento, questionaram a ausência de atividades focadas na compreensão de leitura na

Universidade da Maturidade. As alusões mais ouvidas foi de que deveria ter aulas com textos assim, pois segundo eles, estimula a memória e pode contribuir para compreensão de leitura.

De certa forma os dados desta pesquisa corroboram com as referências de Stuart- Hamilton (2002) ao considerar errado pensar que os idosos dedicam mais tempo à leitura do que os adultos jovens, ele ainda afirma que em relação ao papel da memória na leitura, precisa-se ter capacidade de lembrar do que acabou de ler, ao contrário, quando chegar ao final da frase, terá esquecido o seu significado.

Por outro lado, e em concordância com Stuart- Hamilton (2002) ao avaliar sobre a leitura de textos e outros veículos de comunicação, (62, 9%) da amostra apontou favorabilidade para a compreensão leitora, e dentre as opções de leitura, uma maior frequência para Bíblia e livros. No geral, os resultados mostraram que (71,4%) responderam terem percebido mudanças na compreensão leitora antes e depois da frequência na UMA, ou seja, passaram a entender melhor o texto escrito e conseguem lembrar-se do que leu com mais facilidade.

À luz do objetivo 9: Compreender a relação entre os resultados do teste cloze e a escolaridade, profissão, sexo, estado civil e idade, podemos referir que para enunciar a compreensão leitora através do *Cloze*, os textos devem ser organizados a partir das múltiplas possibilidades de emprego da técnica, e assim contar com variados métodos para estruturação de um texto (Oliveira et al., 2008).

A investigação se ampara na literatura ao tratar-se de um instrumento eficaz, que favorece o desenvolvimento de habilidades de compreensão leitora, e auxilia o aluno no estabelecimento de relações entre as informações do texto, com apelo ao conhecimento prévio e a novos conhecimentos subentendido no texto ilustrado.

Santos (2004) considera o método *Cloze* um instrumento apropriado para o desenvolvimento da compreensão da leitura, que independentemente do conteúdo, beneficia o processo de aprendizagem. Para a autora, o método permite que o aluno perceba o quanto está, ou não, a compreender.

Machado e Capellini (2016) avaliam o cloze como sendo um instrumento importante para o emprego de estratégias metacognitivas, que coopera de maneira

favorável para a ampliação destas habilidades (Santos, 2004; Silva & Santos, 2004; Oliveira et al., 2017). Já para Suehiro e Santos (2012) e Santos e Monteiro (2016) quanto maior a compreensão em leitura, melhores são os resultados na escrita.

Nessa pesquisa optou-se pelo *Cloze* tradicional, com a omissão do quinto vocábulo do texto, devido à faixa etária dos alunos do estudo e, por considerar que os participantes teriam que completar as lacunas, sem concessão de pistas no texto. Os resultados alcançados com o método *Cloze* semelham ser promissores e coesos com alguns estudos realizados (Oliveira et al., 2017; Santos, 2004).

Nesse estudo, porém, os resultados mostraram por meio da correlação de variáveis, com relação ao teste Cloze e as variáveis escolaridade, sexo, profissão, estado civil e idade, que há uma relação expressiva entre os níveis de classificação do Teste Cloze, segundo Bormuth (1968), porém com uma correlação negativa fraca para a idade, o que nos leva a compreender que, quanto menor a idade, maior o nível de compreensão leitora. Contudo, para essa análise, os resultados não evidenciaram relação entre o teste cloze e as variáveis, escolaridade, profissão, sexo e estado civil. Os achados indicam ligação com o estudo de Suehiro e Santos (2012) que evidenciou uma influência significativa das variáveis idade e escolaridade agregadas entre compreensão em leitura e aprendizagem da escrita. Verificaram também, que a idade e o nível escolar das crianças são variáveis importantes na avaliação dessas habilidades. Para as autoras, esse fato pode estar ligado ao desenvolvimento da maturidade dos alunos, que em virtude do avanço da idade e da escolaridade, as crianças, além das habilidades cognitivas como a atenção, memória, criatividade, flexibilidade, possam contrair novas experiências, conhecimento de mundo e maturação das estruturas cognitivas, bem como a possibilidade de mostrar incrementos graduais nas habilidades de leitura.

O vocabulário e a memória de trabalho podem influenciar a compreensão da leitura, mas estes, não foram analisados nesse estudo. No entanto, as barreiras deste estudo podem associar-se com possíveis relações entre a compreensão da leitura e outras habilidades básicas. Neste sentido, Abreu et al. (2017) avalia que o desempenho nos testes *Cloze* pode depender de fatores linguísticos, como o tipo de vocábulo omitido (lexical ou funcional), e não linguísticos, como a memória e a escolaridade.

Considera-se inquestionável a relevância da leitura e da escrita para uma educação de qualidade, por serem habilidades capazes de oferecer ao aluno ferramentas para o desenvolvimento crítico e cultural enquanto ser no mundo, e acredita-se que independe da idade.

Visto como um instrumento de fácil aplicação, que é apresentado ao aluno como uma situação-problema e como resultado de uma atividade lúdica, com recorrência para a sua competência linguístico-gramatical e conhecimentos prévios do léxico, o método *Cloze* leva o crédito em poder instituir-se um recurso precioso para se aplicar tanto para crianças, quanto para pessoas de outras faixas etárias, a exemplos adultos e velhos (Santos & Monteiro, 2016).

Segue a discussão de resultados apresentados na seção do objetivo 10: Saber se existe relação entre gostar de ler e a escolaridade, o sexo, a profissão, o estado civil, a idade e os anos de frequência na UMA.

Com base em ocorrências de pesquisas com leitores idosos Stuart-Hamilton (2002) cita que tanto o vocabulário por vezes desconhecido pelos idosos, quanto o tamanho dos caracteres, são fatores que interferem na prática leitora, e aponta como fator intrínseco para justificar os baixos índices de leitura, a dificuldade para compreensão o do conteúdo lido.

Neste estudo, portanto, ao verificar se existe relação entre o gostar de ler e as variáveis escolaridade, sexo, profissão, estado civil, idade e anos de frequência na UMA, os resultados mostraram uma relação moderada e significativa entre o gostar de ler e o tempo de frequência na UMA. Na evidência de que quanto mais tempo os alunos frequentam a UMA, mais eles passam a gostar de ler. Contudo, não foram encontradas relações com a escolaridade, sexo, nem com a profissão e a idade.

Na mesma direção, Parente et al. (2009) a respeito da influência da variável escolaridade nos processos cognitivos, no seu estudo com participantes saudáveis, mostrou que o número de anos estudados pode melhorar o desempenho em diferentes tarefas neuropsicológicas e proporcionar alterações cerebrais estruturais, volumétricas e funcionais, sendo que ao longo do processo de envelhecimento a escolaridade mostra-se mais ativa do que a idade, e pode ser percebida como um fator que envolve experiências

ambientais, causa efeitos cognitivos, e influencia no desempenho dos indivíduos nas atividades propostas.

Os resultados foram considerados satisfatório levando em consideração que a maioria dos participantes demonstraram interesse pela leitura e que após frequentarem a UMA perceberam mudanças expressivas nas suas habilidades cognitivas e na memorização de textos lidos, pois houveram relatos de que muitos assuntos abordados em sala de aula, os levaram à busca por mais leitura sobre as temáticas, seja para memorização ou conversação com os colegas e os familiares, também, para não se ocultarem em situações que exijam a necessidade de fala, como nos eventos promovidos pela UMA, ou naqueles que a convite, os protagonizam, motivo que os conduziram a interessar por mais atividades de leitura. Concorda Bortoni-Ricardo (2012) ao afirmar que a leitura é essencial para o indivíduo construir seu próprio conhecimento e exercer seu papel social no contexto da cidadania, tendo em vista que a capacidade leitora amplia o entendimento de mundo, permite a reflexão crítica, proporciona o acesso à informação e mostra o quanto é relevante o desenvolvimento do aluno como leitor e os benefícios que ele pode ter ao conseguir e usar efetivamente a leitura.

Passamos à discussão de resultados apresentados na seção do objetivo 11: Avaliar a qualidade de vida dos alunos após o ingresso na UMA.

Com base nas facetas distribuídas entre os domínios, compreendemos que a qualidade de vida aborda uma representação social criada a partir de parâmetros subjetivos como bem-estar, felicidade, prazer, realização pessoal e outras; também objetivos, referenciados pela satisfação das necessidades básicas e das criadas pelo nível de desenvolvimento social e econômico de uma determinada sociedade (Fleck, 2000).

Na esfera de compreensão de QV relacionada ao estilo de vida do sujeito e caracterizada com os hábitos adotados durante toda a vida, Gonçalves (2004) destaca que em conexão com a realidade familiar, ambiental e social, a relação entre atividade física e a qualidade de vida dos idosos, manifesta-se boa e influenciada pela prática de atividades físicas regulares, melhora a capacidade cognitiva e sua funcionalidade (Campos et al., 2014; García, et al., 2014). Assim, quando observados os índices

contemplados nos domínios, os resultados chamam a atenção de que a maioria dos respondentes desta pesquisa avaliaram que têm qualidade de vida considerada regular.

Nos domínios psicológico e relações sociais, os alunos participantes do curso de Educador Político Social do Envelhecimento Humano apresentaram boa qualidade de vida, corroborando diversos estudos que anunciam a importância das relações sociais, como o de Uddin et al. (2019) que retrata a qualidade de vida como sendo a expressão da percepção do indivíduo quanto a sua posição na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais se insere, relações sociais, nível de independência, o estado psicológico, e pelas suas relações com as características proeminentes do seu meio ambiente.

Nos domínios físico e meio ambiente, por sua vez, não foram verificadas diferenças significativas nos escores do WHOQOL-Bref ($p \geq 0,05$). Destaca-se que as piores médias foram justamente no domínio ambiente: recursos financeiros, acesso a serviços de saúde, recreação e lazer, o que rebate alguns escritos como no Capítulo V, art. 21 do Estatuto do Idoso, que assegura à pessoa idosa, além do acesso à educação e à cultura, ao esporte e ao lazer (Brasil (2021)).

No que diz respeito aos recursos financeiros, a maioria demonstra um pouco mais de dificuldade ao provimento de algumas das necessidades básicas inerentes ao envelhecimento, mas conta com o suficiente para viver sem muitas privações. Relacionado ao acesso a serviços de saúde, importa lembrar que os participantes da pesquisa informaram encontrar acesso facilitado nas unidades de saúde pública, e uma minoria utiliza planos de saúde.

Quanto à influência do lazer na qualidade de vida do velho, pode-se localizar no Projeto WHOQOL-OLD: método e resultado de grupos focais no Brasil, realizado em Porto Alegre, por Fleck, em 2003, quando constatou que os idosos desejam que itens referentes à oportunidade de lazer ou recreação integrem o instrumento de avaliação de qualidade de vida do idoso (Fleck, 2003).

Por outro lado, comporta uma mensuração dos domínios físico e psicológico, mas também dos domínios relações sociais e meio ambiente. Este, portanto, indica questões relacionadas (direta ou indiretamente) a espaços públicos, a saber: segurança,

ambiente saudável, recursos financeiros, informações disponíveis, atividade de lazer, dentre outros.

No que concerne à Qualidade de vida, os domínios do Whoqol-Bref em que os acadêmicos da UMA evidenciaram maior pontuação e, conseqüentemente maior nível de satisfação foi o Psicológico seguido pelo de Relações Sociais.

O desempenho dos respondentes no domínio Psicológico, clarifica supremacia do nível de satisfação vivenciado em relação às questões ligadas aos sentimentos, autoestima, aparências, memória, concentração, espiritualidade e crenças pessoais; diferentemente de grupos que sofrem com o processo de adaptação da senescência (Pereira et al., 2017).

Sobre o domínio Meio Ambiente pauta-se na avaliação do ambiente no qual o sujeito está inserido; alcança os aspectos referentes às condições de Segurança na vida diária, ambiente saudável, recursos financeiros, informações disponíveis, atividade de lazer, moradia, acesso a serviços de saúde e meios de transporte. Observamos nesse domínio, que o menor desempenho pode estar caracterizado pelos diferentes NSE.

Quanto as duas questões gerais do Whoqol-Bref, relacionadas a qualidade de vida em geral e a saúde em geral; a maioria dos respondentes demonstraram-se satisfeitos ou muito satisfeitos com a sua saúde e uma boa percepção de QV global. O resultado retrata que a maioria dos acadêmicos apresentaram uma percepção positiva de sua QV, bem como de sua condição de saúde, no período da aplicação do instrumento.

Importa ressaltar que os resultados dessa pesquisa devem ser utilizados e interpretados com cautela, considerando os diferentes níveis socioeconômicos e entendemos que, embora os resultados sejam satisfatórios na maioria dos preditores influenciadores na qualidade de vida dos alunos da UMA, chama atenção ao nível de regularidade na QV, podendo melhorar para boa ou muito boa qualidade de vida, sendo estes indicadores de uma vida saudável com efeitos para uma velhice sadia. Ainda assim, indicam a necessidade de políticas públicas e sociais com estratégias de ação que assegurem melhorias no atendimento àqueles e todas as suas especificidades e diversidade.

3.6 Síntese

Por meio da metodologia de investigação aplicada buscamos neste capítulo, conduzir o processo de recolha de análise exibido mediante os parâmetros conceituais e operacionais dessa pesquisa, em que se expõe os processos para a operacionalização dos objetivos alcançados. Seguiu-se uma abordagem quanti-qualitativa a forma estudo de caso e as informações coletadas por meio de questionário, bem como apresentamos o material utilizado e os procedimentos realizados no desenvolvimento do estudo.

Uma das proposições foi apresentar o caminho metodológico da construção desta pesquisa, descrito nesta segunda parte, em que se evidencia a temática estudada, ligados a problemática, hipóteses e os objetivos; ambos ancorados na justificativa, no referencial teórico, dentre outros elementos conexos ao processo da investigação como a descrição histórica da criação da Universidade da Maturidade no Tocantins, instituição onde a pesquisa foi realizada, que se apoia no compromisso social e político da universidade, nos pilares de autonomia, democracia, pesquisa, ensino e extensão universitária.

Portanto, neste capítulo, sinalizamos também o fortalecimento das informações a respeito da linguagem, compreensão leitora e da qualidade de vida dos acadêmicos da Universidade da Maturidade por meio dos Procedimentos Operacionais, Materiais - instrumentos para a coleta e análise dos dados interpretados com o uso da estatística, utilizando o programa Statistical Package for the Social Sciences – SPSS versão 26, sem sofisticação de análise. Os dados qualitativos foram coletados pelas observações e aplicação de questionários (Triviños, 2012).

Em resposta ao Objetivo geral que foi investigar a contribuição da compreensão leitora e da linguagem para a qualidade de vida dos alunos que frequentam a Universidade da Maturidade, considerando o sexo, a idade a profissão e escolaridade, a investigação mostrou por meio das respostas obtidas no questionário “EU e UMA”, que os resultados manifestam a ocorrência de mudanças estatisticamente significativas com efeitos favoráveis para a qualidade de vida. Além dessa comparação classificativa antes da participação na UMA, verificamos ganhos diferenciais para a QV dos alunos como os discutidos por (Fleck et al., 2008). Porém não apontou relação com a Compreensão

leitora. Não obstante as contribuições se apresentem associadas à participação inicial, foram observados, também, melhores desempenhos da compreensão leitora e níveis de linguagem.

De igual modo, atendendo a pergunta de partida, como é que a linguagem e a compreensão leitora contribuem para a qualidade de vida dos alunos que frequentam a Universidade da Maturidade? Entendemos que a motivação dita um maior envolvimento do participante, frequentemente constituída pela interação social, e para além das trocas de experiências e o conhecimento cultural alargado, a maneira como o docente estabelece as ocorrências de ensino, como a leitura, abarcando a intensificação dos conhecimentos prévios, junto às atividades propostas, podem ser determinantes ao desenvolvimento de competências de gestão da linguagem e da compreensão leitora, direcionando, portanto, para uma boa qualidade de vida, visto ser esta a compreensão do indivíduo a respeito do seu próprio bem-estar físico, social e mental ao longo da vida. (Morais, Azevedo, Pena & Sant'Anna, 2014; Vygotsky, 2008; Santos, Shuerio & Oliveira, 2004; Uddin, et al., 2019).

É, pois, na complexidade da participação interativa dos alunos, enquanto sujeitos ativos que é construído o conhecimento, e sua constituição por meio de relações interpessoais (Vygotsky, 2008). No entanto, compete ao professor dinamizar ocasiões de leitura com orientações estruturadas, a fim de moldar estratégias possíveis, baseadas nos três pilares representativos da ação interativa apresentados por Morais, Azevedo, Pena & Sant'Anna (2014) que são professor, aluno e conteúdo, concernentes aos cenários da comunicação e da interação entre os agentes produtores da linguagem.

Segue a Conclusão geral dessa pesquisa.

CONCLUSÃO

Após o surgimento das projeções e virada nas pirâmides etárias, e por ser o envelhecimento demográfico uma realidade mundial, o Brasil, além de apresentar um grande contingente de idosos, registra o aceleração desta população. A partir disso, temas relativos à essa faixa etária passaram a ser debatidos no Brasil, e em outros países com maior destaque, inclusive sobre a educação.

O capítulo I abordamos o cenário de conceituações a respeito do desenvolvimento humano e da aprendizagem ao longo da vida, visto que a linguagem transpõe o universo fascinante do ser psíquico, do biológico e social, reforçando o fato de que a grandeza humana se insere na sua complexidade e, ainda são introduzidos alguns aspectos identitários a respeito da idade adulta e da velhice na contemporaneidade.

Norteadada pela perspectiva de linguagem como trabalho social e histórico, como prática interpessoal na qual contorna um eu e um outro, como atividade constitutiva do sujeito e da própria linguagem, com aporte no Círculo de Mikhail Bakhtin, intentamos situar o leitor no cenário da linguagem e da compreensão leitora na adultez e na velhice.

Por outro lado, a fim de localizar a velhice na realidade social e histórica na contemporaneidade, importou abordar a relevância da criação do Estatuto e da Política Nacional do Idoso, na perspectiva de que a linguagem e a compreensão leitora na adultez e na velhice, podem levar o indivíduo a refletir sobre o quanto é modernamente ser adulto ou ser velho.

O capítulo II discorreremos a respeito da qualidade de vida, sob a adoção do significado de melhoria do modo de vida, e além de se integrar gradualmente ao desenvolvimento no campo da medicina, outras disciplinas, também têm direcionado a atenção para o evento do envelhecimento na busca pela compreensão e promoção da qualidade de vida aos idosos. De forma que a qualidade de vida na velhice ganhou relevância nas três últimas décadas, tendo como critérios para avaliação; analisar que para além da heterogeneidade da velhice, deve-se considerar tanto os aspectos objetivos quanto a subjetividade do indivíduo, como os vários padrões de envelhecimento e as diversas configurações individuais de vivê-la.

Infere-se, portanto, que na percepção dos autores cada idoso é um ser único e ao longo da sua vida perpassa por contextos e naturezas diferentes, como a fisiológica, patológica, psicológica, social, cultural, ambiental, e econômica, conjunturas que podem refletir na qualidade de vida na velhice.

No que concerne ao trabalho da elaboração dos discursos e das técnicas de mensuração da QV, pautamos na perspectiva de que essa proposta ainda carece de

aprofundamento e testes nos atos sanitários, no sentido de poder contribuir e estabelecer um diálogo interdisciplinar, de avançar ao conhecimento da QV e proporcionar integração desta temática junto a teoria e a prática da saúde coletiva. Assim, identificar fatores contributivos para o traço de metas à promoção da velhice com Qualidade de Vida, pode ser uma prerrogativa para melhorar os anos que ainda estão por vir. Implica saber o que o velho nessa fase, de fato, entende por qualidade de vida.

O capítulo III foi destinado ao estudo empírico com a composição dos resultados os quais foram utilizados e interpretados por meio da metodologia de investigação, conduzido o procedimento de recolha de análise mediante os parâmetros conceituais e operacionais, em que se expõe os processos para a operacionalização dos objetivos alcançados. Seguido de uma abordagem quanti-qualitativa a forma foi de um estudo de caso e as informações coletadas por meio de questionário, apresentação do material utilizado e os procedimentos realizados no desenvolvimento do estudo.

Retomando a pergunta de partida como é que a linguagem e a compreensão leitora contribuem para a qualidade de vida dos acadêmicos da Universidade da Maturidade, assim com o objetivo geral de investigar a contribuição da compreensão leitora e da linguagem para a qualidade de vida dos alunos que frequentam a Universidade da Maturidade, considerando o sexo, a idade e o profissão e escolaridade. Os resultados foram discutidos e apresentados em categorias ou por meio de estatística, que visam em sua apresentação e discussão dos dados alcançar o primeiro objetivo específico dessa pesquisa que é o de Entender as expectativas dos alunos para a matrícula na UMA.

Quantos aos principais resultados podemos referir que:

- a maioria dos participantes conheceu a UMA através de uma amiga ou pela mídia; Procuraram a UMA para fazer novas amizades, livrarem-se da solidão ou depressão após perdas familiares ou de funções sociais;
- consideram que se tornaram mais comunicativos, que melhoraram a compreensão acerca de assuntos do seu interesse;
- sentem-se mais informados por estarem sempre aprendendo algo novo na UMA;
- passaram a ler e escrever mais;

- a maioria está muito satisfeita com a frequência da UMA;
- consideram que a equipe de gestão da UMA está preparada e possui um nível de qualificação adequado para atender esta população;
- consideram que a frequência da UMA é muito importante para sua vida;
- as atividades preferidas dos alunos são as aulas de educação para a morte e luto e também a parte social, os passeios;
- a frequência da UMA está relacionada com a percepção da melhoria das capacidades linguísticas, da oralidade, da leitura de textos e melhor compreensão do mundo através da oralidade;
- a compreensão leitora da maioria dos participantes foi avaliada como independente;
- a frequência da UMA também permitiu que entendessem melhor o texto escrito e conseguiram lembrar-se do que leram com mais facilidade;
- quanto menor a idade maior o nível de compreensão leitora;
- quanto mais tempo de frequência da UMA têm, mais gostam de ler;
- quanto a qualidade de vida dos alunos, após o ingresso na UMA nos domínios físico, relações sociais, meio ambiente revelaram sentir-se bem;
- quanto a qualidade de vida geral, consideram ter uma boa qualidade de vida;
- e quanto à saúde os resultados apontam regularidade.

Através da análise descritiva e observacional da capacidade linguística dos acadêmicos participantes dessa pesquisa, foi possível encontrar aspectos importantes para a qualidade de vida dos respondentes, a exemplo, o melhoramento funcional da linguagem e da memória após a participação na UMA. Isso nos leva à compreensão de que a participação coletiva de pessoas com maior idade e ou com baixa escolaridade, pode influenciar no desenvolvimento das habilidades cognitivas, sobretudo cooperar para novas estratégias e ações, na tentativa de intervir no atendimento individual e coletivo e na promoção de uma melhor qualidade de vida a todos os alunos.

Por ser a linguagem um fator influenciável por possíveis processos cognitivos em declínio na velhice, cabe às pessoas idosas e seus familiares reconhecer e aprender lidar com as prováveis mudanças que ocorrem no processo de envelhecimento, e entender que com o avanço da idade, pode haver modificações na interferência cognitiva da pessoa idosa.

Fato é que, independentemente de alguns dos estudos nos seus resultados mostrarem habilidades preservadas ou elevadas e declínios, as investigações devem seguir em direção a atitudes produtivas, concernente a linguagem, com o escopo de valorizar o idoso, e desmistificar a simples comprovação de declínios.

Visto que a socialização recruta várias habilidades cognitivas, além de aumentar a motivação e atenção para estímulos externos, sem redução e prejuízos para o desempenho daquelas, por produzir uma sensação de pertencimento, percebemos que a volta à vida social dos alunos que frequentam Universidade da Maturidade, ocorre de uma forma mais consciente e satisfatória, com muita experiência a ser partilhada. Nesse aspecto, pode-se avaliar as transformações e o resgate do prazer de viver por intermédio da participação nos eventos, viagens, tertúlias, aulas e pelo desejo de contribuir para que a sociedade conheça os benéficos sentimentos deles reavidos.

Percebemos, pois, uma imperativa atenção e estimulação às capacidades cognitivas, para que as pessoas idosas possam manter-se ativas socialmente, e que embora afetada pelo processo do envelhecimento, possa buscar nos atos conversacionais, construções discursivas que as conduza a uma interação verbal com outros falantes.

Compartilhamos, com a inclusão das pessoas com idade de 45 anos para mais, acadêmicos da Universidade da Maturidade, percebidos na figura de um adulto/idoso participativo, que dentro de seu circuito social, tem a oportunidade de sentir-se funcional, e seguramente desfrutará de condições melhores de saúde física e emocional, e portanto, da linguagem.

Os sentimentos e comportamentos depressivos e as condições de solidão foram se perdendo pelo ambiente de familiaridade que perpassa as relações como a comunicação, a integração social e amizades surgidas no decorrer do curso de Educador Político do Envelhecimento Humano, claro nas expressões dos alunos a respeito da contribuição da UMA para suas vidas, proporcionando condições, acesso e aprendizagem aos adultos e velhos para a realização de sonhos, de forma a torná-las pessoas mais alegres e felizes.

Por outro lado, a UMA se configura como um espaço de integração, ressocialização e de fortalecimento da pessoa idosa, onde inibe o excesso de pressão e

desconforto do isolamento e da solidão, qualificados pelas consternações e perdas no transcurso da vida dos seus participantes. Concedendo a estes, oportunidades ao resgate da identidade e inovação de projetos de vida para um envelhecer digno.

Percebemos também que a formação da equipe de docentes e profissionais de áreas diversificadas, pode contribuir sobremaneira, na operacionalização das ações destinadas aos alunos, como a utilização de recursos e estratégias que potencializem suas habilidades sensoriais. De forma que a Universidade da Maturidade possa assegurar um atendimento especializado às pessoas, que na sua complexidade humana e subjetiva, buscam uma vaga em um espaço gerador de conhecimento, por meio de uma educação gerontológica, norteada pelo processo de uma sociabilidade intergeracional plausível, em prol do efetivo exercício pleno, dos direitos e de cidadania.

Retomando sobre as expectativas dos alunos para o ingresso na UMA concluímos que a “Carta de Intenções” que se constituiu nesse trabalho um instrumento de coleta de dados, permitiu diagnosticar formalmente os motivos e expectativas que levaram os ingressantes ao curso de extensão. Sobretudo, a Carta foi o documento de identificação dos alunos com informações sobre suas intencionalidades, busca por ações interativas e o passaporte para a socialização.

Ressaltamos também, que analisar as Cartas de Intenções – “O meu passaporte”, dos acadêmicos da Universidade da Maturidade, mostrou-se um trabalho relevante. Espera-se que este venha contribuir para outras análises e desenvolvimento de temáticas que abarcam estudo como atividade discursiva e de inserção social, pois entendemos que a exigência da Carta de Intenções no ato de inscrição para a seleção na UMA, pode direcionar os gestores a uma reflexão sobre suas ações pedagógicas relacionadas à temática do envelhecimento, visto pertencer à coordenação a responsabilidade pelo planejamento e acompanhamento das diversas atividades na respectiva área do conhecimento, com a atribuição principal, de garantir a competência científica e pedagógica do curso e o atendimento às expectativas dos seus participantes.

Para além dos resultados alcançados nesta pesquisa e respectivas implicações, importa ressaltar a experiência vivida na sua realização, pois apesar das limitações da pesquisa, destaca-se o empenho e interesse dos alunos para responder aos questionários. Durante as sessões foram colaborativos e entusiásticos, apesar de algumas dificuldades

colocadas por eles no preenchimento dos instrumentos. Antes de principiarem o preenchimento dos formulários ficaram atentos às orientações, na expectativa de saberem o que seria inquirido. Contudo, podemos considerar como maior limitação, as dificuldades de realizar as sessões devido o momento pandêmico. Todavia consideramos a adesão dos alunos um elemento facilitador para a realização da pesquisa.

Importa destacar que, em geral, com base na própria missão da UMA, uma alternativa norteadora de incluir o tema e motivar todos os envolvidos no processo educacional no contexto da valorização de si e do outro, é unir-se aos que lutam pela educação de adultos e idosos, os quais ainda enfrentam barreiras políticas estruturais à efetividade do direito à educação.

Nessa direção, ao considerar de onde partiu, aonde está e onde precisa ou quer chegar em termos educacionais para idosos, deve-se buscar por investimento em Educação, e traduzi-lo em elevação da qualidade de vida, melhor cultura para a população e melhor participação política do cidadão na vida, em sociedade, e de seu país. Nesse sentido, esperamos que o caminho trilhado pela Universidade da Maturidade, os convoca a refletir nos avanços, na resistência e estratégias necessárias para ultrapassar os vários desafios que se colocaram à frente da educação gerontológica.

Os resultados correspondem com as expectativas iniciais da pesquisa, e consideram-se positivos, sendo necessários novas pesquisas para uma ampliação e consolidação nos estudos com idosos. Que esse estudo possa contribuir para essa empreitada, por trazer a voz de pessoas que protagonizaram a construção dessa história através do conhecimento e pelas manifestações positivas na qualidade de vida enquanto sujeitos históricos.

Sugerimos que novos estudos sejam realizados com amostras populacionais mais robustas, com o escopo de corroborar com os efeitos positivos das atividades interacionais e suas influências à linguagem na capacidade funcional das pessoas idosas, na compreensão leitora à qualidade de vida, a fim de encontrar relevância estatística dos dados e colaborar com o planejamento para melhorias ao atendimento de temas decorrentes do envelhecimento.

Esperamos que a realização de outras pesquisas supere as limitações deste estudo e, que este possa contribuir para a difusão desta problemática, para adaptação de práticas socioeducacionais e de qualidade para que outros grupos etários possam ser alcançados para um bom exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abdo, J. S.; Mendes, A. R. M.; Alencar, M. A.; Gomes, G. C. (2020). Influência da escolaridade de idosas nos ganhos de função executiva após treino de dupla tarefa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 23, n. 4, <https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.200088>.
- Abrams, L., Farrell, M. T., & Margolin, S. J. (2010). Detecção de erros ortográficos durante a leitura. *Os periódicos de Gerontologia Série B: Ciências Psicológicas e Ciências Sociais*, 65(6), 680–683. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbq050>.
- Abreu, K. N. M., Garcia, D. C., Hora, K. F. P. N. A., & Souza, C. R. (2017). O teste de Cloze como instrumento de medida da proficiência em leitura: fatores linguísticos e não linguísticos. *Revista de Estudos da Linguagem*, 25(3), 1767–1799. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.25.3.1767-1799>.
- Almeida, L. G. D., Leão, I. O., Oliveira, J. B., & Santos, M. M. O. (2006). Promover a vida: uma modalidade da fisioterapia no cuidado a saúde de idosos na família e na comunidade. *Rev. Saude.Com*, 2(1), 50–58.
- Almeida, T. D., & Lourenço, M. L. (2019). Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade? *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 10, 101–114. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2007.10018>
- Almeida, T. D., & Lourenço, M. L. (2019). Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade? *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 10, 101–114. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2007.10018>
- Amorim, M. (2004). *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. Musa.
- Arantes, M. (2006). Gestão de serviços para a terceira idade: uma opção via terceiro setor. *Revista Hispeci e Lema*, 9, 100–103.
- Arellano, E. B. (2008). *Avaliação dos programas de qualidade de vida no trabalho-- análise crítica das práticas das organizações premiadas no Brasil* [Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo]. Repositório Institucional Universidade de São Paulo. [10.11606/T.89.2008.tde-11082008-110815](https://doi.org/10.11606/T.89.2008.tde-11082008-110815)

- Argimon, I. I. L. (2006). Aspectos cognitivos em idosos. *Avaliação psicológica*, 5(2), 234–245. <https://www.redalyc.org/pdf/3350/335027180015.pdf>
- Argimon, I. I. L., & Stein, L. M. (2005). Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: um estudo longitudinal. *Cad Saúde Pública*; 21(1), 64–72. <https://www.scielo.br/j/csp/a/dqNWqfChGCgGt5fSxMOTNVz/?format=pdf&lang=pt>.
- Bakhtin, M. (2011). *Estética da criação verbal* (6ª ed.). WMF Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (V. N. Volochínov) (2014). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem* (16ª ed.). Hucitec.
- Bakhtin, M. (V. N. Volochínov), (2014). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem/ prefácio de Roman Jakobson; apresentação de Marina Yaguello; tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. – 16. ed – São Paulo: Hucitec,*
- Bakhtin, M.M. (2017). *Para uma filosofia do ato responsável* (3ª ed.). Pedro e João Editores.
- Bakhtin, M., & Volochinov, V. N. (2009). *Marxismo e filosofia da linguagem* (7ª ed.). Hucitec.
- Barata, N. E. R. R. C. (2009). *Relação diádica e qualidade de vida de pacientes com insuficiência renal crônica* [Tese Doutorado, Universidade de Santiago de Compostela]. Repositório Institucional da Universidade de Santiago de Compostela.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Barros, M. M. (2004). Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In L. Py, J. L. M. de Sá, J. L. Pacheco, & S. Goldman. (Orgs.), *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais* (pp. 39-56). Nau.
- Barros, M. M., L. (2006). *Velhice ou terceira idade? estudos antropológicos sobre identidade, memória e política* (4ª ed.). FGV.
- Bastos, J. O. F.; Oliveira, M. C. B.; Silva, D. R. C.; Silva, J. M. (2017). Relação ambiente terapêutico e neuroplasticidade: uma revisão de literatura. *Revista Interdisciplinar Ciências eSaúde*, v. 4, n. 1, <https://revistas.ufpi.br/index.php/rics/article/view/4337/3887>.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2003). *Pesquisa com texto, imagem e som* (2ª ed.). Vozes.
- Bauman, Z. (2007). *Vida líquida*. Jorge Zahar Editor.
- Beauvoir, S. de. (1990). *A velhice*. Nova Fronteira.

- Bento-Torres, N. V. O., Bento-Torres, J., Tomás, A. M., Costa, V. O., Corrêa, P. G. R., Costa, C. N. M., Jardim, N. Y. V., & Picanço-Diniz, C. W. (2017). Influence of schooling and age on cognitive performance in healthy older adults. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, Mar, Volume 50 n° 4. <https://doi.org/10.1590/1414-431X20165892>
- Bormuth, J. R. (1968). Legibilidade ao teste cloze: pontuações de referência de critério. *Revista de Medição Educacional*, 5(3). <http://www.jstor.org/stable/1433978>
- Bortoni-Ricardo, S. M. (2012). *Leitura e mediação pedagógica*. Parábola.
- Bosi, E. (2012). *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. (17ª ed.). T. A. Queiroz.
- Boutinet, J-P. (2000). *A imaturidade da vida adulta*. Rés-Editora.
- Brait, B. (2005). A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In C. A. Faraco, C. Tezza, & G. Castro (Orgs.), *Diálogos com Bakhtin* (pp. 69–92). UFPR.
- Brait, B. (2005). Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In B. Brait (Org.). *Bakhtin – Dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp
- Brait, B. (2005). *Bakhtin: conceitos-chave*. Editora Contexto.
- Brasil (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Senado Federal.
- Brasil (1994). *Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994: dispõe sobre a Política Nacional do Idoso*. Senado. [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis L, 8842](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L_8842)
- Brasil (2020). *Lei 13.979, de 6 de fevereiro de 2020*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735>.
- Brasil, (2021). O Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003), Idoso, legislação, Brasil | Idoso, direitos e deveres. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas. <https://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/592242>
- Brasil, (2021). O Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003), Idoso, legislação, Brasil | Idoso, direitos e deveres. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas. <https://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/592242>
- Brito, A. M. M., Belloni, E., Castro, A., Camargo, B. V., & Giacomozzi, A. I. (2018). Representações sociais do cuidado e da velhice no Brasil e Itália. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, 1–11. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3455>
- Brito, A. M. M., Belloni, E., Castro, A., Camargo, B. V., & Giacomozzi, A. I. (2018). Representações sociais do cuidado e da velhice no Brasil e Itália. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, 1–11. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3455>
- Brito, J. (2002). *Análise das estratégias metacognitivas e da compreensão leitora dos alunos à entrada do 3º ciclo do ensino básico*. Universidade do Minho.

- Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais: Estratégias do Plano Nacional de Educação II. (2022). v. 6
<https://doi.org/10.24109/9786558010531.ceppe.v6.5382>.
- Cagliari, L. C. (2007). *Alfabetização e linguística*. Scipione.
- Cain, K., & Oakhill, J. V. (2003). The development of comprehension skills. In T. Nunes, T. & Bryant, P. Bryant (Eds.), *Handbook of children's literacy* (pp. 155–180). Kluwer Academic.
- Campolina, A. G., Lopez, R. V. M., Nardi, E. P., & Ferraz, M. B. (2018). Qualidade de vida em uma amostra de adultos brasileiros utilizando o questionário genérico SF-12. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 64(3), 234–242.
<https://doi.org/10.1590/1806-9282.64.03.234>
- Campos, A. (2003). *A relação entre a compreensão leitora e o sucesso escolar*. Universidade do Minho.
- Campos, A. C. V., Cordeiro, E. de C., Rezende, G. P, de. Vargas, A. M. D., & Ferreira, E. F. E. (2014). Qualidade de vida de idosos praticantes de atividade física no contexto da estratégia saúde da família. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 23(4), 889–897. <https://doi.org/10.1590/0104-07072014002060013>
- Canineu, P. R., Stella, F., & Samara, A. B. (2006). Transtorno cognitivo leve. In Freitas, E. V., Py, L., Néri, A L., Cançado, F. A. X., Gorzoni, M. L., & Rocha, S. M. (Orgs.), *Tratado de geriatria e gerontologia* (pp. 252–258).
- Cecatto, R. B., Jucá, S. H., Nacarato, M. I., Maeda, F. R. G., & Prieto, F. F. (2006). Alterações de comunicação e linguagem de pacientes portadores de lesão encefálica adquirida: Estudo descritivo retrospectivo. *Acta Fisiátrica*, 13(3), 136–146. <https://www.revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/102735>.
- Censo Brasileiro (2010). *IBGE*. <https://www.ibge.gov.br/.../populacao/9662-censo-demografico-2010.html>.
- Cervo, A. L., Bervian, P. A., & Silva, R. da. (2007). *Metodologia Científica* (6ª ed.). Pearson Prentice Hall.
- Chaves, É. de C. L., Paulino, C. F., Souza, V. H. S., Mesquita, A. C., Carvalho, F. S., & Nogueira, D. A. (2014). Qualidade de vida, sintomas depressivos e religiosidade em idosos: um estudo transversal. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 23(3), 648–655. <https://doi.org/10.1590/0104-07072014001000013>
- Cirilo Jr, (2013). *IBGE: analfabetismo cresce pela primeira vez desde 1998*. <https://ifato.com.br/noticias/educacao/ibge-analfabetismo-cresce-pela>.
- Cobalchini, C. C. B.; Alves, B. F.; Silva, L. L.; Lima, T. B. (2020). Idosos e tecnologia: aprendizagem e socialização como fatores protetivos para um envelhecimento saudável. In: Grillo, R. M.; Navarro, E. R. (orgs.). *Desafios, Perspectivas e Possibilidades (Psicologia)*: Editora Científica Digital. p. 162-167.

- Colomer, T., & Camps, A. (2002). *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Artmed.
- Costa, M. L. (2004). *A compreensão leitora e o rendimento escolar: um estudo com alunos do 4º ano de escolaridade*. Universidade do Minho.
- Cunha, N. B., & Santos, A. A. A. (2014). Estudo de validade do questionário de avaliação de consciência metatextual. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 16(1), 141–154. <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193830151012.pdf>
- D’Ancona, M. A. C. (2001). *Metodologia cuantitativa: estratégias y técnicas de investigación social* (3ª ed.). Síntesis. <https://apunteca.usal.edu.ar/id/eprint/1606>
- De Masi, D. (2000). *O ócio criativo* (2ª ed.). Sextante.
- Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processo de reprivatização do envelhecimento*. Fapesp.
- Dockrell, J. E., & Lindsay, G. (2004). Specific speech and language difficulties and literacy. In *Handbook of children’s literacy* (pp. 403-435). Springer.
- Dumazedier, J. (2008a). *Lazer e cultura popular*. Editora Perspectiva.
- Dumazedier, J. (2008b). *Sociologia empírica do lazer* (3ª ed.). SESC-SP - coeditora Perspectiva.
- Erikson, E. (1982). *The life completed*. Norton & Company.
- Faraco, C. A. (2003). *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Edições Criar.
- Faraco, C. A. (2009). *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Parábola Editorial,
- Faraco, C. A. (2017). Bakhtin e filosofia. *Bakhtiniana*, 12(2), p. 45–56.
- Farias, S. M. C. (2008). Terceira idade: uma reflexão. *Recanto das letras*, Universo Online, Out. 2008. <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/1231695>
- Ferrari, M. A. C. (2002). Lazer e ocupação do tempo livre na terceira idade. In M. Papaléo Netto. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada* (pp. 98–105). Atheneu.
- Ferreira, M. C., & Mendes, A. M. (2007). Inventário sobre trabalho e riscos de adoecimento – Itra: Instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos no trabalho. In A. M. Mendes (Org.), *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método, pesquisas* (pp. 11-126). Casa do Psicólogo.
- Florin, J. L. (2020). *Introdução ao pensamento de Bakhtin* (2ª ed.). Editora contexto.
- Fleck, M. P. A et al. (2000) Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida "WHOQOL-bref". *Rev. Saúde Pública*, 34(2), 178–183. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102000000200012>

- Fleck, M. P. A. (2008). *A avaliação de qualidade de vida: guia para profissionais da saúde*. Artmed.
- Fleck, M., Chachamovich, E., & Trentini, C. M. (2003). Projeto WHOQOL-OLD: método e resultados de grupos focais no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 37(6), 793-799.
- Fleck, M., Louzada, S., Xavier, M., Chachamovich, E., Vieira, G., Santos, L., & Pinzon, V. (2000). Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida "WHOQOL-bref". *Revista de saúde pública*, 34(2), 178–183. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102000000200012>
- Flôres, O. C. (2008). *Linhas e entrelinhas: leitura na sala de aula*. EDUNISC.
- Forproex, B. (2012). *Fórum de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras*. Política nacional de extensão universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. <https://vet.ufmg.br/ARQUIVOS/DOCUMENTOS/20131104134706.PDF>
- Freire, P. (2011). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. In Freire, Paulo. Editora Cortez.
- Gamburgo, L. J. L. (2006). *Envelhecimento e linguagem: um estudo da linguagem como prática dialógica e social em idosos* [Dissertação de mestrado, Universidade Metodista de Piracicaba]. Repositório Institucional da Universidade Metodista de Piracicaba. http://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/2006/CWCOENIQEYRB.pdf
- Gamburgo, L. J. L. D., & Monteiro, M. I. B. (2009). Singularidades do envelhecimento: reflexões com base em conversas com um idoso institucionalizado. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, (13), 31–41.
- Gamburgo, L. J. L. D., & Monteiro, M. I. B. (2009). Singularidades do envelhecimento: reflexões com base em conversas com um idoso institucionalizado. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 13, 31–41.
- García V. M. Z., Uterga, V. J. M., & Rodríguez-Antigüedad, A. Z. (2014). Quality of Life in an adult population of more than 60 years of age without cognitive impairment. *Dement Geriatric Cogn*, 4(3), 355–63. <https://doi.org/10.1159/000365505>
- Geraldi, J. W. (2003). *Portos de passagem* (4ª ed.). Martins Fontes.
- GIL, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed.: Atlas,
- Gil, A. C. (2010). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (5ª ed.). Atlas.
- Gil, A. C. (2011). *Métodos da pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.
- Glazier, J. D., & Powell, R. R. (2011). *Qualitative research in information management*. Libraries Unlimited.

- Goldemberg, M. (2002). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais* (6ª ed.). Record.
- Goldfarb, D. C. (2004). *Demências*. Casa do psicólogo.
- Goldman, S. N. (2000). Velhice e direitos sociais. In Paes, S. P. et al. (Orgs.), *Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?* (pp. 13–42) ANG CBCISS.
- Gonçalves, A. (2004). Em busca do diálogo do controle social sobre o estilo de vida. In V. Roberto (Orgs.), *Qualidade de vida e políticas públicas: saúde, lazer e atividade física* (pp. 17–26). [https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/qualidade_publicas_cap2.pdf](https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/qualidade_politicas_publicas_cap2.pdf)
- Grivol, M. A. & Hage, S. R. V. (2011). Memória de trabalho fonológica: estudo comparativo entre diferentes faixas etárias. *Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 23(3), 245–251. <https://doi.org/10.1590/S2179-64912011000300010>.
- Groisman, D. (2002). A velhice, entre o normal e o patológico. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, 9, 61–78.
- Groisman, D. (2002). A velhice, entre o normal e o patológico. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, 9, 61-78. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702002000100004>
- Group, T. W. (1998b). The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): development and general psychometric properties. *Social science & medicine*, vol. 46, ed. 12, p. 1569-1585. [https://doi.org/10.1016/S0277-9536\(98\)00009-4](https://doi.org/10.1016/S0277-9536(98)00009-4)
- Grupo Whoqol (1995). Avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (OMS): documento de posição da Organização Mundial da Saúde. *Ciências Sociais & Medicina*, 41(10), 1403-1409.
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 22, n. 2, pp. 201-209. Epub 13 nov. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>
- Haddad, S., & Di Pierro, M. C. (2000). Aprendizagem de jovens e adultos: avaliação da década da educação para todos. São Paulo em perspectiva, 14, 29-40. <https://www.scielo.br/j/spp/a/x3N4WZhMQDCWFMnR73wYvMK/?format=pdf&lang=pt>
- Haddad, S., & Di Pierro, M. C. (2000). Escolarização de jovens e adultos. *Revista brasileira de educação*, 108-130. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782000000200007>
- Hill, M. M., & Hill, A. (2005). *Investigação por questionário* (2ª ed.). Edições Sílabo.

- Hoffmann, M. E. (2002). *Bases biológicas do envelhecimento*. Idade Ativa–Revista Eletrônica da Terceira Idade.
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2007). *Qualidade da educação: uma nova leitura do desempenho dos estudantes de 4ª série do Ensino Fundamental*. <http://www.inep.gov.br>
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2012). *Programa internacional de avaliação de alunos (PISA): resultados nacionais PISA 2009*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2021). PNAD Contínua: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: microdados. <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=microdados>>.
- Instituto Paulo Montenegro (2013). *Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa mostram evolução do alfabetismo funcional na última década*. http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.01.00.00&ver=por
- Kleiman, A. (2011). *Leitura: ensino e pesquisa*. Pontes Editores
- Kluthcovsky, A. C. G. C., & Takayanagui, A. M. M. (2007). Qualidade de Vida - Aspectos Conceituais. *Revista Salus*, issn 1980-2404, Volume 1. ed. 1. 13-15. <https://revistas.unicentro.br/index.php/salus/article/view/663>.
- Knowles, A. M., Herbert, P., Easton, C., Sculthorpe, N., & Grace, F. M. (2015). Impact of low-volume, high-intensity interval training on maximal aerobic capacity, health-related quality of life and motivation to exercise in ageing men. *Age (Dordr)*; 37(2):25. Epub, Mar 14. [doi:10.1007/s11357-015-9763-3](https://doi.org/10.1007/s11357-015-9763-3).
- Koch, I. G. V., & Cortez, S. L. (2015). A construção heterodialógica dos objetos de discurso por formas nominais referenciais. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, 13, 29-49.
- Koch, I. G. V.; & Elias, V. M. (2014). *Ler e compreender os sentidos do texto*. Contexto.
- Kramer, S., & Souza, S. J. (2003). *Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação*. Ática.
- Lakatos, E. M. (2011). *Metodologia científica* (6ª ed.). Atlas.
- Laranja, A. L. (2004). Estatuto do idoso: ampliação e alargamento dos direitos humanos na sociedade brasileira. In M. T. T. B. Lemos & R. A. Zabaglia (Orgs.), *A arte de envelhecer: saúde, trabalho, afetividade e Estatuto do Idoso* (p. 35-50). Ideias & Letras.
- Lima, T. H. (2015). Compreensão de leitura em alunos do ensino fundamental II: o teste de Cloze como alternativa de avaliação. *Itatiba (SP): Universidade São Francisco*. <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/666024783450523.pdf>.

- Lima, T. H. (2015). Compreensão de leitura em alunos do ensino fundamental II: o teste de Cloze como alternativa de avaliação. *Itatiba (SP): Universidade São Francisco*. <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/666024783450523.pdf>
- Lopes, R. G. C. (2000). *Saúde na velhice. as interpretações sociais e os reflexos no uso do medicamento*. EDUC.
- Lourenço, R. C., & Massi, G. (2011). *Linguagem e velhice: considerações acerca do papel da escrita no processo de envelhecimento*. Juruá Editora.
- Machado, A. C., & Capellini, S. A. (2016). Dados preliminares de um programa de intervenção para compreensão leitora por meio da técnica de Cloze. *Revista Psicopedagogia*, 33 (101), 144-153. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000200004.
- Mansur, L. L. Radavovic, M. Taquemori L. Y, Greco L. L., & Araújo, G.C. (2006). Boston naming test: performance of Brazilian population from São Paulo. *Pró-fono Revista de Atualização Científica*; 18 (1): 13-20. <https://www.scielo.br/j/pfono/a/vsQm3xL89s3pfWMF8ksjvWk/?format=pdf&lang=pt>.
- Marcelino, N. C. (2002). *Lazer e educação* (6ª ed.). Papyrus.
- Marconi, M. D. A., & Lakatos, E. M. (2011). Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica. In *Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica*. Editora Atlas S.A.
- Massi, G. (2007). *A dislexia em questão*. Plexus.
- Massi, G. A. A., Lourenço, R. C. C., Chiarani, L., Avila, D. M. R., Guarinello, A. C., & Santana, A. P. O. (2008). Recontos de histórias de vidas: O papel da linguagem escrita no processo de envelhecimento. In *Anais do XVI Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia* (pp. 275-276). Plenarium.
- Meassi, C. G. (2008). *A construção social do idoso a partir da representação midiática*. http://www.faac.unesp.br/pesquisa/idosomidia_antigo/docscarla.html.
- MEC - Ministério da Educação (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua portuguesa*. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>.
- Melguizo-Herrera, E., Ayala-Medrano, S., Grau-Coneo, M., Merchán-Duitama, A., Montes-Hernández, T., Payares-Martínez, C., & Reyes-Villadiego, T. (2014). Calidad de vida de adultos mayores en centros de protección social en Cartagena (Colombia). *Aquichan*, 14(4), 537-548. <https://doi.org/10.5294/here.2014.14.4.8>
- Mendes, A. M. (2006). Escuta e ressignificação do sofrimento: o uso de entrevista e análise categorial nas pesquisas em clínica do trabalho. In *Anais Eletrônicos do*

II Congresso de Psicologia Organizacional e do Trabalho.
<http://www.sbpot.org.br/iicbpot/anais.asp>

- Mendes, T. M. S. (2012). Da adolescência à envelhecimento: convivência entre as gerações na atualidade. Porto Alegre: Mediação, 176 p
- Minayo, M. C. D. S., Hartz, Z. M. D. A., & Buss, P. M. (2000). Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Ciência & saúde coletiva*, 5, 7-18. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100002>
- Minayo, M. C. de S. (2002). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (22ª ed.) Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2007). Visão antropológica do envelhecimento. In *Velhices: reflexões contemporâneas* (pp. 47-60). SESC/PUC.
- Mioto, R. (2014). *Abismo na educação ainda separa Brasil e países ricos.* <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/170320-abismo-na-educacao-ainda-separa-brasil-e-paises-ricos.shtml>
- Miotto, E. C., Sato, J., Lucia, M. C. S., Camargo, C. H. P., & Scaff, M. (2010). Development of an adapted version of the boston naming test for portuguese speakers. *Rev Bras Psiquiatr.*; 32 (3): 279-282. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462010005000006>
- Moraes, A. L., Guimarães, L. S. P., Joannete, Y., Parente, M. A. M. P., Fonseca, R. P.; & Almeida, R. M. M. (2013). Effect of Aging, Education, Reading and Writing, Semantic Processing and Depression Symptoms on Verbal Fluency. *Psicologia: Reflexão e Crítica*; 26(4): 680-690. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000400008>
- Moraes, E. N., Moraes, F. L., & Lima, S. P. P. (2010). Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. *Ver Med Minas Gerais*; 20(1): 67-73. <https://www.fonovim.com.br/arquivos/7befab299ac18dd97f383c5977b9cb22-Caracter--sticas-biol--gicas-e-psicol--gicas-do-Envelhecimento.pdf>
- Moragas, R. M. (2010). *Gerontologia Social: envelhecimento e qualidade de vida* (3ª ed.). Paulinas.
- Morais, A. B., Azevedo, C. B. D., Pena, D. S., & Sant'Anna, V. L. L. (2014). A importância da leitura do desenvolvimento sócio-cognitivo da criança (4 a 8 anos). *Pedagogia em Ação*, 6 (1), 117-140. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/9228/7681>
- Moreira, D. A. (2004). Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico. *INMR - Innovation & Management Review*, v. 1, n. 1, 5-19. <https://www.revistas.usp.br/rai/article/view/79021>
- Mota, M. M. P. E., & Santos, A. A. A. (2014). O Cloze como instrumento de avaliação de leitura nas séries iniciais. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18 (1), 135- 142. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572014000100014>.

- Nahas, M. V. (2017). *Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo* / – 7ª. ed. Ed. do Autor.
- Neri A. L. (2006). Envelhecimento cognitivo. In: Freitas EV, et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan;. p. 1236-51.
- Neri, A. L. (2000). Qualidade de vida na velhice e atendimento domiciliares. In Y. Duarte, & M. J. Diogo (Orgs.). *Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico* (pp. 33-47). Atheneu.
- Neri, A. L. (2004). Qualidade de vida na velhice. In J. R. Rebelatto, & J. G. S. Morelli *Fisioterapia Geriátrica: a prática da assistência ao idoso* (pp. 1-36). Manole.
- Netto, P. M. (2007). *Tratado de gerontologia* (2ª ed.). Atheneu.
- Oliveira, K. L. (2011). Considerações acerca da compreensão em leitura no ensino superior. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(4), 690-701. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000400003>
- Oliveira, K. L., & Santos, A. (2008). Estudo de Intervenção para a Compreensão em Leitura na Universidade. *Interação em Psicologia*, 12(2), 169-177. <http://dx.doi.org/105380/psi.v12i2.9575>
- Oliveira, K. L., Boruchovitch, E., & Santos, A. A. A. (2007). Compreensão de leitura em alunos de sétima e oitavas séries do ensino fundamental. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 41-49. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100005>
- Oliveira, K. L., Boruchovitch, E., & Santos, A. A. A. (2009). A técnica de Cloze na avaliação da compreensão em leitura. In A. A. A. Santos, E. Boruchovitch, & K. L. Oliveira (Orgs.), *Cloze: um instrumento de diagnóstico e intervenção* (pp. 47-77).
- Oliveira, K. L., Trassi, A. P., dos Santos, A. A. A., & de Brito Cunha, N. (2017). Teste de Cloze no Ensino Fundamental: evidências de validade de critério. *Psicologia da Educação*. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. ISSN 2175-3520, (45). <https://doi.org/10.5935/2175-3520.20170015>
- Oliver, A., Galiana, L., Sancho, P., & Tomás, J. M. (2015). Espiritualidade, esperança e dependência como preditoras da satisfação vital e a percepção de saúde: efeito moderador de ser muito mais velho. *Aquichan*, 15(2), 228-238.: <https://dx.doi.org/10.5294/aqui.2015.15.2.7>.
- Organização Mundial de Saúde. (2017). *Estratégia global e plano de ação sobre o envelhecimento e saúde*. <http://who.int/ageing/GSAPSummary-EN.pdf>.
- Organização Pan-Americana de Saúde (2020). Assembleia Geral da ONU declara 2021-2030 como Década do Envelhecimento Saudável. <https://www.paho.org/pt/noticias/14-12-2020-assembleia-geral-da-onu-declara-2021-2030-como-decada-do-envelhecimento>.

- Osório, N. B. (2006). *Universidade da Maturidade/Universidade Federal do Tocantins: a sensibilização do ser humano acima de 45 anos para um envelhecimento digno e ativo*.
- Osório, N. B. et al. (2013). O velho, a violência e a educação: Reflexões sobre a violência com velhos em Palmas/TO. In J. Santana, J. Apolinário, D. Rocha, & C. Rolim (Orgs.), *Resiliências Educativas* (pp. 209-227). América.
- Parente, M. A. de M. P. et al. (2006). *Cognição e envelhecimento*. Artmed.
- Parente, M. A. M. P., Carthery-Goulart, M. T., Zimmermann, N.; & Fonseca, R. P. (2012). Sociocultural factors. Brazilian neuropsycholinguistic studies. *Psychology & Neuroscience*; 5(2): 125-133. [10.3922/j.psns.2012.2.02](https://doi.org/10.3922/j.psns.2012.2.02).
- Parente, M. A. M. P.; Scherer, L. C.; Zimmermann, N.; & Fonseca, R. P. (2009). Evidências do papel da escolaridade na organização cerebral. *Revista Neuropsicologia Latinoamericana*; 1 (1): 72-79. https://www.neuropsicolatina.org/index.php/Neuropsicologia_Latinoamericana/article/view/11
- Paschoal, S. M. P. (2000). *Qualidade de vida do idoso: elaboração de um instrumento que privilegia sua opinião*. [Dissertação de mestrado] Universidade de São Paulo. <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2009/06/tdesergio1.pdf>
- Paschoal, S. M. P. (2017). Qualidade de Vida na Velhice. In E. V. Freitas & L. Py (eds.). *Tratado de geriatria e gerontologia* (4. ed., pp. 262–278).
- Pereira, E. F., Teixeira, C. S., & Santos, A. (2012). Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. *Revista Brasileira de Educação Física Esporte*. V.26, n. 2, 241-250. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000200007>
- Pereira, É. F., Teixeira, C. S., & Santos, A. D. (2012). Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. *Revista brasileira de educação física e esporte*, 26, 241-250. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000200007>
- Pereira, F. (Coord.) (2012). *Teoria e Prática da Gerontologia – Um guia para cuidadores de idosos*. Psico & Soma. <http://hdl.handle.net/10198/8887>
- Pereira, R. M. P., Batista, M. A., Meira, A. S., Oliveira, M. P., & Kusumota, L. (2017). Qualidade de vida de idosos com doença renal crônica em tratamento conservador. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 70(4): 851-859. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0103>
- Perissé, G. (2010). *Palavras e origens* (2ª ed.). Saraiva.
- Pessini, L. (2007). Finitude: viver no pesadelo do cronos ou escolher a bênção do cairós? In *Velhices: reflexões contemporâneas* (pp. 61-71). SESC/SP.
- Pinto, I. V. L., Reis, A. M. M., Almeida-Brasil, C. C., Silveira, M. R., Lima, M. G., & Ceccato, M. G. B. (2016). *Avaliação da compreensão da farmacoterapia entre*

idosos atendidos na Atenção Primária à Saúde de Belo Horizonte. Editora: *Ciência & Saúde Coletiva*, 21, 3469-3481.

- Pizzolato, C. E. (2008). A sala de aula de língua estrangeira com adultos da terceira idade. In C. H. Rocha, & E. A. Basso (Orgs.), *Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores* (pp. 237-255). Claraluz.
- Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento (2002) (parágrafo 19), Tradução de Arlene Santos. Brasília (DF): Secretaria Especial dos Direitos Humanos.
- Ponzio, A. (2010). A concepção bakhtiniana do ato: como dar um passo. In M. Bakhtin *Para uma filosofia do Ato Responsável* (pp. 9-38). Pedro & João Editores.
- Ponzio, A. (2011). *Revolução bakhtiniana*. Contexto.
- Ponzio, A. (2012). *Dialogando sobre diálogo na perspectiva bakhtiniana*. Pedro & João Editores.
- Ponzio, A. A (2016). *Revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Contexto.
- Quintas, J. L.; Camargos, E. F.; Melo, C. V. S.; Nóbrega, O. T. (2017). Influência da escolaridade e da idade em testes cognitivos. *Revista Geriatr Gerontol Aging*, v. 11, n. 4, p. 165-169. <https://cdn.publisher.gn1.link/ggaging.com/pdf/v11n4a03.pdf>.
- Ramos, L. R. (2003). Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano.: *Projeto Epidoso*, Cad Saúde Pública; 19(3): 793-7. https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v19n3/15882.pdf
- Reis, L. M. A. (2011). *Novos velhos: viver e envelhecer bem*. Editora: Record.
- Rocha, H. M. S.; Araújo, T. M. (2021). Neuroplasticidade na reabilitação de pacientes acometidos por AVC Espástico: Terapia de Restrição e Indução do Movimento (TRIM). *RCMOS -Revista Científica Multidisciplinar O Saber*, v. 3, n. 3, p. 01-07.
- Rodrigues, A. B., Yamashita, É. T.; & Chiappetta, A. L. M. L. (2008). Teste de fluência verbal no adulto e no idoso: verificação da aprendizagem verbal. *Revista CEFAC*, Volume 10, nº 4, 443-451. <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/FzHrZfSzvYzBNPrB3vXLB4w/?format=pdf&lang=pt>
- Rodrigues, O. P. (2022). *Direitos da pessoa idosa*[recurso eletrônico]/Osvaldo Peregrina Rodrigues. -2. ed. –Editora Foco, ePUP. ISBN: 978-65-5515-437-5 (Ebook).
- Román, X. A. S., Toffoletto, M. C., Sepúlveda, J. C. O., Salfate, S. V., & Grandón, K. L. R. (2017). Fatores associados ao bem-estar subjetivo dos idosos. *Texto &*

Contexto - Enfermagem, 26(2), e5460015. Epub 26 de junho., <https://doi.org/10.1590/0104-07072017005460015>.

- Rossato et al, (2021). Estatuto da criança e do adolescente: Lei 8.069/90- Comentando artigo por artigo. 12 ed. São Paulo- Saraiva Educação.
- Sánchez, E. (2002). *Compreensão e redação de textos: dificuldades e ajudas*. Artmed.
- Santos, A. A. A. (2004). O Cloze como técnica de diagnóstico e remediação da compreensão em leitura. *Interação em Psicologia*, 8 (2), 217-226. <https://doi.org/10.5380/psi.v8i2.3257>
- Santos, A. A. A. (2005). *O teste de Cloze como instrumento de diagnóstico e de desenvolvimento da compreensão em leitura* (Relatório técnico de bolsista produtividade enviado ao CNPq). Universidade São Francisco.
- Santos, A. A. A. D., & Monteiro, R. M. (2016). Validade do Cloze enquanto técnica de avaliação da compreensão de leitura. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 7(2), 86-100. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000200006&lng=pt&tlng=pt
- Santos, A. A. A., & Oliveira, E. Z. (2010). *Avaliação e desenvolvimento da compreensão em leitura no ensino fundamental*. *Psico - USF*, 15, (1) 93-102. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000100009>.
- Santos, A. A. A., Boruchovitch, E., & Oliveira, K. L. (2007). Análise da fidedignidade entre dois tipos de pontuação do teste de Cloze. *Psicologia em Pesquisa*, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 1, n. 1, 41-51. <https://doi.org/10.24879/200700100100444>
- Santos, A. A. A., Boruchovitch, E., & Oliveira, K. L. (2009). *Cloze: um instrumento de diagnóstico e intervenção*. Casa do Psicólogo.
- Santos, A. A. A., Suehiro, A. C. B., & Oliveira, K. L. (2004). Habilidades em compreensão da leitura: um estudo com alunos de psicologia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v, 21 n (2), 29-41. <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/SD5vGLzrRNTk4Wv46CbmjCk/?format=pdf&lang=pt>
- Santos, N. L. dos., & Silva, S. L. C. da. (2013). A compreensão leitora de alunos de cursos técnicos e superiores. *Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia*, 2(1). <https://doi.org/10.35819/tear.v2.n1.a1795>
- Santos, S. R., Santos, I. B. C., Fernandes, M. G., & Henriques, M. E. R. (2002). Qualidade de vida do idoso na comunidade: aplicação da Escala de Flanagan. *Rev. Latino-Am, Enfermagem*, 10(6), 757-64. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692002000600002>

- Scherer, L. C., Gabriel, R., Flôres, O. C.; & Molina, J. A. (2008). A compreensão leitora em diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade. *Anais do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL*.
- Seidl, E. M. F., & Zannon C. M. L. C. (2004). Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais metodológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(2), 580–588. <https://www.scielo.br/j/csp/a/NR7QD9Q4D3N7DmHg7ms79fG/?format=pdf&lang=pt>
- Seidl, E. M. F.; & Zannon, C. M. L. da C. (2004) Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. *Cad. Saúde Pública*, 20(2), 580–588. <http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n2/27.pdf>
- Silva L. R. F. (2008). Velhice à terceira idade: traçando o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde*, 15(1), 155–168. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009>
- Silva, A. M. C. (2003). *Formação, percursos e identidades*. Quarteto Editora. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/572/1/MariaCostaSilva.pdf>
- Silva, M. J. M. D., & Santos, A. A. A. D. (2004). A avaliação da compreensão em leitura e o desempenho acadêmico de universitários. *Psicologia em estudo*, 9, 459–467. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000300014>
- Smith, F. (1991). *Compreendendo a leitura*. Artes Médicas Sul Ltda.
- Smith, F. (2003). *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler* (4ª ed.). Artmed.
- Soares, C., Marques, A. M., Silva, M. G., Cerqueira, A., Bonança, I. & Arguello, P. (2014). Are social representations of positive ageing effective? The ageing process through the eyes of elderly. *Journal of Spatial and Organizational Dynamics*, 2(2), 41–54. <http://hdl.handle.net/10400.26/6533>
- Soares, M. (2002). Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, 23, 143-160.
- Sobral, A. (2012). Ato/atividade e evento. In B. Brait, (Orgs.). *Bakhtin: conceitos-chave*. (5ª ed. p. 11–36.) Contexto.
- Solé, I. (2015). *Estratégias de Leitura* (6ª ed.). Penso Editora.
- Sousa, D. M de. (2013). *Universidade da Maturidade: “UMA” metodologia de atenção ao processo de envelhecimento humano na Universidade Federal do Tocantins*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional da Universidade Federal do Pará. <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/6265>
- Sousa, D. M. de., Parreira, N. S. M., Costa, A. M. R. da., Costa, F. M. da S., & Osório, N. B. (2021). Educação e aprendizagem ao longo da vida: uma prática educativa

- na Universidade da Maturidade. *Brazilian Journal of Development*, 7(1), 10864-10877. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n1-742>
- Sousa, F. C. (2008). O que significa ser adulto? – As práticas e as representações sociais – A Sociologia do adulto. *VI Congresso Português de Sociologia*. Número de série 395. p. 295.
- Souza, J. N. de., Chaves, E. C. (2005). O efeito do exercício de estimulação da memória em idosos saudáveis. *Relato de Pesquisa. Rev Esc Enferm USP*; 39(1), 13–9. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342005000100002>
- Souza, L. N. N., Carvalho, P. H. B., & Ferreira, M. E. C. (2018). Quality of life and subjective well-being of physically active elderly people: a systematic review. *Journal of Physical Education and Sport*, 18(3), 1615–1623. <https://doi.org/10.7752/jpes.2018.03237>
- Souza, M. A. (2007). *Educação de jovens e adultos*. IBPEX.
- Souza, R. M. (2002). *A idosa analfabeta e seu cotidiano: como o idoso vive na sua sociedade sem condições de ler e escrever?* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório Institucional da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo .
- Steen-Baker, A. A., Ng, S., Payne, B. R., Anderson, C. J., Federmeier, K. D., & Stine-Morrow, E. A. L. (2017). The effects of context on processing words during sentence reading among adults varying in age and literacy skill. *Psychology and Aging*, Aug; 32(5), 460–472. <https://doi.org/10.1037/pag0000184>
- Stuart-Hamilton, I. (2002). *A psicologia do envelhecimento: uma introdução* (3ª ed.). Artmed.
- Suehiro, A. C. B. (2013). Produção científica sobre o teste de Cloze. *Psicologia Escolar e Educacional*, 17, 223-232. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572013000200004>
- Suehiro, A. C. B., & Boruchovitch, E. (2016). Compreensão em leitura em estudantes do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. *Psico-USF*, 21, 561–572.
- Suehiro, A. C. B., & dos Santos, A. A. A. (2012). Validade concorrente entre instrumentos de avaliação da compreensão em leitura e da escrita. *Psicologia Argumento*, 30(68). <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.5891>
- Suehiro, A. C. B., & Santos, A. A. A. (2009). O Teste de Cloze e o Desenvolvimento Percepto-Motor no Início da Escolarização. In A. A. A. dos Santos, E. Boruchovitch & K. L. de Oliveira (Orgs.), *Cloze: Um instrumento de diagnóstico e intervenção* (pp. 188–225). Casa do Psicólogo.
- Tavares, D. M. dos S., Bolina, A. F., Dias, F. A., Ferreira, P. C. dos S., & Santos, N. M. de F. (2018). Excesso de peso em idosos rurais: associação com as condições de saúde e qualidade de vida. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(3), 913–922. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018233.25492015>

- Tavares, D. M. S., Matias, T. G. C., Ferreira, P. C. S., Pegorari, M. S., Nascimento, J. S., & Paiva, M. M. (2016). Qualidade de vida e autoestima de idosos na comunidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(11), 3557–3564. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152111.0303201>
- Taylor, W. L. (1953). Cloze procedure: A a new tool for measuring readability. *Journalism Quarterly*, 30, 415–433. <https://doi.org/10.1177%2F107769905303000401>
- Teixeira, É. M. S. (2017). *A Importância da Universidade Sênior para um envelhecimento ativo: Universidade Sênior de Machico um estudo de caso na RAM*. [Tese de mestrado, Universidade da Madeira]. Repositório Científico Digital da Universidade da Madeira. <http://hdl.handle.net/10400.15/1807>
- Trentini, C. M., Xavier, F. M. F., & Fleck M. P. (2006). Qualidade de vida em idosos. In M. A. M. Parente (Org.), *Cognição e envelhecimento* (pp. 19–29). Artmed. <http://hdl.handle.net/10183/3471>
- Triviños, A. N. S. (2012). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação* (2ª ed.). Atlas.
- Uddin, M. N, & Islam, F. M. A. (2019). Psychometric evaluation of an interview-administered version of the WHOQOL-BREF questionnaire for use in a cross-sectional study of a rural district in Bangladesh: an application of Rask analysis. *BMC Health Serv. Res.* Apr 5, 19(1), 216. <https://doi: 10.1186/s12913-019-4026-0>
- UFT - Universidade Federal do Tocantins (2020). *Projeto Político Pedagógico da Universidade da Maturidade-UMA*.
- Vasconcelos, E. (2007). Educação popular: instrumento de gestão participativa dos serviços de saúde. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de educação popular e saúde: MS, p. 19-29.
- Vygotsky, L. S. (2005). *Pensamento e linguagem*. (3ª ed.). Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2008). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. (7ª ed.). Martins Fontes.
- Who Scientific Group on the Epidemiology of Aging. (1984). *The uses of Epidemiology in the study of the elderly* (No. 706). World Health Organization.
- Who (2005) *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Organização PanAmericana da Saúde.
- Wong, L. R., & Moreira, M. M. (2000). Envelhecimento e desenvolvimento humano: As transformações demográficas anunciadas na América Latina (1950-2050). In F. Lozano Ascencio (Ed.), *Anais de la VI Reunión Nacionalde Investigación Demográfica en México: Balance y Perspectivas de la Demografía Nacional ante el Nuevo Milenio* (pp. 31). Universidad Nacional Autónoma de México.

- World Health Organization (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Organização Pan-Americana da Saúde.
- Yang, F., Dawes, P., Leroi I., & Gannon, B. (2017). Measurement tools of resource use and quality of life in clinical trials for dementia or cognitive impairment interventions: protocol for a scoping review. *Siesta Rev*, 6(1), 22. <https://doi.org/10.1186/s13643-017-0418-6>
- Yassuda, M. S. (2006). Memória e envelhecimento saudável. In Freitas, E. V., L. Py, F. A. X. Cançado, J. Doll, & M. L. Gorzoni (Eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (2ª ed. pp. 1245–1251). Guanabara Koogan.

ANEXOS

Anexo A: Questionário “Eu e UMA”



QUESTIONÁRIO “EU E A UMA”

Este questionário tem como finalidade obter informações sobre a contribuição da compreensão leitora e da linguagem para a qualidade de vida dos alunos que frequentam a Universidade da Maturidade. Será utilizado exclusivamente para fins académicos e como parte de Pesquisa no Doutoramento em Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem da Universidade Fernando Pessoa intitulado **LINGUAGEM, COMPREENSÃO LEITORA E QUALIDADE DE VIDA DOS ACADÊMICOS DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE.**

O preenchimento estimado é de 25 minutos.

O anonimato e a confidencialidade das informações prestadas estão garantidos. O preenchimento é feito assinalando a alternativa escolhida e explicando-a sempre que for necessário.

1. Enumere as atividades internas e externas de sua preferência na UMA.

2. Em que medida está satisfeito ou insatisfeito com a sua participação na UMA?

Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito

3. Tempo de participação na UMA?

- Menos de 1 ano
 Entre 1 a 3 anos.
 Entre 3 a 5 anos.
 Entre 5 a 10 anos
 Mais de 10 anos

CONTEXTO DE COMPREENSÃO NA UMA

4. A Universidade da Maturidade está preparada para receber os adultos e velhos com base na perspectiva do envelhecimento ativo?

1	Não concordo totalmente	
2	Não concordo parcialmente	
3	Indiferente	
4	Concordo parcialmente	
5	Concordo totalmente	

5. Qual motivo o (a) levou a procurar a UMA?

6. A equipe de gestão da Universidade da Maturidade apresenta para os alunos preparação e conhecimento especializado para o trabalho/atendimento satisfatório de atendimentos aos participantes?

Sim Não

- 6.1. Porquê?(*Descreva*)

7. Gerou alguma expectativa para a matrícula na UMA (assinale com uma cruz a/as resposta/s que considerar que têm a ver consigo);

- Melhorar o conhecimento em geral
 Melhorar a autoestima
 Sair da solidão
 Fazer novas amizades
 Distanciamento da família
 A possibilidade de uma melhor qualidade de vida.

8. Você percebeu algum resultado quanto à sua linguagem **oral**, antes e depois da frequência da UMA? (A oralidade pressupõe um envolvimento maior entre os falantes, evidenciando a comunicação entre os que estão próximos e/ou com o mundo ao seu redor.)

Sim Não

8.1. Quais foram eles?

9. Percebe uma **compreensão de mundo** por meio da oralidade (parte oral ou uso falado de uma língua), antes e depois da frequência da UMA?

Sim Não

9.1. Porquê? -

10. Como você vê a sua comunicação oral na relação com seus familiares, antes e depois da frequência da UMA?

Muito pior	Pior	Nem melhor nem pior	Melhor	Muito melhor

11. Gosta de ler?

Sim Não

11.1. Se sim, o que lê (revistas, livros...)

12. Percebeu alguma mudança na sua **compreensão leitora** antes e depois da frequência da UMA? (Entende melhor o texto escrito e consegue lembrar-se do que leu com mais facilidade...a).

Sim Não

12.1. Se sim, quais?

13. Como avalia a sua **leitura de textos**, jornais, revistas, livros após a frequência da UMA

Muito pior	Pior	Nem melhor nem pior	Melhor	Muito melhor

14. Em que medida é capaz de avaliar a sua **qualidade de vida** antes e após o ingresso na UMA?

Muito Pior	Pior	Nem pior nem melhor	Melhor	Muito melhor

14.1 Porquê?

15. O que a Universidade da Maturidade representa para você?

16. As **expetativas** que tinha quando se matriculou foram satisfeitas?

Sim Não

OBRIGADA PELA SUA CONTRIBUIÇÃO!

Anexo B: Teste Cloze. Texto “Posso viver melhor”

Posso viver melhor

Acácia Angeli dos Santos (2012)

Muitas pessoas não sabem ler nem escrever! Pra mim também não deu! Foi difícil!

No entanto, agora vou _____. Este é um jeito _____ poder ser mais livre, _____ depender dos outros para _____ o que se precisa.

_____ chegar a um lugar que queremos? Como se faz _____ descobrir para aonde vai _____ ônibus? Como ter aquela _____ de bolo bom que _____ na televisão? É difícil _____ pela cidade sem poder _____ nenhuma das placas das _____.

Mas agora aprendi a _____ e escrever e ainda _____ aprender mais. Assim, vou ter uma vida melhor. Poderei participar muito mais das coisas!!!

Anexo C: Questionário Whoqol-Bref

WHOQOL - ABREVIADO

Versão em Português

PROGRAMA DE SAÚDE MENTAL
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE
GENEVA

Coordenação do GRUPO WHOQOL no Brasil

Dr. Marcelo Pio de Almeida Fleck
Professor Adjunto
Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre – RS - Brasil

Instruções

Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. **Por favor, responda a todas as questões** . Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha.

Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência as **duas últimas semanas** . Por exemplo, pensando nas últimas duas semanas, uma questão poderia ser:

	nada	muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número que melhor corresponde ao quanto você recebe dos outros o apoio de que necessita nestas últimas duas semanas. Portanto, você deve circular o número 4 se você recebeu "muito" apoio como abaixo.

	nada	muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número 1 se você não recebeu "nada" de apoio.

Por favor, leia cada questão, veja o que você acha e circule no número e lhe parece a melhor resposta.

		muito ruim	ruim	nem ruim nem boa	boa	muito boa
1	Como você avaliaria sua qualidade de vida?	1	2	3	4	5

		muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
2	Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde ?	1	2	3	4	5

As questões seguintes são sobre **o quanto** você tem sentido algumas coisas nas últimas duas semanas.

		nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
3	Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?	1	2	3	4	5
4	O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?	1	2	3	4	5
5	O quanto você aproveita a vida ?	1	2	3	4	5
6	Em que medida você acha que a sua vida tem sentido ?	1	2	3	4	5
7	O quanto você consegue se concentrar ?	1	2	3	4	5
8	Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária ?	1	2	3	4	5
9	Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre **quão completamente** você tem sentido ou é capaz de fazer certas coisas nestas últimas duas semanas.

		nada	muito pouco	médio	muito	completamente
10	Você tem energia suficiente para seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
11	Você é capaz de aceitar sua aparência física ?	1	2	3	4	5
12	Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades ?	1	2	3	4	5
13	Quão disponíveis para você estão as informações que precisa no seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
14	Em que medida você tem oportunidades de atividade de lazer ?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre **quão bem ou satisfeito** você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas.

		muito ruim	ruim	nem ruim nem bom	bom	muito bom
15	Quão bem você é capaz de se locomover?	1	2	3	4	5

		muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
16	Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?	1	2	3	4	5
17	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
18	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?	1	2	3	4	5
19	Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?	1	2	3	4	5
20	Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?	1	2	3	4	5
21	Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?	1	2	3	4	5
22	Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?	1	2	3	4	5
23	Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?	1	2	3	4	5
24	Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?	1	2	3	4	5
25	Quão satisfeito(a) você está com o seu meio de transporte?	1	2	3	4	5

As questões seguintes referem-se a **com que frequência** você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas.

		nunca	algumas vezes	frequentemente	muito frequentemente	sempre
26	Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?	1	2	3	4	5

Alguém lhe ajudou a preencher este questionário?.....

Quanto tempo você levou para preencher este questionário?.....

Você tem algum comentário sobre o questionário?

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

Anexo D: Parecer da Plataforma Brasil

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LINGUAGEM, COMPREENSÃO LEITORA DOS ACADÊMICOS DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE

Pesquisador: DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 28928819.4.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.623.631

Apresentação do Projeto:

A pesquisa busca investigar o processo de ensino aprendizagem da linguagem e da leitura e a implicação destas aprendizagens na qualidade de vida, de pessoas de ambos os sexos, participantes da Universidade da Maturidade. Tem como objetivos específicos conhecer as expectativas dos alunos para a matrícula na UMA; elaborar e aplicar um inquérito por questionário para conhecer a percepção dos alunos quanto à linguagem, relação com familiares e compreensão do mundo através da oralidade, antes e depois da frequência da mesma; conhecer a percepção dos alunos sobre a frequência à UMA quanto à linguagem, relação com familiares e compreensão do mundo através da oralidade, antes e depois da frequência da mesma; avaliar a compreensão leitora antes e depois da frequência da UMA; avaliar a qualidade de vida dos alunos antes e após o ingresso na UMA; avaliar a compreensão leitora antes e depois da frequência da UMA. Seguirá uma abordagem quanti-qualitativa a forma estudo de caso. As informações serão coletadas por meio de questionário. Os participantes serão os acadêmicos da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins de ambos os sexos, idade de 45 anos para mais e de diferentes NSE. Pretende-se, portanto, discutir a linguagem na sua forma de comunicação essencialmente como um ato/fator social pelo qual os indivíduos se interagem, a compreensão leitora e as implicações na Qualidade de Vida. Almeja-se que essa tese possa ser uma referência sobre o pensar a linguagem humana com menção às pessoas adultas e velhas, não apenas como instrumento de comunicação, mas acima de tudo, como forma de interação social.

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO **Município:** PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uf@uft.edu.br

Continuação do Parecer: 4.623.631

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar a contribuição da compreensão leitora e da linguagem para a qualidade de vida dos alunos que frequentam a Universidade da Maturidade, considerando o sexo, a idade e o nível socioeconômico.

Objetivo Secundário:

Conhecer as expectativas dos alunos para a matrícula na UMA;• Elaborar e aplicar um inquérito por questionário para conhecer a percepção dos

alunos quanto à linguagem, relação com familiares e compreensão do mundo através da oralidade, antes e depois da frequência da mesma;•

Conhecer a percepção dos alunos sobre a frequência à UMA quanto à linguagem, relação com familiares e compreensão do mundo através da

oralidade, antes e depois da frequência da mesma;• Avaliar a compreensão leitora antes e depois da frequência da UMA;• Avaliar a qualidade de

vida dos alunos antes e após o ingresso na UMA;• Avaliar a compreensão leitora antes e depois da frequência da UMA.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A técnica de Observação de acordo Günther (2006), apresenta documentos, diários, vídeos, gravações como meios de registros além de incluir

notas de comportamento e estados subjetivos, registrando manifestações humanas observáveis.

Tjora (2006) afirma que o método de observação faz demandas substanciais sobre o pesquisador e pode ser uma das formas mais difíceis de

pesquisa para aplicar em seu próprio ambiente. A vida cotidiana, que aceitamos sem questionar, pode tornar invisíveis coisas que seriam relevantes

para o observador. Há o risco, portanto de ser rejeitado por causa da grande necessidade de presença do pesquisador, ou, num segundo momento,

o risco de não ser capaz de lidar com o fato de passar tanto tempo junto com os objetos do próprio estudo, e, ainda, o medo de acabar com pilhas

de dados que podem não ser capazes de analisar (Tjora, 2006).

Por outro lado, dilemas éticos e metodológicos, enfrentados pelo observador participante interno são, muitas vezes, escondidos porque o informante

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

Continuação do Parecer: 4.623.631

pode assumir que existe uma vantagem mensurável inerente em ver as coisas a partir do interior e porque a realização é, ainda que não totalmente,

um produto da própria percepção do pesquisador. Ainda existe a ideia de que a posição relativa do observador participante pode revelar uma nova perspectiva, um significado oculto ou uma compreensão única que não é alcançável por um estranho (Labaree, 2002).

Devido à diversidade de culturas e de NSE diferentes poderá haver dificuldades no acesso/compreensão dos materiais. Caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, ao participante, este terá assegurado o direito à indenização. Receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar sua participação a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, se decorrentes dessa. De modo que no desenvolvimento desta pesquisa os riscos à participante da pesquisa, com o uso do questionário, poderão eventualmente acontecer pelo desgaste emocional por contrariedade pelo uso de seu tempo, pela exposição de suas concepções, desconforto, constrangimento, inibição, medo, vergonha, receio de revelar informações, sentimento de invasão de privacidade, recordações negativas e estigmatização. Caso ocorram tais riscos, o questionário será suspenso imediatamente.

Benefícios:

A pesquisa contribuirá direta e indiretamente no sentido de pensar na linguagem como recursos para novas vivências e experiências capazes de ampliar com intensidade, no repertório dos adultos e velhos (objetos desse estudo), oportunidades para diversas interações que busque conhecê-los melhor, como prática de respeito aos seus direitos, considerando-os seres sociais para a construção efetiva da cidadania e do bem comum.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto representa uma contribuição para Investigar a contribuição da compreensão leitora e da linguagem para a qualidade de vida dos alunos que frequentam a Universidade da Maturidade, considerando o sexo, a idade e o nível socioeconômico

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoxarifado
Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3232-8023 **E-mail:** cep_uft@uft.edu.br

Continuação do Parecer: 4.623.631

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto contempla os itens obrigatórios da resolução 466/12.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora, conforme solicitado pelo CEP, inseriu no projeto e no TCLE, as descrições adequadas quanto aos critérios de exclusão e de riscos; fez o preenchimento da folha de rosto, bem como a mesma foi assinada pelo Diretor do Campus de Araguaína; fez a inclusão do orçamento e atualizou o cronograma do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Reitera-se que, conforme Resolução CNS 466/2012, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, e Resolução CNS 510/2016, Art. 28, inc. V, os pesquisadores responsáveis deverão apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1427653.pdf	13/01/2021 10:02:11		Aceito
Outros	CARTARespostaPendenciaCEP27012020.docx	27/01/2020 20:57:22	DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDoutoramento25012020.pdf	27/01/2020 20:55:31	DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto25012020.pdf	27/01/2020 20:53:43	DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE25012020.pdf	27/01/2020 20:49:45	DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDoutoramento28122019.pdf	30/12/2019 20:59:13	DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA	Aceito
Outros	AutorizacaoDiretor.pdf	30/12/2019 20:55:31	DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA	Aceito
Outros	Autorizacoes.pdf	30/12/2019 20:53:02	DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA	Aceito

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado
Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3232-8023 **E-mail:** cep_uft@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.623.631

Outros	DeclaracaoUMA.pdf	30/12/2019 20:51:15	DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	infraestrutura.pdf	30/12/2019 20:45:09	DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	31/10/2019 11:10:47	DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	31/10/2019 10:47:51	DOMINGAS MONTEIRO DE SOUSA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 31 de Março de 2021

Assinado por:
PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado
Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3232-8023 **E-mail:** cep_uft@uft.edu.br

Anexo E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

1/2

TCLE

n.º: 01/01

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.

O Sr.(a) _____ está sendo convidado(a) para participar da pesquisa LINGUAGEM, COMPREENSÃO LEITORA E QUALIDADE DE VIDA DOS ACADÊMICOS DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE. Esta pesquisa será realizada pelas pesquisadoras Domingas Monteiro de Sousa e Ana Rodrigues Costa, do Curso de Doutorado em Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem da Universidade Fernando Pessoa de Porto, Portugal, sob orientação do(a) Prof.(a) Ana Rodrigues Costa. O objetivo dessa pesquisa é investigar o processo de ensino aprendizagem da linguagem e da leitura e a implicação destas aprendizagens na qualidade de vida, de pessoas de ambos os sexos, participantes da Universidade da Maturidade - UMA.

O (a) senhor (a) tem o direito e a liberdade de recusar a participar da pesquisa, bem como de retirar seu consentimento seja antes ou depois da coleta dos dados independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo, represálias ou exigências de qualquer natureza. No desenvolvimento desta pesquisa os riscos à participante da pesquisa, com o uso do questionário, poderão eventualmente acontecer pelo desgaste emocional por contrariedade pelo uso de seu tempo, pela exposição de suas concepções, inibição, medo, vergonha, receio de revelar informações, sentimento de invasão de privacidade, recordações negativas e estigmatização. Caso ocorram tais riscos, o questionário será suspenso imediatamente.

O Processo de coleta de dados será composto, a saber: de um questionário impresso contendo 16 perguntas. O (a) participante fará o preenchimento individual do questionário, com a duração de 25 minutos, efetuados para todos juntos, na sala de aula ou em um outro local a ser agendado e disponibilizado pela coordenação, que será devolvido mais tarde. Os registros sonoros de conversa não serão divulgados, sendo que, se necessários serão utilizados apenas para extrair os dados.

Os resultados da pesquisa serão divulgados a participante, garantindo-lhe o acesso a eles; e poderá ocorrer a possibilidade de publicação, mas a sua identidade não será reconhecida, pois todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e a sua orientadora terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

Esclarecemos que o (a) senhor (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação, sendo a título de voluntariado para fins de estudo científico. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas ou ressarcidas pela pesquisadora. E em qualquer momento se o participante sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa terá direito a indenização.

Para obtenção de qualquer outra informação e esclarecimentos, o (a) Senhor (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora Domingas Monteiro de Sousa no endereço: Rua das Guariubas Lote 11 Quadra 70, CEP: 77824-806 – Araguaína – TO. Fone: (63) 3415 4015. Ou pelo e-mail: domonts@uft.edu.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa - CEP - é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa seja realizada. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicada de alguma forma, ou para obter informações, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa Com Seres Humanos da Universidade Federal do Tocantins (CEP-UFT) – Endereço: Quadra 109 Norte, Avenida NS 15, ALCNO 14, Plano Diretor Norte, Campus Universitário de Palmas, Prédio do Almojarifado, CEP: 77.001-090, Palmas-TO. E-mail: ccp_uft@uft.edu.br – Fone: (63) 3232 8023

Este documento é emitido em duas vias que serão, ambas, assinadas por mim, responsável pela pesquisa e pelo (a) Senhor (a), ficando uma via com cada um de nós.

Consentimento Pós-informação

Eu.....abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “.....”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informada e esclarecida pelo pesquisador responsável.....sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito. Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Araguaína, ____ de _____ de 2021.

Assinatura do participante

Domingas Monteiro de Sousa
Pesquisadora
Doutoranda do Curso Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem
Universidade Fernando Pessoa.

Anexo F: Validação Teste Cloze

05/11/2019

E-mail de Universidade Federal do Tocantins - Validação Teste Cloze



Domingas Monteiro de Sousa <domonts@mail.uft.edu.br>

Validação Teste Cloze

Acacia Aparecida Angeli dos Santos <acacia.santos@usf.edu.br>
Para: Domingas Monteiro de Sousa <domonts@mail.uft.edu.br>

25 de agosto de 2019 18:53

Prezada Domingas,

Bom saber do seu interesse pelo Cloze para pessoas com escolaridade tardia. Tenho uma história elaborada para este fim. Seria muito interessante que vc a usasse. Ainda não tenho estudos publicados com resultados, visto que as pessoas que a usaram não fizeram trabalhos sistematizados o suficiente para podermos levar à publicação.

Envio anexo para que analise a possibilidade de usa-la com a sua amostra.

Abs

Acácia Aparecida Angeli dos Santos
Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia-USF
Universidade São Francisco - Campinas/SP - F: + 55 19 37793300
<http://lattes.cnpq.br/3914656553853164>
orcid.org/0000-0002-8599-7465

[Texto das mensagens anteriores oculto]

 **Vida melhor_Texto Cloze adultos.docx**
14K

Anexo G: Autorização - Coordenação da UMA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
UNIVERSIDADE DA MATURIDADE - UMA

Ofício n.º 07/2019

Araguaína, 09 de setembro de 2019.

À Senhora
Inês Gomes
Coord. do Doutorado em Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem
UFP- Porto- Portugal

Prezada Professora,

Venho por meio deste autorizar a realização da pesquisa com os acadêmicos que participam do Programa Universidade da Maturidade - UMA/UFT, cujo tema é **“LINGUAGEM, COMPREENSÃO LEITORA E QUALIDADE DE VIDA DOS ACADÊMICOS DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE”**, realizada pelo pesquisador responsável: **Profª Ana Rodrigues da Costa – PhD**, professora orientadora e, a autora do Projeto, aluna do Doutorado em Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem-UFP/ Porto/Pt, **Domingas Monteiro de Sousa**. Declaro ainda que há infraestrutura e viabilidade necessárias para o bom desenvolvimento do estudo proposto.

Sem mais, coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessário.

Respeitosamente,

Assinatura manuscrita em tinta azul de Neila Barbosa Osório.

Profª Drª Neila Barbosa Osório
Coordenadora Geral da Universidade da Maturidade

Anexo H: Autorização - Diretor do Campus Universitário



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TOCANTINS / CÂMPUS ARAGUAÍNA.
UNIVERSIDADE DA MATURIDADE.

Autorização

Eu, professor Dr. Luis Eduardo Bovolato, autorizo a Doutoranda **Domingas Monteiro de Sousa** matrícula nº 39374, do Doutorado em Desenvolvimento da Perturbação da Linguagem, da Universidade Fernando Pessoa na cidade do Porto/ Portugal a realizar sua pesquisa de Doutorado, na Universidade Federal do Tocantins, junto à Universidade da Maturidade (UMA), no Câmpus da cidade de Araguaína (TO).

Araguaína, 09 de Dezembro de 2019.

Luis Eduardo Bovolato
Reitor
Decreto Presidencial de 08/09/2017
DOU nº 174, de 11/09/2018
Universidade Federal do Tocantins

Professor Doutor Luis Eduardo Bovolato.
Magnífico Reitor da Universidade Federal do Tocantins.

Anexo I: Autorização - Reitor da UFT

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
DIREÇÃO DO CÂMPUS

Rua Paraguai, s/nº | 77824-838 Araguaína/TO
(63) 3416 5601 | www.uft.edu.br | diraraguaina@uft.edu.br



Autorização

Eu, professor José Manoel Sanches da Cruz Ribeiro, autorizo a Doutoranda Domingas Monteiro de Sousa, com a matrícula nº 39374, do Programa de Pós-graduação-Doutoramento em Desenvolvimento e Perturbações de Linguagem, da Universidade Fernando Pessoa em Porto - Portugal, a realizar sua pesquisa de Doutorado, na Universidade Federal do Tocantins, junto à Universidade da Maturidade (UMA), no Câmpus da cidade de Araguaína (TO).

Araguaína, 26 de Agosto de 2019.

Professor Doutor José Manoel Sanches da Cruz Ribeiro
Diretor do Câmpus de Araguaína
Universidade Federal do Tocantins.

José Manoel Sanches da C. Ribeiro
Diretor do Câmpus
Pct. da Reitoria nº 1.377/28-07-16
Mat.: 2455661
UFT - Câmpus de Araguaína